

Luiz Guilherme Marques

**PSICOLOGIA ESPÍRITA
BASEADA NA
REFORMA MORAL**

Editora AMCGuedes

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

PSICOLOGIA ESPÍRITA BASEADA NA REFORMA MORAL

Luiz Guilherme Marques

Ninguém vai ao Pai a não ser por Mim. Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida.

(Jesus Cristo)

Sede perfeitos, como vosso Pai, que está nos Céus, é Perfeito.

(Jesus Cristo)

Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo: eis aí a Lei e os profetas.

(Jesus Cristo)

DEDICATÓRIA

- às minhas filhas Jaqueline e Tereza
- à minha mãe Mitzi
- aos meus irmãos Antonio José, Marco Aurélio, Maria Helena, Maria Célia e Maria de Fátima
- ao Espírito Joanna de Ângelis e a Divaldo Pereira Franco
- aos membros da Associação Brasileira de Psicólogos Espíritas
- às psicólogas Ana Stuart e Maria Adélia Bicalho Civinelli de Almeida
- à minha companheira Rosa
- ao meu amigo Pedro Rodrigues Branquinho

ÍNDICE

Introdução

1 – A existência do espírito

2– A evolução

3 – As reencarnações

4 – A necessidade do autoconhecimento

5 – A necessidade da reforma moral

5.1 – Os defeitos morais

5.1.1 – O orgulho

5.1.2 – O egoísmo

5.1.3 – A vaidade

5.2 – As virtudes

5.2.1 – A humildade

5.2.2 – O desapego

5.2.3 – A simplicidade

6 – Os profissionais da saúde: interdisciplinaridade

6.1 – O médico

6.1.1 – A Homeopatia

6.1.2 – A Medicina Indiana (Ayurveda)

6.1.3 – A Medicina Chinesa

6.1.4 – A Medicina Ortomolecular

6.1.5 – A Medicina Antroposófica

6.1.6 – O médico psiquiatra

6.1.7 – O médico neurologista

6.2 – O profissional da Educação Física

6.3 – O terapeuta ocupacional

6.4 – O nutricionista

6.5 – O psicólogo espírita

7 – A Doutrina Espírita

7.1. – Os centros espíritas

7.1.1 – Frequência às palestras públicas

7.1.2 – Participação em grupos de estudo

7.1.3 – Participação em atividades filantrópicas

7.1.4 – Frequência às sessões de tratamento espiritual: desobsessão

7.1.5 – Frequência às sessões mediúnicas

7.1.6 – Estudo das obras básicas e complementares

7.1.7 – Mentalização, meditação, oração e visualizações terapêuticas

7.1.8 – Culto evangélico no lar

7.1.9 – A mediunidade

8 – As atividades profissionais

8.1. – A escolha da profissão

8.1.1 – Dinheiro x vocação?

9 – As atividades domésticas

9.1. – O dever de colaborar

10 – A vida afetiva

11 – Oração a Jesus

Conclusões

Notas

Bibliografia recomendada

INTRODUÇÃO

Quando apresentei, há alguns anos atrás, ao querido colega e amigo Weimar Muniz de Oliveira meu palpite de que o Espírito Emmanuel é quem teria sido encarregado de congregar os magistrados espíritas brasileiros para a fundação da Abrame (Associação Brasileira dos Magistrados Espíritas) (www.abrame.org.br), sua resposta foi uma risada gostosa, seguida da afirmação de sua suspeita também nesse sentido.

Realmente, as Grandes Ideias vêm do Mundo Espiritual Superior para cá, veiculadas por algum encarnado ou uma equipe adrede programada e preparada, fazendo com que, dentro de um tempo, às vezes, aparentemente recorde, surja uma nova realidade, importante, positiva, progressista, generosa, ou uma alternativa, muito promissora, surpreendendo a todos.

O Comando Espiritual do nosso Planeta está nas Mãos Sacrossantas de Jesus, que traçou, desde tempos imemoriais, a sequência das Revelações mais importantes, na certa que estabelecendo cronogramas seguros e infalíveis. Não segue a humanidade à deriva nem ao sabor do arbítrio de líderes cegos ou dirigentes autoritários, como podem pensar alguns, que desconhecem a Realidade Espiritual. Podemos, e devemos ter fé absoluta na prevalência do Bem, sob a Batuta Luminosa do Divino Mestre.

Somos meros colaboradores dessas empreitadas evolutivas, simples peças na Imensa Engrenagem, que funciona azeitada pelo Amor e Sabedoria do Sublime Governador, o qual obedece o roteiro previsto nas Leis Divinas.

Quanto à Abrape (Associação Brasileira de Psicólogos Espíritas) (www.abrape.org.br) tenho também meu palpite sobre quem está à frente dessa Entidade respeitável: o Espírito Joanna de Ângelis. Depois de trazer para o plano material, através mediunidade de Divaldo Pereira Franco, a chamada "série psicológica", que, na verdade, é uma verdadeira Enciclopédia de Psicologia Espírita, não há como pensar ser outra a Responsável perante Jesus pela Entidade Civil em referência, que visa, dentre outras propostas, a implantação das teses espíritas no dia-a-dia dos consultórios dos psicólogos espíritas.

Realmente, depois de aplicadas, com resultados muitas vezes modestos, as várias opções terapêuticas dos psicólogos materialistas, que não identificam a "mente" como sendo o Espírito imortal, que vem evoluindo através das inúmeras reencarnações, rumo à Perfeição relativa, e, sendo já mais de centenária a Ciência Espírita, comprovada por vários respeitáveis sábios do século XIX e alguns do século XX, agora, que ingressamos no século XXI, podemos ter certeza de que os psicólogos espíritas é que serão os grandes reafirmadores da existência do Espírito, sua evolução através das reencarnações sucessivas e, mais, a única forma de cura dos distúrbios psicológicos através do autoconhecimento em profundidade, com a conseqüente reforma moral, ou seja, a superação dos

vícios morais do orgulho, egoísmo e vaidade e a aquisição das correspondentes virtudes da humildade, desapego e simplicidade.

Sem essas afirmativas e essa prática, estaremos como cegos dirigidos por outros cegos, pois o materialismo somente pode nos dar invenções voltadas para o maior conforto na vida terrena, mas nunca a cura dos sofrimentos morais, que representam a maior preocupação das Ciências ligadas à Saúde.

Chegou a vez e a hora dos psicólogos espíritas ganharem vulto e dar sequência à enseedação iniciada pelos Grandes Missionários do século XIX, que culminaram no surgimento da Ciência Espírita, codificada pelo Iluminado Espírito Allan Kardec.

Como leigo nessa Ciência, mas interessado em contribuir para sua valorização, propus-me a escrever este livro, que submeto à apreciação dos psicólogos espíritas e daqueles que se interessam pelo assunto.

Agradeço a Deus a oportunidade de escrever este modesto arrazoado, que, espero, sirva de subsídio para os profissionais da Psicologia e os leigos em geral.

O autor

1 – A EXISTÊNCIA DO ESPÍRITO [1]

Desde sempre se certificou a presença de Espíritos na vida das pessoas, tanto que Moisés, preocupado com o desvirtuamento da mediunidade na sua época, proibiu a evocação dos “mortos”.

Sócrates afirmava ser sempre orientado por Espíritos (“demônios”, no sentido mais correto da expressão), de quem ouvia grandes lições, as quais transmitia aos seus discípulos.

Nos próprios Evangelhos encontram-se várias passagens de suas manifestações, tendo Jesus desobediado alguns encarnados que se encontravam sob a influência de inimigos espirituais (ali chamados “demônios”), mas também se noticiam muitas manifestações de Espíritos bons, como na transfiguração de Jesus, em que aparecem ao Seu lado Moisés e Elias, isso sem contar os inúmeros Espíritos se se fizeram explicitamente presentes no fenômeno notável que ficou conhecido como Pentecostes.

Qualquer pessoa que tenha a intenção séria de verificar esses fenômenos dentro do Velho Testamento e do Cristianismo os encontrará às centenas, sendo as vidas dos profetas, no primeiro caso, e dos santos, no segundo, normalmente um “festival” de mediunidade, ou seja, os encarnados em contato com desencarnados.

Todavia, foi em uma pequenina cidade dos Estados Unidos (Hydesville), que, no início do século XIX, o tema começou a ser debatido de forma científica.

Posteriormente, na Europa, milhares de manifestações passaram a ocorrer, principalmente em meados do referido século, despertando a atenção dos intelectuais, sendo que vários homens e mulheres de alta cultura passaram a estudá-los, conforme se pode ver no livro “A História do Espiritismo”, de autoria do médico e literato Arthur Conan Doyle.

Todavia, quem avançou mais nesse estudo, chegando à codificação da Doutrina Espírita foi o professor francês Hipolyte-Léon Denizard Rivail, que, para divulgar essa nova Doutrina, utilizou o pseudônimo Allan Kardec.

Com todas essas pesquisas, realizadas por várias das mais brilhantes e conceituadas intelectualidades da Europa, concluiu-se pela existência do Espírito, sem sombra de dúvida, ou seja, que a morte mata apenas o corpo, mas o ser que o animava lhe sobrevive, sendo eterno.

Vejamos, na Nota 1, as reflexões e conclusões de Allan Kardec consubstanciadas em “O Livro dos Médiuns”, em favor da existência dos Espíritos e refutando as correntes de pensamento que lhe eram contrárias.

Todavia, depois de avançada a Ciência nesse aspecto, durante o século XIX, é curioso que poucos cientistas tenham se ocupado do tema no século XX e que, dentro da Psicologia, que tem como material de trabalho a

“mente”, a maioria dos seus estudiosos e profissionais dessa importante Ciência não reconheça explicitamente que esse elemento imponderável é o próprio Espírito.

Essa omissão pode ser tratada como atitude anticientífica, pois ignora, por má-fé ou outro motivo qualquer, uma constatação já realizada por cientistas sérios, que os precederam.

A Ciência deve progredir e seguir adiante, sempre aproveitando as descobertas e conclusões já realizadas, que devem embasar as novas descobertas e conclusões. Em caso contrário, estaremos sempre procurando “reinventar a roda”.

É necessário da parte dos psicólogos realmente sérios que estudem a vasta literatura científica do século XIX, que concluiu, depois de exaustivas pesquisas científicas, pela realidade do Espírito.

Quem nega essa realidade, em pleno século XXI, estará se recusando a acreditar na própria Ciência, o que representa uma péssima atitude.

Portanto, devemos tomar, como ponto de partida, a certeza de que todos os prezados Leitores são sérios e terão procurado os vários livros científicos daquela época, estudado os principais autores e concluído com eles, no sentido de que o Espírito é uma realidade, ou seja, de que somos Espíritos que habitam provisoriamente um corpo, enquanto que há outros Espíritos que já se desvencilharam do corpo pela decorrência da morte.

2 – A EVOLUÇÃO [2]

Como se sabe, Charles Darwin testificou a evolução, todavia, como materialista que era, captou apenas parcialmente a realidade, não conseguindo acompanhar a sucessão de aperfeiçoamentos incorporados a cada ser individualmente, desde sua origem até a fase humana. Sua contribuição foi, todavia, suficiente para incorporar à Ciência a ideia de mudanças nas espécies.

A Doutrina Espírita, utilizando uma ferramenta de conhecimento da Verdade muito mais aperfeiçoada, que é o contato direto entre os mundos material e espiritual, através da mediunidade, pode trazer para a Ciência terrestre noções muito mais completas sobre esse assunto e outros, por exemplo, quando o Espírito André Luiz informou, no seu livro “Evolução em Dois Mundos”, psicografado por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira, em outras palavras, que um vírus ou bactéria evoluem até chegar à fase humana rudimentar em cerca de um bilhão e meio de anos. Essa afirmativa representou um grande avanço para a Ciência terrestre, útil para aqueles que têm “olhos de ver e ouvidos de ouvir”. Quanto aos “cegos e surdos do espírito”, os enigmas perdurarão ainda por muito tempo, pois cingem sua visão ao reducionismo...

A evolução se processa passando cada ser por sucessivos períodos no mundo material e no mundo espiritual, percorrendo o Reino Vegetal, Animal e Hominal, e daí para realidades mais adiantadas, que ainda desconhecemos.

Estamos atualmente numa fase em que, depois de despertados para a inteligência, que surgiu após o desenvolvimento máximo dos instintos básicos, acordamos para o senso moral. Todavia, quanto a este último, a maioria de nós apenas ensaia os primeiros passos na aplicação diária das regras morais, resumíveis para a nossa Ética atual na humildade, desapego e simplicidade, que nos possibilitarão a promoção para Espíritos dignos de viver em mundos de regeneração.

Por enquanto, com nossas aquisições ético-morais, merecemos apenas habitar planetas classificados como de provas e expiações.

A Terra, daqui a cerca de quatro décadas, estará vivendo essa Nova Era, sendo necessário, para tanto, que os Espíritos rebeldes à reforma moral sejam daqui desalijados e os que aqui continuarem realizem um grande salto qualitativo ético-moral.

Essas duas realidades estão acontecendo, com o expurgo gradativo dos primeiros e a mudança interior dos segundos, por duas formas: obediência espontânea às regras éticas ou pelos sofrimentos superlativos, que os despertam para a evolução espiritual.

Vejamos na nota 2 algumas informações sobre como se processa a evolução.

A Ciência materialista pode confirmar algumas delas, mas, como só se atém à vida material, o conjunto lhe parece um quebra-cabeça de onde faltam algumas peças-chave.

Os espíritas têm o privilégio de, tendo como certas e seguras as informações provenientes do Mundo Espiritual, entender toda a sequência evolutiva pela qual cada um de nós passou e, assim, aprofundar mais a sonda do autoconhecimento, este que é o principal objetivo da nossa fase evolutiva.

Quando Jesus afirmou: “Conhecereis a Verdade e a Verdade vos libertará” estava nos concedendo a grande luz da Esperança, necessária para a consecução da Felicidade. Através do autoconhecimento, temos acesso à Verdade e ela nos liberta do primitivismo.

3 – AS REENCARNAÇÕES [3]

A crença na reencarnação é tão antiga quanto o mundo civilizado, sendo admitido por grande parte dos historiadores que a civilização na Terra inaugurou-se há cerca de 6.700 anos.

Nos templos do antigo Egito se procedia a uma rigorosa preparação daqueles que se transformariam nos sacerdotes mais categorizados, sendo esse processo conhecido com o nome de “iniciação”. Entre as informações que se davam aos “iniciados” a reencarnação era das mais importantes como sendo o caminho natural da evolução dos Espíritos. Aqueles Espíritos eram provenientes de um mundo muito superior à Terra e tinham condições de compreender, pelo menos parcialmente, a realidade da reencarnação. Os conhecimentos iniciáticos, todavia, eram restritos a pouquíssimas pessoas, sendo que o povo em geral era politeísta, uma vez que os sacerdotes verificavam que a humanidade de então, no seu geral, ainda não tinha alcançado o nível intelecto-moral suficiente sequer para crer em um Deus único, quanto mais para compreender a evolução dos Espíritos e a reencarnação. Afirma-se, por exemplo, que Moisés teve a oportunidade de aprender a Ciência Secreta dos sacerdotes pelo fato de sua adoção pela irmã do faraó.

Na Índia, desde tempos imemoriais, se tem a reencarnação como uma das grandes verdades da Religião. Todavia, se grande parte das pessoas do povo chegaram a ter essa crença, era e ainda é mesclada de misticismo e credices, como aquela que faz muitos acreditarem que podem ser rebaixados a reencarnações como animais. Em resumo, a reencarnação, apesar de aceita por grande parte dos indianos, não tem os contornos claros e definidos como posteriormente se fez na Doutrina Espírita.

Na Grécia antiga, Pitágoras afirmava algumas de suas vidas anteriores e, no próprio Cristianismo, essa crença foi corrente durante alguns séculos, principalmente com base no célebre diálogo entre Jesus e Seus apóstolos quando se afirmou que o recém-desencarnado João, o Batista, teria sido a última reencarnação do profeta Elias. Jesus, todavia, considerando talvez a imaturidade intelecto-moral do povo de então, não aprofundou as informações sobre a reencarnação, preferindo que o assunto, juntamente com a evolução, fosse tratado melhor daí a alguns séculos, o que se pode deduzir quando prometeu enviar o Consolador, que pode ser entendido como sendo a Doutrina Espírita, a qual apresentou, de forma didática e simples, acessível a todas as pessoas, as revelações que Jesus disse de viva voz e as complementou com outras, como a reencarnação e a evolução. Isso porque os tempos eram outros: a Ciência já tinha feito grande parte do seu trabalho, preparando o terreno para a crença racional, através da qual cada pessoa pode verificar se as revelações passam ilesas ou não pelo crivo da razão.

Como dito, foi somente com o advento da Doutrina Espírita, codificada por Allan Kardec, que a ideia da reencarnação passou a ser conhecida de forma clara e sem as cores do misticismo, por qualquer pessoa que queira informar-se sobre o assunto.

Sem contar os livros de autoria do próprio Allan Kardec, deve-se colocar como o mais importante para o esclarecimento dos espíritas a obra "Evolução em Dois Mundos", já mencionada, onde o Espírito André Luiz mostra toda a sequência evolutiva da vida na Terra, vivendo os seres alternadamente no mundo material e no mundo espiritual, desde as primeiras vivências na categoria de unicelulares até a fase humana.

Há um detalhe interessante nessa obra, que é a afirmação científica do autor espiritual de que a fase humana será sucedida pela angélica, levantando uma ponta do véu que encobria nosso futuro, pois até então, no geral, não tínhamos uma noção muito clara sobre esse degrau mais alto da escala evolutiva.

Ian Stevenson escreveu um livro sobre a reencarnação, publicado no Brasil sob o título de "20 Casos Sugestivos de Reencarnação", que vale a pena ser lido. Outros pesquisadores nãoespíritas também chegaram à conclusão de que a reencarnação é uma realidade, os quais podem ser consultados. Todavia, para nós, espíritas, trata-se de uma realidade tão clara que somar leituras confirmatórias representa verdadeira repetição desnecessária. A fase das comprovações científicas, para nós, já aconteceu na segunda metade do século XIX, sendo que o que nos importa alcançar agora é a nossa reforma moral, ou seja, a mudança de paradigmas de pensamento, sentimento e conduta, com a abolição dos defeitos morais do orgulho, egoísmo e vaidade e sua substituição respectivamente pela humildade, desapego e simplicidade.

4 – A NECESSIDADE DO AUTOCONHECIMENTO

No Templo de Apolo, em Delfos, na Grécia antiga, era apresentada uma proposta psicológica, que Sócrates divulgou entre seus discípulos: "Conhece-te a ti mesmo."

O autoconhecimento representa a visão de passado, presente e futuro de cada um acerca de si mesmo, o que pode ser realizado com o estudo das fases que já vivemos nos Reinos inferiores da Natureza, nossa realidade atual de Espíritos encarnados em um mundo de provas e expiações, que passará, daqui a poucos anos, a mundo de regeneração e nosso futuro próximo, aqui na Terra, como mundo de regeneração, e longínquo como seres angelicais, talvez aqui mesmo ou em outros planetas: isso é o máximo que conseguimos alcançar até hoje em termos de informações confiáveis.

Como dito linhas atrás, no livro "Evolução em Dois Mundos" temos uma visão panorâmica da evolução biológica da vida na Terra. Esse estudo deve ser antecedido, todavia, do aprofundamento nas obras kardequianas e demais obras complementares, principalmente as psicografadas por Francisco Cândido Xavier e Divaldo Pereira Franco.

Autoconhecer-se é um trabalho de busca sincera e diária da nossa realidade interna e tal se fazem com muitos anos de investimento.

Algumas pessoas, tão logo se tornam espíritas, passam a procurar tentar conhecer suas "vidas passadas", sendo esse um grave equívoco, sobre o qual devem ser alertadas. Não interessa saber em que localidades da Terra vivemos nossas outras vidas materiais, quem foram nossos amigos, quais línguas falamos etc. etc.

Quando tentamos ter acesso a essas informações estamos normalmente dando vazão a uma curiosidade inútil quando não à vaidade, à caça de motivos para a autoidealização.

Verificamos, todavia, alguns casos em que o autoconhecimento exige o aprofundamento nas vivências passadas. Podemos citar a experiência vivida pelo Espírito Camilo Castelo Branco na Colônia Espiritual onde estagiou, quando foi levado a rever suas vidas anteriores até a época em que foi contemporâneo de Jesus, o que pode ser conferido no livro "Memórias de Um Suicida", psicografado por Yvonne A. Pereira, e a informação de que o Espírito Laura, citado pelo Espírito André Luiz, estava consultando suas duas encarnações anteriores à última como forma de melhor autoconhecer-se e preparar sua futura vinda à vida terrena.

A chamada "terapia das vidas passadas", que alguns psicólogos praticam como forma tentativa de cura de fobias etc. não é recomendada normalmente. Se tivermos dificuldades em lidar com nossos eventuais erros da presente encarnação, ainda iremos querer conhecer outros tantos?...

O Espírito Santo Agostinho afirmou que sempre antes de dormir fazia um exame de consciência, verificando seus erros e acertos e propunha-se a superar suas falhas da melhor forma possível.

Autoconhecer-se é autoanalisar-se com real intenção de melhorar seu próprio padrão ético-moral. Pode ser acompanhado por psicoterapeuta profissional, de preferência espírita, pois este lhe direcionará a autoanálise para a reflexão sobre os defeitos morais e a procura pela reforma interior.

Há casos de pessoas que se submetem a tratamento psicológico durante anos seguidos, todavia sem as luzes da crença na sua própria realidade de Espírito imortal, na evolução e na reencarnação, esse tratamento pode significar simplesmente um "círculo vicioso", em que o paciente revela suas dificuldades e o terapeuta não consegue encontrar a solução. Na verdade, a única solução definitiva é a reforma moral, a mudança no estilo de pensar, sentir e agir, adequando-se a criatura às Leis Divinas.

5 – A NECESSIDADE DA REFORMA MORAL

Com o advento da civilização, o que, como já visto, ocorreu há mais ou menos 6.700 anos, surgiram as manifestações culturais, das quais iremos abordar algumas, que estão ligadas mais diretamente à Ética, que são a Religião, o Direito e a Filosofia.

A Religião pode ser entendida como o conjunto de conhecimentos sobre as relações entre os seres humanos e Deus, normalmente com base em revelações mediúnicas, pois a maioria delas se formou e se desenvolveu através de médiuns, como Moisés e os antigos profetas quanto ao Judaísmo, Jesus e Seus discípulos no que diz respeito ao Cristianismo, Maomé na fundação do Islamismo etc. etc. É normalmente tido como natural, dentro das correntes religiosas, o contato entre pelo menos alguns adeptos e o mundo espiritual.

O Direito é o acervo de regras impostas pelo Estado aos cidadãos, visando a regulação das relações sociais.

O conceito de Filosofia deve ser estabelecido por exclusão das áreas da Religião e da Ciência, ou seja, é o resultado das reflexões sobre tudo que existe, todavia tendo como única ferramenta o próprio raciocínio humano. Sócrates representa uma exceção dentro da Filosofia, pois se afirmava em constante contato com o mundo espiritual, recebendo dos seus Orientadores as informações mais importantes. Todavia, a Filosofia acadêmica, sobretudo a atual, procura ignorar esse dado a respeito do mais sábio dos filósofos, aliás, seguindo a tradição reducionista da Filosofia, que tende normalmente para o materialismo, pelo menos a partir do Iluminismo. Quanto a este último, representou um movimento de intelectuais europeus de desvinculação da Ciência, da Filosofia e da Arte da dominação do Catolicismo e das correntes protestantes, os quais, durante muitos séculos, escravizaram o Conhecimento aos seus dogmas, consagrando a fé cega e retardando a evolução da razão.

O Consolador, ou seja, a Doutrina Espírita, somente pode surgir no cenário terrestre após o Iluminismo ter criado a ambiência própria à livre manifestação da razão, assim comprovando, através de experiências científicas e análises filosóficas, que o ser humano é Espírito, que a morte não extingue a vida e a comunicabilidade entre encarnados e desencarnados é uma realidade.

Como se sabe, a Doutrina Espírita surgiu como Ciência e Filosofia de consequências morais, passando, somente depois de algum tempo, sobretudo já no século XX, principalmente graças às obras psicografadas por Francisco Cândido Xavier e sua vida de grande apóstolo de Jesus, o Espiritismo passou a ser reconhecido como Religião, principalmente no Brasil.

O Consolador, prometido por Jesus, manifestou-se dessa forma, como continuidade do Cristianismo, representando a Terceira Revelação, como se sabe.

A Ética, como dito, é estudada basicamente nos âmbitos da Religião, do Direito e da Filosofia, sendo que, atualmente, o materialismo mina pela base os dois últimos segmentos, fazendo com que sua Ética seja reducionista, não conseguindo fazer muitos adeptos realmente convictos, pois o próprio materialismo torna a Ética mero discurso vazio: afinal, acreditando que Deus não existe, que somos somente corpos putrescíveis, que não há continuidade da vida depois da morte e tudo que daí advém, quem irá querer domar seu orgulho, egoísmo e vaidade para realmente pensar, sentir e agir em benefício alheio? O que muitas dessas pessoas vivem é um simulacro de virtudes, aparentando um idealismo apenas exterior, quando, na verdade, pensam somente em si próprias e seus familiares. Isso faz com que os materialistas não tenham grande empenho na reforma moral.

Quanto aos adeptos de muitas religiões, contentam-se em geral com as ideias "salvacionistas", ou sejam, pretendem que Deus os livre de problemas e dificuldades na vida terrena e os leve para o Céu após a morte.

A Doutrina Espírita não é "salvacionista", mas baseia-se na "evolução", sendo cada um responsável pelo próprio aperfeiçoamento moral, devendo superar seus defeitos e adquirir virtudes.

São duas formas de entender totalmente diferentes: a "salvacionista" e a "evolucionista", com consequências práticas evidentes.

Não pedimos a Deus que nos livre do "aprendizado", representado pela luta do dia-a-dia, mas sim que nos dê forças e discernimento para enfrentá-la, evoluindo moralmente, rumo a patamares cada vez mais altos. Para tanto, a Ética que adotamos é a de Jesus, que se resume em "amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos". Essa regra pode ser traduzida pela superação dos defeitos morais do orgulho, do egoísmo e da vaidade e aquisição das correspectivas virtudes da humildade, desapego e simplicidade, que analisaremos a seguir.

5.1 – OS DEFEITOS MORAIS

As inúmeras classificações que se propõem dos defeitos morais mostram que normalmente toda tentativa de classificar é temerária e incompleta. Alguns falam nos sete pecados capitais, outros apresentam uma relação maior e outros mencionam uma classificação mais reduzida.

Na Doutrina Espírita se tem como razoável o entendimento de que os defeitos morais podem ser reduzidos, essencialmente, a três: orgulho, egoísmo e vaidade.

Para nós, os defeitos morais representam formas de pensar, sentir e agir contrárias à regra do “amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo.”

O pensamento é sempre criador, interferindo no fluido cósmico universal e criando “realidades”, mesmo que provisórias, com o simples fato do Espírito encarnado ou desencarnado emitir suas ondas mentais, o que pode produzir mal aos outros ou, no mínimo, a si próprio. Todavia, há um detalhe pouco observado pelos próprios espíritas, mas que o Espírito André Luiz anota em “Evolução em Dois Mundos”, que é a responsabilidade que cada um de nós tem quanto aos bilhões de células físicas e perispirituais que compõem nossos corpos material e perispiritual. Cada uma dessas células é um Espírito em estágio rudimentar de evolução, estágio esse que nós também já vivenciamos no passado remoto. Somos, no mínimo, responsáveis perante esses seres, que costumamos desarticular através da reiteração de pensamentos contrários às Leis Divinas, daí surgindo muitas doenças físicas e/ou mentais.

Os sentimentos são vibrações poderosas emitidas pelo Espírito, que, da mesma forma que os pensamentos, provocam alterações dentro e fora de nós próprios.

As ações são movimentos externos, valendo quanto a elas as mesmas considerações acima feitas.

O estudo aprofundado dos defeitos morais é importante para o Espírito, que, logo em seguida, deve iniciar o trabalho de autoconhecimento, quando verificará de quais deles ainda é escravo e em qual nível de intensidade. Normalmente, não temos todos os defeitos em igual porcentagem: alguns são mais orgulhosos, outros mais egoístas e outros mais vaidosos. Alguém que tenha todos os defeitos em grande dose será, na certa, um grave problema para si próprio e para todos que com ele convivem...

5.1.1 – O ORGULHO [4]

Ninguém melhor do que nós próprios para conhecermos nossos defeitos, apesar de que há uma tendência de tentarmos camuflar nossas falhas, atribuindo aos outros a culpa de tudo que nos acontece de mal. A Psicologia tradicional estuda esse fenômeno e normalmente os psicólogos procuram orientar seus pacientes quando isso ocorre. A atitude que devemos tomar é sempre de assumir, perante a própria consciência, os erros que eventualmente cometemos. Trata-se de uma questão de honestidade, sem a qual não há possibilidade de evolução espiritual.

O orgulho nos dá a falsa ideia de que somos muito importantes. Pode até acontecer de ocuparmos alguma posição de relevo no meio onde vivemos, mas isso não significa que ocupemos um degrau elevado na escala evolutiva, que é a única que realmente conta perante nossa consciência e perante Deus. Aliás, o simples fato de sermos orgulhosos já demonstra nossa posição de inferioridade moral. Vejamos o exemplo de Jesus, que, mesmo sendo um Espírito de elevadíssima posição na escala evolutiva, tanto que é o Sublime Governador do nosso planeta, não se sentiu humilhado em lavar os pés dos Seus discípulos, querendo, com essa demonstração e muitas outras, mostrar-lhes que quem se exalta, é humilhado e quem age com humildade é valorizado por Deus.

O orgulho nos distancia das pessoas que julgamos inferiores a nós e nos faz tratá-las de forma inadequada.

Proveniente, como somos, do primitivismo das civilizações que foram sendo substituídas pelas mais adiantadas, ainda guardamos, no nosso inconsciente, muito condicionamento baseado nas ideias de dominação sobre os outros. Pois é mais fácil dominar os outros, principalmente quando ocupamos uma posição destacada na sociedade, do que dominarmos nossas más tendências. Todavia, o orgulho faz com que qualquer pessoa, mesmo aquela que não tem o comando sobre ninguém, manifeste sua índole altaneira e arrogante.

Alguns se vangloriam de ser arrogantes, entendendo que tal representa uma virtude e não um grave defeito moral. Aliás, muitos pais e mães, até hoje, incutem na mente dos seus filhos a ideia de que devem ser orgulhosos, por exemplo, quando pregam, pelas palavras ou pela exemplificação negativa, a nociva ideologia de que “não se deve levar desaforo para casa”. Eles devem reanalisar seus próprios modos de pensar, sentir e agir, para não transmitirem aos filhos o mau vezo do orgulho, prejudicando-os muitas vezes de forma grave. Diz-se, com razão, que “as palavras convencem, mas os exemplos arrastam”. Francisco Cândido Xavier dizia que “devemos atinar para o tipo de imagens que criamos na mente dos nossos semelhantes”.

O orgulho é, realmente, um defeito moral de suma gravidade, que provoca mal-estar social, desavenças, competições desnecessárias e injustiças.

Não permitamos que essa moléstia moral, reminiscência dos instintos que trouxemos da vivência no Reino Animal continue a nos perturbar a vida pacífica em sociedade, onde deve prevalecer a ideia de Igualdade, que, aliás, é uma das Leis Morais relacionada em "O Livro dos Espíritos".

Apesar das diferenças em termos de moralidade e desenvolvimento intelectual, sem contar as desigualdades sociais, estas últimas criadas pela incompreensão quase geral das Leis Divinas, todos somos iguais, cabendo a uns colaborar com os outros, cada qual exercendo seu papel na sociedade com boa-vontade e fraternidade. Esse deverá ser o paradigma adotado na Terra quando estivermos vivendo o período de mundo de regeneração e daí para o futuro cada vez aperfeiçoando mais as regras de convivência, baseadas no "amor a Deus e ao próximo como a si mesmo."

5.1.2 – O EGOÍSMO [5]

Os animais agem, normalmente, em benefício próprio, premidos pelos instintos de sobrevivência, reprodução etc. No máximo, temporariamente, alguns se dedicam à prole. Quando vivemos aquela fase evolutiva, assimilamos essa conduta, que se sedimentou no nosso psiquismo. Posteriormente, ingressando na fase humana, começamos a pensar, sentir e agir em função da família, do clã e, aos poucos, de coletividades cada vez mais numerosas. Todavia, ainda guardamos o atavismo do egoísmo, como reflexo do pouco tempo que temos de vivência na civilização. São poucos séculos que nos ligam às ideias de Ética, de Justiça e, muito menos, de Amor Universal, esta última que Jesus nos ensinou pessoalmente e a maioria de nós consegue vivenciar apenas em pequena escala. Por isso, a sociedade vive em constantes conflitos, as guerras ainda perduram em vários pontos do globo, as pessoas se concentram muitas vezes nos seus próprios interesses e assim por diante. Tudo isso representa o nosso primitivismo, nossa pouca vivência de acordo com a avançada Ética Cristã, que nos leva a pensar, sentir e agir em favor da humanidade inteira.

O egoísmo existe, e, na verdade, em grande escala, causando uma série de prejuízos para a boa convivência entre as pessoas. Até dentro das famílias provoca danos relevantes, vendo-se casais que se desentendem quando cada um dos cônjuges pensa em sobrepujar o outro, pais e filhos que agem de forma egocêntrica, tolhendo, por exemplo, a liberdade de pensamento, sentimento e ação uns dos outros etc. etc.

É necessário que cada um se analise e verifique até que ponto tolhe a vida alheia e tenta açambarcar o que pode ser distribuído com os outros. Deve haver honestidade nessa reflexão, sob pena de “não sairmos do lugar” em termos de evolução moral.

Costumamos pensar muito no que chamamos “nossos direitos”, que, na verdade, são modos de limitarmos os outros, reduzi-los à condição de nossos servidores humilhados, dominar todas as posições de destaque e impedir que os outros se realizem como pessoas.

O egoísmo assume uma série de disfarces, inclusive o do amor, quando, a pretexto de proteção, estamos, na verdade, querendo dominar pessoas, como acontece muito entre parentes, cônjuges e amigos.

A preocupação excessiva com o destaque social, a conquista de cargos importantes, dinheiro, propriedades em número cada vez maior, tudo isso representa o egoísmo.

Nesse ponto até os animais nos ensinam uma lição importante, pois cada um deles só procura o absolutamente necessário para a própria sobrevivência.

Quando surgiu, com a civilização, a noção de propriedade, passamos a ser testados quanto ao egoísmo, pois os mais astutos e os mais violentos procuraram açambarcar tudo, em detrimento dos demais. Muitas vezes os que acumulam muito, em termos de bens materiais, são apenas mais desonestos ou violentos, deixando muitos irmãos em humanidade à míngua do mínimo necessário.

Hoje em dia, quando não existem mais, na maioria dos países, a nobreza, que vivia ociosamente à custa dos plebeus, nem há mais a escravidão humana legalizada, quando os senhores de escravos esbanjavam o tempo em futilidades à custa do esforço dos seus semelhantes, passou-se a investir na conquista de títulos universitários, cargos públicos e posição social baseada no dinheiro, gerando uma mentalidade extremamente competitiva, desumana, egoísta, onde muitos olham seus irmãos em humanidade como "adversários" na luta pelo poder e pelo dinheiro.

Está faltando humanidade em grande parte das pessoas, que devem analisar se o que procuram conquistar em termos materiais lhes é realmente necessário ou se extrapola os limites do razoável.

Muitos desses "bem-sucedidos" acabam vítimas da usura, tornando-se escravos do que conquistaram, ou consumistas, passando às mãos dos vendedores de futilidades tudo que vão adquirindo.

O egoísmo talvez seja, de todos os defeitos morais, o mais difícil de ser erradicado do ser humano, pois se liga diretamente ao instinto de sobrevivência.

Desapegar-se é importante, pois, além de todas as considerações que se possam fazer, talvez a mais convincente seja a de que a hora da partida para o mundo espiritual é desconhecida por nós e podemos ser chamados muito antes do que imaginamos. Se chegarmos ao termo da jornada terrena "de mãos vazias" em termos de cumprimento das nossas metas evolutivas, a consciência nos cobrará, certamente.

O Espírito André Luiz nos alerta de que, na atualidade, mais da metade da humanidade vai direto para o umbral após a desencarnação, sendo razoável da nossa parte pensar que tal se dá devido ao egoísmo com que costumamos pensar, sentir e agir enquanto encarnados. Aliás, ele próprio, como se sabe por suas informações através do livro "Nosso Lar", psicografado por Francisco Cândido Xavier, foi um dos que mereceu estagiar alguns anos naquela região de sofrimento moral, devido à forma egoísta como viveu quando encarnado...

5.1.3 – A VAIDADE [6]

Alguns de nós sofrem da grave doença moral da vaidade, característica de certas personalidades, cujo objetivo mais importante é a notoriedade inútil. Investem tudo em função de chamar a atenção geral para sua pessoa, que, normalmente, não têm os méritos que alardeiam.

Os homens e mulheres realmente evoluídos estão preocupados em aperfeiçoar-se intelecto-moralmente, fazendo reverter sempre suas conquistas em benefícios coletivos. Os vaidosos, todavia, concentram-se no pavonearem-se, assumir posições de comando para as quais estão despreparados, liderar os semelhantes sem competência nem utilidade e mostrarem-se o tempo todo como dignos de endeusamento.

Algumas figuras históricas se notabilizaram pela vaidade, que raiava pelo ridículo. Ainda hoje veem-se pessoas que aparecem na Mídia em geral nada tendo para mostrar de útil nem de realmente digno de serem imitadas: são modelos para os fúteis e os fátuos.

É preciso coragem real para reconhecermos o teor de vaidade que ainda trazemos dentro de nós, mas quase todos costumamos gostar de estar em evidência. Alguns se envaidecem da própria aparência física, outros da inteligência, outros das riquezas e assim por diante. Alguns até das virtudes que acreditam possuir...

A vaidade nos antipatiza com os nossos irmãos em humanidade. Jesus não apresentou o mínimo resquício de vaidade, pois nas únicas oportunidades em que se afirmou como o ser humano mais perfeito que habitou nosso planeta o fez sem nenhuma vaidade, mas apenas para inspirar confiança e certeza nos Seus seguidores quanto à Verdade que veio nos ensinar.

O simples fato de estarmos à cata de notoriedade nos faz perder os frutos espirituais de muitas boas obras que realizamos, pois, com a notoriedade, “já teremos recebido nosso galardão.”

A vaidade é sorrateira, mascara-se de simplicidade muitas vezes, procura enganar aos outros e fingimos, muitas vezes, não percebê-la em nós próprios.

5.2 – AS VIRTUDES [7]

Há três afirmações de Jesus que pretendemos abordar neste ponto da nossa reflexão: “Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”, “Seja o vosso falar sim sim, não não” e “Ninguém pode servir a Deus e a Mamom.”

O Divino Mestre apresentou claramente a proposta da reforma moral, alertando-nos, ao mesmo tempo, sobre a seriedade da opção feita: ou nós nos empenhamos no autoconhecimento, com a consequente vitória sobre os próprios defeitos morais ou continuaremos correndo atrás dos objetivos materiais, traduzíveis nos “interesses de César”, “Mamom” etc. Não há como enganarmos a consciência.

Depois de tomarmos ciência das revelações de Jesus, quanto tempo permanecemos jurando fidelidade a Deus e a César, adorando ao Pai Celestial e a Mamom, falando sim e não da forma mais incoerente possível!...

Chega um momento em que não há mais como adiarmos a decisão definitiva: cada um de nós tem sua “estrada de Damasco”, ou seja, um momento em que encontra a própria consciência frente a frente e deve escolher o caminho da reforma íntima, se não quiser continuar em conflito consigo mesmo, com seu Self, fomentando em si mesmo distúrbios de natureza psicológica e/ou física.

As virtudes devem ser exercidas “de corpo e alma”, ou seja, clara, convicta e firmemente.

O fato de optarmos por elas não nos obriga a virar as costas para os nossos deveres em relação à família, à sociedade, ao estudo e ao trabalho, mas sim os cumprirmos com plena consciência do valor exato que cada qual realmente tiver. Nossa consciência é que dirá o quanto devemos de empenho em relação a cada um deles.

Há quem se diga impossibilitado de cumprir uma série de deveres que sua consciência lhe cobra pretextando compromissos sociais, familiares, profissionais etc.: isso pode significar simplesmente uma forma de adiar sua própria evolução ético-moral. A consciência nos encontrará talvez mais à frente, cobrando juros moratórios...

O Espírito André Luiz afirmou: “Quando o ser humano entender que vale a pena ser bom, será bom até por interesse.” A recompensa que a evolução espiritual concede supera, de muito, quaisquer interesses materiais, pois, inclusive, além da inteligência, é a única coisa que realmente nos “pertence”, que levaremos para todos os lugares aonde formos.

São os bens que “a ferrugem não consome e a traça não rói.”

Em reflexão profunda, podemos analisar o que realmente tem valor dentre os bens e interesses materiais e, dentre os que compensam, o quanto compensam, para não passarmos dos limites do essencial e ingressarmos na superfluidade, a qual se transforma em peso, que iremos carregar sobre os ombros, sem utilidade real. Devemos fazer como o balonista, que vai desamarrando os sacos de areia desnecessários para voar mais alto...

Quem se apega a tudo que o mundo material lhe oferece não consegue sequer sair do lugar, enquanto que a postura contrária facilita a caminhada e, quando chegar a nossa hora de partir para a vida espiritual, estaremos leves como um balão sem nenhum saco de areia.

5.2.1 – A HUMILDADE [8]

Quando Jesus lavou os pés dos Seus discípulos pretendeu exemplificar a humildade. Há, todavia, um grande número de pessoas ainda não amadurecidas espiritualmente para compreender o significado dessa virtude, porque não entendem e, muito menos, não internalizaram a Lei da Igualdade (analisada detidamente em “O Livro dos Espíritos” como uma das Leis Morais), a qual vigora para todas as criaturas de Deus. Assim é que, perante o Criador, um simples ser unicelular vale tanto quanto um Espírito de altíssima hierarquia.

A humildade, portanto, é a natural decorrência da compreensão da Lei da Igualdade.

Como se sabe, Jesus, que encarnou com o objetivo de nos transmitir as informações compatíveis com nossa capacidade de assimilação daquela época, prometeu-nos enviar o Consolador, através do qual novas e mais aprofundadas noções nos foram dadas. Essas noções não foram, todavia, de cunho apenas religioso, mas estenderam-se às áreas científica e filosófica. Infelizmente, sem querer desmerecer as crenças de quem quer que seja, somos levados a afirmar que relativamente poucas pessoas levaram em conta essas informações do Consolador (Terceira Revelação), sendo que umas continuaram aferradas às noções ultrapassadas da Primeira Revelação (de cunho apenas religioso, ou seja, a Revelação Mosaica), enquanto que a maioria dos cristãos continua sintonizada com as palavras de Jesus (Segunda Revelação) apenas “pro forma”, compondo estatísticas, mas grande parte sem investimento na reforma interior, que Ele priorizou.

A Terceira Revelação é progressiva e não parou nas informações veiculadas na época de Allan Kardec, ocorridas no século XIX, mas continuou seguindo adiante, sobretudo graças à portentosa mediunidade de Francisco Cândido Xavier, a qual possibilitou ao Mundo Espiritual Superior, Comandado por Jesus, trazer para os Espíritos encarnados conhecimentos muito mais avançados, pelos esforços principalmente dos Espíritos Emmanuel e André Luiz, o primeiro deles contribuindo na área da evangelização e o segundo nas revelações científicas.

Na verdade, a contribuição da Doutrina Espírita na área científica é extremamente relevante, apesar de negada pelos cientistas que não se dispõem a testar as afirmações feitas pelos espíritas e pelos Espíritos Superiores através dos médiuns.

A visão cristã sobre a humildade, sob as luzes da Doutrina Espírita, adquiriu mais amplitude e profundidade, justamente pelos esclarecimentos científicos veiculados pelo Espírito André Luiz: depois disso, não podemos mais nos sentir tão “virtuosos”, como se fôssemos verdadeiros “santos”, pelo fato de nos considerarmos iguais a todos, porque ficamos sabendo, pelas informações dadas em “Evolução em Dois

Mundos”, que todos percorremos o mesmo caminho evolutivo, da bactéria ou vírus até chegarmos à fase humana. Apenas, uns de nós são mais antigos que outros, mas temos todos a mesma essência. Não ter humildade, ou seja, não ser igualitário, representa não apenas pobreza “moral”, mas até indigência “intelectual”, porque dá a entender nossa ignorância sobre a própria Ciência Biológica, se estudada em profundidade. Ser humilde passou a mera questão de “superioridade cultural”!

Os cientistas do mundo material, apegados às pobres percepções dos cinco sentidos e, principalmente, ao reducionismo, predominante nas universidades e academias, não conhecem a sequência evolutiva por inteiro, que passa por fases alternadas entre a vida na matéria e a vida espiritual, sendo que as vivências nesta última são muito mais progressistas que as primeiras, justamente porque a “essência espiritual” desencarnada fica mais acessível às interferências transformadoras nelas impressas pelos Espíritos biólogos encarregados da evolução dos seres. Assim, nossa Ciência fica fragmentária, por lhe faltarem várias peças do mosaico da evolução dos seres.

O próprio Charles Darwin, infelizmente materialista consumado, enxergou apenas o lado material dessa trajetória e, pior que isso, cometeu o equívoco de, através da ideia da “seleção natural”, indiretamente incentivar o espírito de “competição doentia”, que hoje serve de parâmetro para as coletividades humanas, fazendo com que as pessoas praticamente “se entredevorem”, ao invés de “se ajudarem mutuamente”, desatento da realidade da Natureza, em que se observa a “cooperação”, consciente ou inconsciente, entre todos os seres, animados ou inanimados, inclusive entre os próprios seres humanos, pois somos essencialmente interdependentes. Basta refletir que dependemos de quem produz ou fabrica os objetos e bens indispensáveis à nossa sobrevivência, sem contar que, se, por exemplo, nos isolarmos numa ilha, não teremos a mínima condição de sobrevivência...

Humildade não significa, para nós, outra coisa que o conhecimento da Lei da Igualdade. Não faz sentido qualquer atitude arrogante, orgulhosa, prepotente. Somos irmãos não só dos seres humanos, mas também de todos os demais seres animados e inanimados, como afirmava Francisco de Assis.

A devastação da Natureza, que os ambiciosos e os incientes praticam atualmente, demonstra seu lamentável primitivismo ético-moral: são pobres pigmeus que se julgam gigantes pela força fictícia do dinheiro ou do poder.

Humildade, todavia, não significa subserviência, receio de enfrentar as dificuldades que surgem no caminho evolutivo: Jesus agiu sempre com humildade, mas foi firme quando olhou direto e sem pestanejar nos olhos dos seus algozes, aceitando todo o martirólogo que Lhe estava traçado desde milênios, como a única forma de sensibilizar a humanidade primitiva e obtusa de então.

Madre Teresa de Calcutá, que também vivenciou a humildade, nunca, porém, deixou de afirmar o que lhe competia para convidar à prática da caridade os poderosos do momento.

Mohandas Gandhi, mesmo respeitando os dominadores ingleses, conscientizou seus irmãos indianos à "desobediência civil" pacífica, afinal libertando a Índia do jugo britânico.

Francisco Cândido Xavier sempre foi humilde, mas cumpriu com firmeza, sua grandiosa missão de servir de intermediário à Espiritualidade Superior para concretizar no mundo material grandes avanços científicos, filosóficos e religiosos.

Os Espíritos realmente evoluídos intelectual e moralmente são sempre humildes, pois sabem que somente através da submissão a Deus se põem em condições de receber as "intuições" sobre a Verdade, a que Jesus se referiu.

A Verdade é infinita, porque é o conhecimento a respeito de Deus e Suas Leis: as pobres mentes humanas não conseguem conhecer sobre ela além dos estreitos limites do quase "insignificante", principalmente se a arrogância e a irreverência habitam em nosso íntimo.

Quando Jesus afirmou: "Somente o Pai conhece o Filho e somente o Filho conhece o Pai" estava querendo nos ensinar que estamos longe de conhecer tanto a Deus quanto a Ele, pois nossa incipiência intelectual, mas sobretudo, nosso atraso ético-moral, nos incapacitam a esse conhecimento.

Somente adotando o pensar, o sentir e o agir humilde nós teremos acesso gradativo à Verdade, o conhecimento progressivo das Grandes Revelações, porque, se ainda não temos "olhos de ver e ouvidos de ouvir", poderemos ler e ouvir essas Revelações, mas não as compreenderemos, ficando apenas na memorização da "letra", todavia sem acesso ao "espírito" das Leis Divinas.

Quantos há que conhecem apenas a "letra", discutem, lançam teorias, debrateram-se, mas estão longe da Verdade, porque não a "merecem", justamente por lhes faltar a humildade...

Quem se orgulha do que é ou do que possui, desprezando os demais, não tem a sintonia com as Correntes Superiores da Vida, e assimila apenas as ideias medíocres ou até negativas, como parceiros mentais de encarnados e desencarnados de nível inferior.

A humildade se manifesta, dentro de cada um, através dos pensamentos de igualdade e dos sentimentos fraternos e, externamente, através do agir atencioso e gentil para com todos.

Devemos refletir diariamente sobre como estamos pensando, sentindo e agindo. Se praticarmos essa virtude, já estaremos em condições de "orientar" nossos irmãos. Em caso contrário, seremos "cegos dirigindo outros cegos"... Quem não sabe para si não tem condições de ensinar, quem não pratica não é bom exemplo...

As criaturas realmente humildes podem estar ocupando qualquer posição na sociedade, podem ser dotadas de alto nível intelectual ou não, podem ocupar posição de relevo ou não, que seu íntimo sempre será o mesmo, ou seja, irradiante de simpatia, gentileza e compaixão.

Trata-se de uma conquista imprescindível à nossa evolução, digna dos filhos de Deus, criados para serem "deuses", como disse Jesus, e poderem brilhar cada vez mais intensamente, tornando-se modelos de Sabedoria e Felicidade.

5.2.2 – O DESAPEGO [9]

Jesus afirmava “não ter uma pedra onde recostar a cabeça”, ensinando que nada nos pertence realmente. Sabemos que toda a Criação é mero produto do Pensamento de Deus e simplesmente desapareceria se Ele assim o quisesse. Apegar-se ao que quer que seja significa desconhecimento dessa realidade básica.

Quanta gente se apega a bens e interesses puramente materiais, como se sua posse fosse durar para sempre; a pessoas, como se fossem meros objetos, de que pudessem dispor e comandar sem limites; e assim por diante!

O Espírito Maria de Nazaré, certa vez, atendendo a um pedido de Francisco Cândido Xavier, enviou-lhe uma mensagem em que dizia: “Isso também passa.” Realmente, tudo passa, menos nossas aquisições intelecto-morais, que carregamos no nosso próprio Espírito.

Desapegar-se é imprescindível, sem significar desamor ou desinteresse pelos nossos irmãos, mas devemos realizar nosso trabalho no meio onde fomos chamados a atuar como meros semeadores, sem, todavia, aguardar os resultados, que não nos pertencem.

Os momentos felizes e os dramáticos, as ocorrências todas que sucederem, tudo se esvai no curso do tempo, sendo substituídos os quadros do passado pelas perspectivas do futuro, sempre promissor.

A fatalidade evolutiva é a incompreensão tornar-se Amor Universal, a fealdade moral tornar-se virtude, a ignorância transmutar-se em Sabedoria e os problemas serem a base da Felicidade.

Desapegar-se o mais possível de tudo que não seja essencial para o progresso intelecto-moral é imprescindível: usar o que nos é lícito, com utilidade para nós e para os outros, mas sabendo da transitoriedade de tudo que não seja assentado no Bem verdadeiro.

Jesus mostrou o caminho do Amor Universal: essa a trajetória que conduz à Definitividade Relativa, que nos aguarda no futuro.

O bom senso é que nos mostrará como praticar o desapego.

Poucas palavras são necessárias neste capítulo, pois as próprias palavras estão aquém da grandiosidade das ideias que representam o Desapego. Assim, encerramos por aqui as considerações sobre o assunto.

5.2.3 – A SIMPLICIDADE [10]

Alguém idealizou a divisão da História em antes e depois de Cristo, possivelmente imbuído da sincera intenção de homenagear o Divino Mestre ou talvez simplesmente procurando valorizar a si próprio, como membro graduado da Igreja Católica, em detrimento das outras correntes religiosas. Todavia, Jesus, em momento algum, se encarnado estivesse, aceitaria essa distinção: isso significa simplicidade.

Quantas pessoas dão tudo que tem e o que não têm em troca de uma evidência, que, normalmente, não merecem!

Assim, Nero queria passar à História como ator de talento, apesar de ser medíocre representante de peças de mau gosto e outros tantos histriões vêm fazendo tudo para se tornarem notados pelos contemporâneos, como se lhes fossem superiores.

Faraós do antigo Egito falsearam dados históricos, registrando proezas que nunca efetivaram. Alexandre da Macedônia foi um dos antigos líderes que mais enxertou dados inverídicos nos registros a seu próprio respeito. Napoleão Bonaparte viveu em função de endeusar-se, chegando ao ponto de coroar a si mesmo como imperador da França. Nos dias que correm ainda se veem esses heróis “de fancaria”, vaidosos inveterados, que não conseguem entender a grande virtude da simplicidade.

Esses homens e mulheres, medíocres, pobres de valores espirituais, fixam ao rosto máscaras douradas e vestem-se de forma extravagante ou suntuosa, levam aonde vão sua ridícula corte de bajuladores e vivem a fantasia dos antigos “deuses” da mitologia dos povos primitivos. Talvez tenham sido realmente algumas daquelas deidades perante os seres ignorantes dos tempos recuados da evolução humana e ainda não se desvincularam da ilusão que os mantém estagnados no tempo...

A simplicidade é o resultado da compreensão dos valores espirituais, aqueles que realmente contam diante de Deus e da Sua Justiça, de Amor e Caridade.

Os Espíritos realmente evoluídos são simples, porque não pretendem nenhuma evidência sem utilidade: apresentam-se em ocasiões em que se faz necessário realmente para uma finalidade útil. Normalmente, não são vistos em situação de evidência, pois estão sempre ocupados com seus deveres, que lhes tomam o tempo e absorvem suas energias.

Gandhi evitava entrevistas inúteis, porque não lhe sobrava tempo na azáfama que lhe ocupava as mãos e o pensamento diariamente. Madre Teresa de Calcutá vivia tão assoberbada com seus “mais pobres dos pobres” e não se punha à disposição de quem pretendesse simplesmente satisfazer a curiosidade de vê-la e ouvi-la discorrer sobre seu trabalho humanitário. E assim por diante, inclusive, Francisco Cândido Xavier, que

muitas vezes deixou de comparecer a solenidades de entrega de títulos de cidadania honorária que lhe outorgavam à sua revelia.

Ser simples não significa ser simplório, mas consciente do que é essencial para a vida e do que representa mera superfluidade, preferindo aquilo que realmente tem valor, ou seja, o trabalho útil em benefício da coletividade.

A simplicidade é apanágio dos que atingiram a Sabedoria, tal como Gibran Khalil Gibran narra no livro "O Profeta", quando seu personagem principal fala ao povo da ilha pela primeira e única vez, pouco antes da partida daquele ambiente: nunca se preocupara em apresentar-se em aglomerações para expor seus conhecimentos, mas falou somente no momento certo e uma única vez.

Jesus falou muitas vezes, mas deve ter-se mantido calado na maior parte do tempo, por reconhecer que fazer diferente seria mero exercício de vaidade: expressou-se sempre com simplicidade, traduzindo grandes ensinamentos em palavras compreensíveis por todos, principalmente contando histórias de homens do campo, cenas da vida diária dos cidadãos comuns e tudo fazendo para tornar-se compreendido até pelas crianças.

A simplicidade é a virtude dos evoluídos, na acepção mais perfeita da expressão, os quais se nivelam a todos os seus irmãos e permitem a proximidade, que procuram espontânea e informalmente.

A mentalidade formalista, as regras da etiqueta, o estilo cerimonioso provocam o distanciamento entre as pessoas, com grave prejuízo para seu bom relacionamento.

Simplicidade no pensar, no sentir e no agir são exercícios que devemos praticar diariamente, como parte do caminho evolutivo, rumo a Deus, cuja Simplicidade é Infinita, a tal ponto que sequer se impõe às Suas criaturas, dando-lhes o direito até de duvidarem da Sua existência.

6 – OS PROFISSIONAIS DA SAÚDE: INTERDISCIPLINARIDADE [11]

Muitas pessoas, por não se darem conta de que estão sendo “manipuladas”, deixam-se não só influenciar, mas são, na verdade, literalmente “dominadas” por propagandas, sobretudo, da Mídia. Estudos especializados comprovam a força da propaganda sobre o psiquismo das pessoas e concluíram que determinados “apelos” tornam-se praticamente irresistíveis para aqueles mais suscetíveis de indução ao consumo de determinados produtos.

Através, sobretudo, da grande penetração da Internet e da televisão nos lares, não só muita gente adquire bens e serviços de que absolutamente não necessita, como também adota, muitas vezes, um estilo de vida nem sempre saudável ou até mesmo nocivo.

Podemos acreditar que até a “propaganda subliminar” seja utilizada por empresários inescrupulosos na conquista dos consumidores...

O objetivo deste estudo, contudo, por ser outro, não permitirá maior desenvolvimento desse tema, mas aconselha-se aos prezados Leitores se informarem sobre o assunto, para saberem se precaver das “propagandas subliminares”, bem como das outras, que procuram levá-los aos consumismo, sempre desastroso.

Devemos informarmo-nos sobre os assuntos relacionados com a saúde diretamente com os bons profissionais de cada área, que nos mereçam a confiança, e não ficarmos à mercê dos anúncios e chamamentos dos marqueteiros, que, infelizmente, querem lucros para as empresas para as quais trabalham. Vejam-se, por exemplo, os absurdos que representam os chamativos para o consumo de bebidas alcoólicas, alimentos que levam à obesidade, fumo etc. etc.

O próprio excesso na utilização da telefonia celular caracteriza atualmente verdadeira “dependência psíquica”, resultado da maciça propaganda das empresas dessa especialidade, que lucram milhões com as ligações na maioria das vezes desnecessárias, o mesmo se dizendo dos fabricantes de aparelhos celulares cada vez mais “aperfeiçoados”. Assim também se pode falar quanto à compulsão de estar diariamente e por horas seguidas, alguns até durante as madrugadas, à frente dos aparelhos de televisão, do computador, dos jogos eletrônicos etc. etc.

Já na Grécia antiga se chamava a atenção para a necessidade de reflexão quanto aos produtos e serviços realmente importantes na vida dos cidadãos e a conveniência de descartarem-se os desnecessários ou nocivos, que simplesmente visam a dar lucros para seus idealizados, fabricantes ou comerciantes.

Como cada categoria de profissionais da saúde tem seu Código de Ética, não pode veicular propagandas “gritantes” e, assim, as pessoas em geral acabam consultando-os apenas quando já se lhes instalaram casos graves de doença, preferindo, normalmente confiar nos reclames da televisão, da Internet ou nas “dicas de saúde” dos colegas, compadres e comadres...

Muita ainda gente afirma levemente que “quem se trata com psiquiatra, neurologista ou psicólogo é doido”, “a Medicina Alternativa à prescrição de chás caseiros”, “a consulta ao nutricionista representa jogar dinheiro fora”, “exercitar uma atividade física pode resumir-se a jogar futebol nos finais de semana” etc. etc.

A interdisciplinaridade é atualmente reconhecida como essencial em todas as áreas, inclusive na de saúde. Por isso, este estudo não abordará apenas a Psicologia e a Doutrina Espírita, mas também outros ramos do Conhecimento Humano, que se relacionam com os primeiros e devem ser levados em conta pelos profissionais e pelas pessoas em geral. Essas abordagens, todavia, serão sumárias, inclusive pelo fato do objetivo do presente estudo ser de propor uma Psicologia Espírita baseada na reforma moral, ou seja, na superação dos defeitos morais do orgulho, egoísmo e vaidade e desenvolvimento das virtudes da humildade, desapego e simplicidade.

6.1 – O MÉDICO

O médico é figura imprescindível na vida de qualquer pessoa. Começando pelo próprio nascimento, daí para a frente, volta e meia, teremos de contar com a atenção de algum profissional da Medicina.

Aqueles que se julgam dotados de “saúde perfeita”, muitas vezes por causa do desconhecimento das regras da boa saúde física e moral, muitas vezes se descuidam e adquirem problemas talvez até graves. Não basta atentar apenas para as necessidades do corpo, uma vez que este é mero equipamento do Espírito, por este último comandado através do perísprito. “Mente sã em corpo são” representa um programa de vida que passa pelo pensamento sadio, sentimento sadio e atitude sadia, ao mesmo tempo em que se obedece a determinadas regras de sustentação do próprio corpo.

Quem consulta seu médico periodicamente tem muito mais chance de detetar algum problema físico iniciante e tratar-se em tempo.

A automedicação e as consultas aos farmacêuticos ou até aos balconistas das farmácias não se justificam: aliás, todo medicamento somente deveria ser vendido sob apresentação de receita médica, como acontece em países mais evoluídos culturalmente que o nosso.

O médico tem o conhecimento da “ciência do corpo”. Mas, para a “saúde perfeita”, é preciso que o Espírito seja saudável moralmente. O fator mais importante realmente, nesse binômio corpo-espírito é o segundo, porque a Felicidade relativa acompanha o doente moralmente sadio mas a recíproca não é verdadeira.

Todavia, mesmo nos casos de aparente ineficácia, a assistência médica deve ser procurada, como auxiliar na minimização dos males físicos que podem nos acometer. Não se deve haver seguir o mau exemplo de alguns sistemáticos, que se recusam, preferindo automedicar-se ou simplesmente deixar deteriorar-se o corpo...

Nos casos de detetar-se algum problema psicológico é sempre importante o tratamento multidisciplinar, com a participação de um neurologista, um psiquiatra, um clínico geral, sem contar outros profissionais da saúde.

A Medicina é uma das ciências mais antigas e dela nasceram muitas outras, atualmente em franco desenvolvimento. O médico, portanto, ainda continua sendo uma valiosa referência em qualquer caso que diga respeito à saúde.

6.1.1 – A HOMEOPATIA [12]

Talvez a maior vantagem da Homeopatia seja a não causação de efeitos colaterais. Deveria haver maior quantidade de especialistas nessa área, mas, sobretudo, maior investimento em pesquisas. Pode servir de “carta de recomendação” o fato do Dr. Bezerra de Menezes, quando encarnado, ser adepto da Homeopatia.

Infelizmente, poucos são os profissionais que ousam enfrentar o preconceito dos seus colegas alopatas e poucos são os centros de pesquisa, necessários para o maior desenvolvimento desse importante ramo da Medicina.

Afirma-se que nos Estados Unidos, ao contrário do que aqui fazemos, a Medicina Alternativa vai ocupando cada vez mais espaço, ganhando o terreno antes dominado pela Medicina Acadêmica. Sigamos esse exemplo.

Os medicamentos homeopáticos agem diretamente sobre o tecido perispiritual, onde realmente se encontram as raízes de muitas doenças. Daí a definitividade da cura de muitas doenças, ou, pelo menos, a maior chance de curá-las, quando o Espírito também se empenha na própria renovação moral, pois muitas doenças são mero reflexo dos defeitos morais mantidos pelos pensamentos, sentimentos e ações contrários às Leis Divinas.

Aconselha-se aos prezados Leitores a consulta à nota correspondente, onde encontrarão informações mais detalhadas sobre o assunto, além de outras fontes de informação.

6.1.2 – A MEDICINA INDIANA (AYURVEDA) [13]

Há uma disputa entre as Medicinas Tradicionais da Índia e da China sobre qual seria a mais antiga. Todavia, é verdade que a Medicina Indiana está cada vez mais valorizada em países como os Estados Unidos. Os conhecimentos multimilenares dessa Medicina voltam-se para os centros perispirituais e trabalham em função deles ao invés de simplesmente neutralizarem os efeitos, que se manifestam no corpo físico. Os médicos especialistas nessa área reconhecem a existência do Espírito e seu corpo espiritual, ao contrário da maioria dos profissionais da Medicina Acadêmica, que centralizam o tratamento aos efeitos manifestados no corpo físico.

Infelizmente, no Brasil, são poucos os profissionais dessa especialidade.

Aconselha-se aos prezados Leitores a consulta à nota correspondente, onde encontrarão informações mais detalhadas sobre o assunto, podendo melhor se esclarecerem através de outras fontes de informação.

6.1.3 – A MEDICINA CHINESA [14]

Os conhecimentos e métodos da Medicina Tradicional Chinesa também se concentram nos centros de força do perísprito, daí produzindo efeitos muito mais definitivos que os da Medicina Acadêmica.

Aconselha-se aos prezados Leitores a consulta à nota correspondente, onde encontrarão informações mais detalhadas sobre o assunto, podendo melhor se esclarecerem através de outras fontes de informação.

6.1.4 – A MEDICINA ORTOMOLECULAR [15]

Aconselha-se aos prezados Leitores a consulta à nota correspondente, onde encontrarão informações detalhadas sobre o assunto, podendo melhor se esclarecerem através de outras fontes de informação.

6.1.5 – A MEDICINA ANTROPOSÓFICA [16]

Aconselha-se aos prezados Leitores a consulta à nota correspondente, onde encontrarão algumas informações sobre o assunto, podendo melhor se esclarecerem através de outras fontes de informação.

6.1.6 – O MÉDICO PSIQUIATRA

A Psiquiatria desenvolveu-se muito, a ponto de atualmente encontrarem-se medicamentos que equilibram determinados centros nervosos com efeitos colaterais cada vez menos expressivos, possibilitando uma vida praticamente normal a muitos pacientes, que, de outra forma, ficariam sem condições de levar adiante suas atividades diárias.

Abençoados sejam os pesquisadores dessa área, pois o número de usuários desses medicamentos é expressivo, face ao estresse da vida agitada dos nossos dias.

Todavia, vale a pena informar aos prezados Leitores da existência de alguns psiquiatras que utilizam terapêutica espírita, na qual se incluem as sessões de desobsessão, passes magnéticos e água magnetizada. Talvez o mais eminente desses médicos tenha sido o Dr. Inácio Ferreira de Oliveira, que pontificou em Uberaba – MG, cuja biografia pode ser conhecida através da nota 17.

No meio espírita há quem questione algumas obras mediúnicas atribuídas ao Espírito Inácio Ferreira. Todavia, como o objetivo deste estudo é simplesmente apresentar nossa modesta contribuição à Psicologia Espírita, podem os prezados Leitores se aterem ao trabalho literário-científico do grande psiquiatra produzido quando ainda encarnado.

Se, realmente, há médicos psiquiatras que acreditam na realidade do Espírito e sua evolução através das sucessivas reencarnações, não há porque não adotarem a terapêutica espírita na sua clínica: afinal, a Doutrina Espírita, além de ser uma corrente religiosa e uma Filosofia, é um braço da Ciência, com todas as características e conseqüências, não sendo mera criação mirabolante de aventureiros ou delirantes. Seu surgimento no século XIX foi o resultado das pesquisas de uma plêiade de importantes intelectuais principalmente europeus e, em sã consciência, não pode ser desprezada por leigos ou intelectuais que nada ou quase nada estudaram do assunto.

6.1.7 – O MÉDICO NEUROLOGISTA

Alguns distúrbios do sistema nervoso não fazem parte da área de atuação dos médicos psiquiatras, mas sim dos neurologistas. É importante para o paciente consultar o profissional adequado, como auxiliar no seu tratamento psicológico.

6.2 – O PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Há alguns anos atrás quase todo mundo desempenhava alguma atividade braçal. Todavia, com a quase “substituição do homem pela máquina” e a utilização de equipamentos que dão cada vez mais conforto às pessoas, muita gente se entrega ao sedentarismo e começa a envelhecer precocemente, simplesmente pela falta de atividade física.

Os controles remotos, o hábito de andar de carro, os eletrodomésticos cada vez mais avançados e outros benefícios do mundo tecnológico vêm prejudicando a saúde daqueles que preferem a poltrona às academias de ginástica e a cama ao esforço físico.

A necessidade de desempenhar algum tipo de atividade corporal é uma regra que vem sendo transmitida de geração em geração através da famosa frase “mente sã em corpo sã.”

Hoje em dia há uma valorização cada vez maior dos profissionais da Educação Física, devendo-se, todavia, evitar o “culto ao corpo”, que alguns desses profissionais têm passado aos alunos e pensar-se menos em competir e mais em simplesmente procurar a saúde.

As competições têm-se tornado meta para muitos profissionais dessa área, a ponto de criarem-se disputas entre os próprios deficientes físicos e mentais, o que, se por um lado lhes eleva a autoestima, os estimula à disputa, ao invés da cooperação.

Jean-Baptiste Lamarck afirmava que na Natureza vigora a cooperação, mas foi desmentido, sem razão, pela mentalidade equivocada de Charles Darwin, que pregou indiretamente a luta de uns contra os outros, de forma indireta contribuindo para a violência e o egoísmo que ora infelicitam a sociedade.

A reforma interior não dá espaço para disputas, egocentrismo e qualquer forma de desunião.

As práticas esportivas e as atividades físicas em geral devem incentivar as virtudes e não induzir à manutenção dos defeitos morais.

Quanto aos esportes e atividades correlatas ligadas a posturas de violência nem se diga: são totalmente antipedagógicas e apenas atestam o atraso moral em que ainda estagiamos.

6.3 – O TERAPEUTA OCUPACIONAL [18]

Aconselha-se aos prezados Leitores a consulta à nota correspondente, onde encontrarão informações detalhadas sobre o assunto, podendo melhor se esclarecerem através de outras fontes de informação.

Infelizmente, a maioria da nossa população não conhece o trabalho dos terapeutas ocupacionais. Para esses que nunca ouviram falar dessa valiosa especialidade, vale a pena tomarem conhecimento dela através da seguinte notícia, veiculada na Internet:

"Raul Teixeira já está no Brasil!

Vejam o vídeo abaixo com imagens inéditas de Raul depois do AVC... Fez ótima viagem no último final de semana e agora se encontra muito bem instalado em São Paulo, onde continuará o seu tratamento de reabilitação com Fonoaudiologia, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

A primeira avaliação com a terapeuta ocupacional foi muito positiva e estamos aguardando as avaliações dos demais profissionais. [...]"
(mensagem postada por José Aparecido, em 21/12/2011, às 11:14 h)

6.4 – O NUTRICIONISTA

Mohandas Gandhi afirmava que o vício mais difícil de ser vencido é o da glotonaria. Como estudioso que foi do assunto durante grande parte de sua vida, devia ter razão quando fez essa afirmativa.

Realmente, há pessoas, e não são tão poucas, que escolhem os alimentos pelo sabor e não pelo teor alimentício. Dessa forma, a quantidade de doenças causadas pela má escolha dos alimentos talvez seja tão grave quanto à carência de alimentos nas regiões mais pobres do planeta.

Consumem-se verdadeiros tóxicos na alimentação diária de grande parte das pessoas e principalmente nas ocasiões festivas, em que os experts inventam receitas literalmente “explosivas” para a saúde das suas vítimas.

Alimentar-se deveria ser uma verdadeira ciência, porque os produtos ingeridos representarão a sustentação da saúde ou a deflagração de doenças mais ou menos graves. Isso sem contar o hábito da ingestão de refrigerantes e bebidas alcoólicas...

Alguém perguntará o que tem a ver o trabalho do nutricionista com o tratamento psicológico do tipo espírita com base na reforma moral, mas a resposta não é absurda, quando se sabe da interdependência entre o corpo, o perispírito e o Espírito: um corpo intoxicado é uma habitação complicada para um Espírito já, de si próprio, doente moralmente... O tratamento tem de ser de todo o conjunto, de cada um dos itens da estrutura corpo-perispírito-Espírito, evidentemente.

A glotonaria é realmente um vício e a alimentação mal planejada causa prejuízos ao corpo.

A orientação de um nutricionista é considerada pela maioria como “artigo de luxo”, preferindo seguir os padrões que vieram de pai para filho, através das sucesivas gerações, ou então as “dicas” da Mídia, altamente suspeitas...

Alimentar-se corretamente é uma das grandes necessidades do ser humano, inclusive daí dependendo o número de anos de vida de cada um e sua qualidade de vida. Há quem se intoxique tanto que morre mais cedo do que o previsto, representando casos de “suicídio indireto”, como afirma o Espírito André Luiz, em seu livro “Nosso Lar”.

6.5 – O PSICÓLOGO ESPÍRITA

Chegamos, enfim, ao profissional que é o motivo do nosso estudo, qual seja o psicólogo.

Naturalmente que no seu curso universitário nenhuma referência haverá à Doutrina Espírita. Sua formação acadêmica será semelhante a dos seus demais colegas de profissão. Contudo, poderá contar com a consulta a outras fontes de capital importância para se tornar um profissional praticante da Psicologia Espírita: além das obras da Codificação Kardequiana, poderá estudar os livros ditados pelos Espíritos André Luiz e Emmanuel, além de outros, mas, sobretudo, uma importante fonte, imprescindível pela sua especificidade, que é a “Série Psicológica”, de autoria do Espírito Joanna de Ângelis, psicografada por Divaldo Pereira Franco, composta dos seguintes livros: 1) *Jesus e Atualidade*- 1989; 2) *O Homem Integral*- 1990; 3) *Plenitude* – 1991; 4) *Momentos de Saúde* – 1992; 5) *Momentos de Consciência* – 1992; 6) *O Ser Consciente* - 1993; 7) *Autodescobrimento: Uma Busca Interior* – 1995; 8) *Desperte e seja feliz* - 1996; 9) *Vida: Desafios e Soluções* – 1997; 10) *Amor, imbatível amor* – 1998; 11) *O Despertar do Espírito* – 2000; 12) *Jesus e o evangelho a luz da psicologia profunda* – 2000; 13) *Triunfo Pessoal* – 2002; 14) *Conflitos Existenciais* – 2005; 15) *Encontro com a paz e a Saúde* – 2007; 16) *Em Busca da Verdade* – 2009 e 17) *Psicologia da Gratidão* – 2011.

Infelizmente, a imensa maioria dos psicólogos se baseia nos “mestres” materialistas, que consideram a “mente” (uma realidade indefinida), quando sabemos que se trata do Espírito, com todo seu acervo de experiências, virtudes e defeitos, que já viveu outras vidas anteriores, onde errou e acertou e que só encontrará a Felicidade quando passar a agir de acordo com as Leis Divinas.

Joanna de Ângelis, verdadeira especialista em Psicologia Espírita, é a grande mestra dessa disciplina ainda não estudada pelos psicólogos materialistas e conhecida, em profundidade, de poucos psicólogos espíritas e adotada na prática por menor número ainda desses profissionais.

Já é hora de iniciar-se pelo menos o estudo aprofundado da sua obra, tal como se estudam Freud, Jung e outros “mestres” dessa importante ciência.

Grupos de estudo poderiam ser organizados para estudo metodizado da obra joannina: seria o primeiro passo; poder-se-iam escrever obras baseadas nas informações de Joanna de Ângelis e, principalmente, aplicar seus ensinamentos no dia-a-dia das atividades clínicas.

O maior problema talvez sejam os pacientes não-espíritas, que podem querer questionar, até judicialmente, a metodologia aplicada.

Mas os pioneiros em qualquer área têm de ter coragem, característica que, por exemplo, o psiquiatra acima referido, Dr. Inácio Ferreira de Oliveira, tinha de sobra.

7 – A DOCTRINA ESPÍRITA

Neste tópico a Doutrina Espírita será abordada, sobretudo, como Religião, pois que o objetivo que aqui será destacado é o da reforma moral.

Sem esse trabalho, que sucede ao do autoconhecimento, muitas pessoas que tomam contato com a Doutrina Espírita permanecem no seu vestíbulo, ou seja, na fase do mero reconhecimento da realidade da evolução através das reencarnações; maravilham-se sobretudo com as biografias dos Espíritos Superiores e com os romances nem sempre construtivos, que surgem, a cada dia, em número cada vez maior, mas continuam pensando, sentindo e agindo de forma inadequada para si próprios e para os semelhantes.

Allan Kardec alertava os adeptos no sentido de que “somente se podem dizer realmente espíritas aqueles que se esforçam por domar suas más tendências”: o fato de alguém afirmar-se espírita, e até frequentar as reuniões doutrinárias, nem sempre significa que esteja empenhado na própria reforma moral. Como se diz vulgarmente, “há gente boa e gente menos boa em todos os setores da atividade humana.”

O objetivo mais importante do Espiritismo é a reforma moral, meta que faz dele o Consolador, o continuador das Palavras e Exemplos de Jesus, ou seja, a Terceira Revelação.

Sem ela, estaremos sempre oscilando entre o Bem e o Mal, jurando fidelidade, ao mesmo tempo, a Deus e a César, a Deus e a Mamom: assim temos vivido em tempos passados, antes da decisão firme e persistente de “carregar nossa cruz e seguir Jesus.” Todavia, a expressão “carregar a própria cruz” não significa que seremos crucificados ao final da trajetória, mas sim que devemos cumprir nossos deveres diariamente, como verdadeiros, mas modestos alunos que somos na Escola Divina da “Alfabetização Espiritual”.

Não passamos de alunos das primeiras letras, pois nossa Ética coletiva iniciou seus primeiros passos há mais ou menos 6.700 anos e nossa Ética individual talvez tenha menos de dois milênios, sem ainda termos conseguido realmente internalizar as Divinas Lições de Jesus, pensando, sentindo e agindo segundo elas no nosso dia-a-dia.

As revelações que a Doutrina Espírita tem trazido representam um passo adiante no conhecimento da Verdade, de que disse Jesus, mas não visam a simplesmente satisfazer nossa “curiosidade”, e sim, sobretudo, mudar nosso mundo interior para melhor, preparando-nos para viver a Nova Era, de habitantes de um planeta de regeneração, superada a fase, que ora termina, de mundo de provas e expiações.

Cada um é o único responsável pela própria evolução ético-moral, apesar de ajudado, de todas as formas possíveis, pela Divina Providência.

Sigamos em frente, que a recompensa supera qualquer expectativa mais otimista!

7.1. – OS CENTROS ESPÍRITAS

Allan Kardec fundou o primeiro Centro Espírita do mundo, reeditando as primeiras Igrejas cristãs, que se multiplicaram sobre graças ao esforço ingente de Paulo de Tarso.

Nos atuais Centros Espíritas se estudam as obras espíritas em grupos organizados e bem orientados, realizam-se palestras, faz-se o trabalho de esclarecimento de Espíritos em estado de perturbação e tratamento de encarnados com problemas psíquicos ou físicos através do passe e da água magnetizada, além do trabalho de assistência social.

Os espíritas não devem se restringir a comparecer como meros, pedintes, beneficiários, solicitando ajuda, mas sim trabalharem, doando de si, como colaboradores dessa obra coletiva de evolução espiritual através da Solidariedade.

O Espírito Emmanuel alertava contra o comodismo dos que só pedem ajuda, afirmando que “com uma semana de Evangelho, cada um já pode começar a ajudar em alguma atividade.”

Todavia, a responsabilidade na fundação de novos Centros Espíritas deve ser pensada maduramente, pois a continuidade dos trabalhos depende do comprometimento de cada um, que não deve encarar a empreitada como mera “aventura” e sim como o cumprimento de uma verdadeira responsabilidade perante a própria consciência e Deus.

À medida que o trabalhador vai desenvolvendo suas atividades no grupo, vai encontrando mais motivações para continuar, sentindo-se feliz e ganhando novos amigos, passando a desfrutar de uma vida mais espiritualizada.

7.1.1 – FREQUÊNCIA ÀS PALESTRAS PÚBLICAS

Quantos palestrantes qualificados, muitos dos quais quase anônimos, iluminam a mente e o coração dos espíritas por este imenso Brasil, apesar do destaque merecido de um Divaldo Pereira Franco e um José Raul Teixeira!

Depois de estudarem carinhosamente os assuntos que irão abordar, hoje em dia muitos utilizam os recursos tecnológicos da Informática, dando-se o trabalho de comporem textos e imagens, para facilitar mais ainda a compreensão e a fixação das lições que irão apresentar aos ouvintes nas reuniões públicas.

Merecem nossa consideração e gratidão esses expositores, que, muitas vezes, deslocam-se para bairros ou cidades distantes a fim de levarem palavras de incentivo, conhecimentos valiosos, em resumo, Jesus através da exposição verbal.

O dom da Oratória traz consigo a grande vantagem de propiciar o conhecimento da Doutrina Espírita naqueles que não têm fácil acesso aos livros. Sem esse recurso valioso, muita gente ficaria sem condições de informar-se e consolar-se.

Imagine-se o que teríamos em termos de conhecimento e pacificação interior sem as palestras de Divaldo Pereira Franco, José Raul Teixeira, Dr. Bezerra de Menezes, Ivon Costa, Bittencourt Sampaio e tantos outros missionários da palavra falada.

É muito gratificante compor as plateias dos Centros Espíritas para ouvir nossos palestrantes, sejam eles famosos ou não: sempre aprendemos muito e temos oportunidade de sintonizar com os Orientadores Espirituais, que aproveitam o clima mental elevado para nos transmitirem intuições sadias e nos suprir de energias novas o corpo físico.

Nunca faltar, salvo motivo de excepcional gravidade, às reuniões públicas de nosso Centro de preferência deve ser um dos compromissos mais importantes da nossa agenda semanal.

7.1.2 – PARTICIPAÇÃO EM GRUPOS DE ESTUDO

Há uma diferença muito grande entre estudar isolado, no seu próprio ambiente doméstico, e estudar em grupo, no Centro de sua preferência. No primeiro caso, perdemos muitos detalhes importantes das lições e acabamos aprendendo menos do que seria ideal.

As obras kardequianas são verdadeiros Tratados e não simples compêndios que devam ser lidos como romances, ou seja, querendo chegar a “saber o fim da história”... Outras obras complementares também apresentam uma densidade tão grande que não devem ser estudadas apressadamente nem fora dos grupos de estudo.

Um aspecto importante em qualquer grupo de estudo deve ser a sincera intenção de aprender e não de discutir no sentido pior da palavra.

As intervenções dos participantes devem ser propiciadas com a maior liberdade possível, mas sempre voltadas para o tema do estudo e nunca desviar-se para informações inúteis. Deve haver sempre a figura de um coordenador, não autoritário, de preferência adotando-se o rodízio, de forma democrática. Todavia, a afinidade entre os componentes deve ser real e representar verdadeira alegria e satisfação estarem juntos, estudando e convivendo.

Uma das mais importantes atividades que os Centros Espíritas devem desenvolver é justamente essa, de formar grupos sérios e qualificados de estudo, porque aí se formam muitos palestrantes, médiuns e obreiros conscientes e dedicados.

7.1.3 – PARTICIPAÇÃO EM ATIVIDADES FILANTRÓPICAS

Outro ramo de atividade importante nos Centros Espíritas é aquela voltada para a assistência social.

A doação de alimentos, peças de vestuário etc. é uma grande contribuição que podemos fazer, mesmo quando represente pouco em termos materiais.

Todavia, outras atividades filantrópicas podem ser idealizadas, como aulas, tudo dependendo da criatividade, disponibilidade e boa-vontade de cada um.

7.1.4 – FREQUÊNCIA ÀS SESSÕES DE TRATAMENTO ESPIRITUAL: DESOBSessão

A Doutrina Espírita, ao desvendar, com toda a clareza possível à nossa compreensão, a realidade da vida dos Espíritos desencarnados, propiciou inclusive o estudo do fenômeno da obsessão, ou seja, a interferência de um Espírito desajustado junto a um encarnado também desajustado.

Como a Ciência terrena é eminentemente materialista, nunca levou em conta esse dado na caracterização ou agravamento de doenças físicas ou psíquicas. Em verdade, grande parte dos doentes do corpo ou do psiquismo deve parte dos seus males à presença desequilibradora de Espíritos em desalinho moral.

Os trabalhos de desobsessão são uma das mais relevantes contribuições dos Centros Espíritas, sendo que, na verdade, somente a Doutrina Espírita tem uma literatura qualificada e acessível sobre esse tema e realiza um trabalho profícuo nessa área.

Quanta gente, que apresentava quadros até graves de doenças físicas ou psíquicas, foi literalmente curada nos Centros Espíritas ou, pelo menos, teve reduzido seus males!

O tratamento se baseia sobretudo na reforma moral do encarnado e do desencarnado: não há milagres, mas sim o esforço do próprio encarnado, que se liberta da influência negativa na medida em que se reforma interiormente, ao mesmo tempo em que se procura esclarecer o Espírito sofredor que o acompanhava.

Muitas pessoas que comparecem aos consultórios e clínicas psicológicas fazem-se acompanhar de desafetos desencarnados, invisíveis aos olhos do terapeuta e do paciente, e, procurando a cura pelos métodos tradicionais, que desconsideram a realidade espiritual, prolongam-se às vezes por muitos anos, sem reais chances de cura, pois o paciente encarnado, sem sua reforma moral, mantém-se ligado psiquicamente ao obsessor. São realidades que passam despercebidas pela Ciência materialista...

A Doutrina Espírita representa a porta que se abriu para conhecimento do mundo espiritual, que, até então, era apenas suspeitado vagamente pelos encarnados, complicado pelo misticismo, fantasias e credices, ligados às ideias equivocadas da existência de demônios, anjos milagreiros e demais crenças mantidas até há pouco tempo atrás pelas religiões a quem interessava a ignorância popular.

7.1.5 – FREQUÊNCIA ÀS SESSÕES MEDIÚNICAS

Há espíritas que têm uma programação na área da mediunidade, seja como médium propriamente dito, seja na doutrinação, como também há outras que estão planejadas para outros setores. Ser médium explícito ou doutrinador não significa mérito nem demérito para ninguém: representam apenas especialidades, tão importantes quanto todas as outras, que incluem os palestrantes, dirigentes, obreiros em geral etc.

As reuniões mediúnicas são de extrema importância inclusive para a assistência direta aos desencarnados em estado de perturbação. Todavia, os Orientadores Espirituais sempre dizem que quem mais sai ganhando nesses sessões somos nós, pois a Espiritualidade Superior tem outros meios de realizar seus trabalhos de desobsessão sem nossa participação. Por isso, quando fazemos parte de um grupo de trabalho mediúnico, devemos nos considerar felizes na humildade de poder participar e não como missionários de que nossos Orientadores necessitariam obrigatoriamente.

Nossa pureza de intenções, consequência da reforma moral, aliada à preparação intelectual, através do estudo em grupo, nos colocam em condições de auxiliar e, conseqüentemente, ganhar pontos no nosso crescimento intelecto-moral.

Não são muitos, porém, aqueles realmente preparados para trabalhar nas reuniões mediúnicas, tanto que Yvonne A. Pereira afirmava, em outras palavras, que ninguém desenvolve a mediunidade, mas já nasce com ela, se for o caso, querendo dizer que somente aqueles que já nasceram com uma programação nessa área devem dedicar-se a esse tipo de trabalho espiritual. Há trabalho em outros setores para todos que sejam movidos pela boa-vontade e o ideal de servir.

7.1.6 – ESTUDO DAS OBRAS BÁSICAS E COMPLEMENTARES

A Doutrina Espírita surgiu no meio da intelectualidade, sobretudo francesa, e, aos poucos, ganhou as ruas, divulgando-se entre todas as pessoas de boa-vontade, desejosas de conhecer a Nova Revelação, e, em verdade, somente no século XX passou a apresentar contornos de verdadeira corrente religiosa, sobretudo no Brasil, graças principalmente à personalidade luminosa de Francisco Cândido Xavier e dos livros que psicografou, que ultrapassam a cinco centenas.

Trata-se de uma Doutrina em que o estudo é imprescindível, sem, porém, ser elitista, injustamente excluindo as pessoas de poucas letras: nada disso. Todavia, para conhecê-la é preciso que pelo menos haja o interesse em assistirmos as palestras públicas. Se temos condições mínimas de instrução, devemos participar de grupos organizados e qualificados de estudo das obras básicas e das complementares.

É importante mudarmos a mentalidade que trouxemos de outras correntes religiosas, onde, muitas vezes, simplesmente comparecíamos aos cultos e ficávamos na posição de passividade, aguardando a palavra de algum expositor, mas sem nosso empenho em realmente conhecer a religião que dizíamos professar.

Sendo a religiosidade um elemento de capital importância na nossa vida, devemos investir tempo e esforço no seu aprendizado e, naturalmente, na sua prática, tal qual procuramos fazer quanto à nossa profissão, pois, das duas coisas, uma não é menos importante que a outra: uma nos possibilita a sobrevivência material e a outra nosso crescimento ético-moral.

Allan Kardec, Léon Denis, Camille Flammarion, Yvonne do Amaral Pereira, Divaldo Pereira Franco, José Raul Teixeira, Joanna de Ângelis e tantos outros são apenas alguns dos nomes ligados à vasta literatura espírita, encontrável em livros, cds, dvds e na Internet.

O estudo metodizado desse material didático é imprescindível para que conheçamos a Doutrina prometida por Jesus sob o nome simbólico do Consolador.

7.1.7 – MENTALIZAÇÃO, MEDITAÇÃO, ORAÇÃO E VISUALIZAÇÕES TERAPÊUTICAS

A Doutrina Espírita acolhe várias formas de aperfeiçoamento espiritual e não apenas aquelas lembradas nos primórdios da Doutrina Espírita, ou seja, na época de Allan Kardec. Assim é que atualmente se utilizam ferramentas como a mentalização, a meditação e a visualização terapêutica, ao lado da tradicional oração.

Divaldo Pereira Franco, por exemplo, tem divulgado bastante essas formas diferenciadas, inclusive através de seminários e cds.

Muitas livrarias espíritas têm colocado à disposição do público esse tipo de material didático, além da própria Internet, onde se encontram muitas referências úteis.

7.1.8 – CULTO EVANGÉLICO NO LAR

Quanto ao meu culto evangélico no lar, realizamo-lo diariamente, antes de dormir, lendo algumas páginas de algum livro que já estamos estudando e realizamos, cada um de nós, uma breve oração. É melhor do que os encontros semanais da família, porque cada qual tem sua agenda, cheia de outros compromissos.

O importante é termos em mente que nossa religiosidade não é mero dever exterior, formal, e sim um compromisso assumido prazerosamente com Deus, em benefício da nossa própria evolução intelecto-moral.

Estar em contato com Deus, através dos nossos Orientadores Espirituais, representa os momentos de maior felicidade na vida material, conforme afirmava Ynonne A. Pereira.

7.1.9 – A MEDIUNIDADE

O multicitado Espírito André Luiz, em “Evolução em Dois Mundos”, afirma que os nossos atuais cinco sentidos foram surgindo um de cada vez, à medida que nossa evolução foi se processando nos Reinos inferiores da Natureza. Pode-se ter como certo que o próximo a se consolidar em todas as criaturas humanas será a mediunidade, ou seja, a capacidade para o contato mental entre os Espíritos encarnados e desencarnados em todos os momentos, substituindo a linguagem verbal, que continuará como possível, mas não absolutamente necessária.

Inseri este tópico no item da Doutrina Espírita, porque a mediunidade somente produz resultados excelentes se praticada segundo padrões ético-morais elevados. Aliás, Jesus afirmou: “Ninguém vai ao Pai a não ser por Mim”, informando que, sem a adoção da Sua Ética, com ou sem o rótulo cristão, qualquer tentame evolutivo representa mera aventura, sem garantia de sucesso real.

8 – AS ATIVIDADES PROFISSIONAIS

Jesus afirmou: “Estou trabalho e Meu Pai também trabalha.”

Não há necessidade de nenhum comentário para esclarecimento da necessidade de todos trabalharmos. Sem trabalho, a vida caminha para a estagnação, a perturbação e o desequilíbrio do Espírito.

Trabalhar é realizar atividades úteis para si e a coletividade.

Infelizmente, há quem trabalhe em atividades nocivas, o que é lamentável... Zaqueu era um desses maus exemplos, Maria de Magdala igualmente...

Que nossa própria consciência nos mostre se nosso trabalho está sendo realmente útil para poder ser tido como verdadeiro “trabalho” no sentido mais puro da palavra.

8.1. – A ESCOLHA DA PROFISSÃO

A questão da vocação é primordial na escolha do que vamos desempenhar na vida profissional. Há quem desde cedo tenha noção dos seus próprios dons e há quem demore a descobrir sua vocação. Todavia, é importante que cada um trabalhe na área onde se sinta realmente feliz, para que possa desempenhar seu mister com alegria e real utilidade para o público.

Os testes vocacionais são uma das formas dessa descoberta, que, infelizmente, pouca gente procura, assim perdendo precioso tempo, até, talvez, algum dia, encontrar sua verdadeira realização profissional.

8.1.1 – DINHEIRO X VOCAÇÃO?

A mentalidade materialista leva muita gente a sonhar em ficar rico ou, pelo menos, ganhar muito dinheiro para realizar suas fantasias, muitas delas inúteis ou até nocivas, e seus “sonhos de consumo”. Assim, muitos escolhem profissões bem remuneradas, mesmo que nada tenham a ver com sua real vocação, vivendo infelizes, em conflito interior, apesar da conta bancária privilegiada...

Allan Kardec dizia que é “preferível ser um bom sapateiro a um mau poeta”, o que podemos adaptar à presente reflexão, para aconselhar que cada um escolha a profissão onde se sentirá realizado como ser humano ao invés de forçar situações antinaturais, artificiais, que darão maus resultados em termos inclusive de crescimento espiritual.

Nem sempre as posições sociais ou profissionais destacadas estão programadas para nossa vida, sendo certo que o que nos realiza intimamente é o desenvolvimento espiritual, meta mais importante para o Espírito eterno. Os títulos, valores e bens materiais costumam escapar das nossas mãos com um sopro de Deus e, certamente, com a desencarnação: somos “proprietários” apenas das nossas aquisições intelecto-morais. Até o nosso próprio corpo físico nos é concedido em regime de “usufruto temporário”...

Se chegamos a um determinado nível da nossa vida profissional, em que a “sobrevivência razoável” seja possível, nem sempre compensa estarmos a ambicionar mais, porque, a partir dali, poderemos cair nas garras do egoísmo, do orgulho ou da vaidade. Todavia, a consciência de cada um é que analisará e dará seu veredito pelas boas ou más opções.

9 – AS ATIVIDADES DOMÉSTICAS

Em épocas passadas, as escravas ou servas é que cuidavam dos serviços domésticos, sob a supervisão das mulheres, cuja missão se resumia a esse tipo de função, além da maternidade e dos deveres de esposa.

Atualmente, homens e mulheres dividem os afazeres domésticos, o que é muito saudável para ambos e atesta o grau de evolução que já alcançamos. Os serviços domésticos têm o dom de auxiliar na aquisição da humildade e do espírito de cooperação entre os habitantes de um lar.

Joanna de Ângelis, na sua encarnação como Inés de la Cruz, no México, desempenhava, com grande alegria, o mister de cozinheira, sabendo-se de sua grande habilidade nessa área...

Madre Teresa de Calcutá obrava em todos os serviços domésticos, principalmente na faxina mais pesada.

Mohandas Gandhi fazia questão de colher, pela manhã, os penicos dos moradores do *ashram* onde convivia com seus discípulos.

Quanto de inspiração para estes livros tenho colhido lavando pratos e talheres nestes últimos tempos!

9.1. – O DEVER DE COLABORAR

A satisfação de servir é apanágio dos Espíritos evoluídos e a de ser servido é retrato dos seres humanos que ainda estagiam nos degraus mais baixos da escala evolutiva ético-moral. Basta isto para nos conhecermos: apraz-nos servir ou ser servidos?

Cada qual cumprindo sua parte na colmeia doméstica, prepara-se para as grandes tarefas na coletividade humana. Todavia, a importância da tarefa está dentro de cada um, pois a faxina realizada com dedicação e carinho dá mais frutos de paz interior a quem a realiza do que as atividades de comando praticadas com orgulho, egoísmo ou vaidade.

10 – A VIDA AFETIVA

Vale a pena tomar como referência uma história real de uma amiga de José Raul Teixeira, que dispensou um candidato a namorado que não concordava que ela fosse espírita e desenvolvesse suas atividades doutrinárias no Centro Espírita a que era ligada.

Aconselha o grande orador que se conheça muito bem seu candidato a “cara metade” antes de assumir qualquer compromisso, ao invés de ficar na expectativa de mudá-lo por força do amor e da convivência.

Todavia, cada qual tem o direito de escolher bem ou mal seu companheiro ou sua companheira, naturalmente que daí advindo as boas ou más consequências para cada um...

Nesse caso, vale o ditado: “É melhor só que mal acompanhado.”

Se não há profunda afinidade espiritual entre os companheiros da vida afetiva, a convivência representa verdadeira provação ou até expiação.

11 - ORAÇÃO A JESUS

Jesus, Sol Espiritual de nossas vidas, graças aos conhecimentos que Você e Seus Missionários mais Eminentemente nos trouxeram, hoje sabemos que fomos criados pelo nosso Pai Celestial como meros seres simplérrimos e viemos evoluindo, através das reencarnações, em mais de um bilhão de anos, até chegarmos a ser o que atualmente somos, ou seja, seres humanos, que já conseguem refletir sobre nós mesmos, sobre tudo que nos circunda e até sobre Deus, nosso Pai.

A inteligência fez nascer o senso moral, centrado na consciência, que nos põe em contato direto com Deus, na reflexão sobre o caráter moral dos nossos pensamentos, sentimentos e atitudes com relação a nós mesmos, nossos irmãos e Deus.

Concluimos, ao final, que ainda não conseguimos direcionar nossos pensamentos, sentimentos e ações para o Bem tanto quanto deveríamos, além de que temos ciência de que muito acumulamos dentro de nós, do passado, de material enfermizo em termos éticos.

Todavia, sabemos também que somos todos destinados ao progresso intelecto-moral e, no nível em que estamos, já podemos entrar em contato mais direto com Sua Mente Poderosa e Fraternal.

Por isso, Divino Pastor de nossas almas, Lhe pedimos, nesta oração, que, com o Poder que nosso Pai Celestial Lhe outorgou, por força de Seus Méritos de Espírito Perfeito, desfaça todos os elos negativos de ódio, mágoa ou qualquer outro sentimento antifraternal que ainda perdurem entre nós e nossos irmãos em humanidade.

Enquanto alimentarmos esses focos de sofrimento e incompreensão, estaremos todos atados pelos pés aos atoleiros do passado de primitivismo e escuridão.

Queremos a Luz, queremos a Felicidade, queremos a Paz. Dê a todos nós a Graça dessa Libertação, para que nós e eles sejamos todos iluminados, felizes e pacificados.

Que assim seja, Mestre Incomparável.

CONCLUSÕES

- 1) A Psicologia tradicional representou um avanço no rumo do autoconhecimento, mas, apresentando-se com as limitações do materialismo, não alcança a essência do ser humano, que é o Espírito;**
- 2) A Doutrina Espírita existe desde a segunda metade do século XIX e comprovou cientificamente a realidade do Espírito imortal, não havendo razão para a Ciência do século XX e do século XXI ignorarem as conclusões dos seus colegas daquela época, simplesmente tentando desacreditá-las sem estudá-las;**
- 3) A evolução do Espírito se processa através das reencarnações, que começaram nos seres unicelulares e seguiu adiante, passando pelos Reinos da Natureza, até chegarmos à fase humana, onde adquirimos a inteligência e, posteriormente, as primeiras noções do senso moral;**
- 4) A caminhada evolutiva se processa em duas vertentes diferentes: a intelectual e a moral, sendo que, para ingressarmos em uma categoria mais avançada de civilização, necessitamos adquirir as virtudes morais da humildade, desapego e simplicidade, sem as quais estaremos repetindo as experiências fracassadas que até hoje teimamos em consagrar através do orgulho, egoísmo e vaidade;**
- 5) A Religião tem procurado orientar as pessoas para a aquisição das virtudes, o mesmo fazendo a Filosofia, apesar de atrelada normalmente ao materialismo, e, portanto, com poucos argumentos convincentes. Como Ciência que também é, a Doutrina Espírita, sendo igualmente Filosofia e Religião, pode contribuir com a Psicologia no sentido de sugerir-lhe nova metodologia, qual seja, a da reforma moral, embasada sobretudo nos livros do Espírito Joanna de Ângelis;**
- 6) As ideias estão expostas através da bibliografia especializada da autora espiritual: basta estudá-las e aplicá-las, como compete aos profissionais compromissados com a cura de seus pacientes, necessitados de orientações decisivas e não de métodos muitas vezes inúteis, justamente porque ignoram a realidade espiritual e as conseqüentes obrigações ético-morais dos seres humanos frente à própria consciência, seus semelhantes e Deus.**

NOTAS

[1] Segue abaixo a transcrição de um excerto d' "O Livro dos Médiuns":

PRIMEIRA PARTE

Noções preliminares

CAPÍTULO I

HÁ ESPÍRITOS?

1. A dúvida, no que concerne à existência dos Espíritos, tem como causa primária a ignorância acerca da verdadeira natureza deles. Geralmente, são figurados como seres à parte na criação e de cuja existência não está demonstrada a necessidade.

Muitas pessoas, mais ou menos como as que só conhecem a História pelos romances, apenas os conhecem através dos contos fantásticos com que foram acalentadas em criança.

Sem indagarem se tais contos, despojados dos acessórios ridículos, encerram algum fundo de verdade, essas pessoas unicamente se impressionam com o lado absurdo que eles revelam. Sem se darem ao trabalho de tirar a casca amarga, para achar a amêndoa,

rejeitam o todo, como fazem, relativamente à religião, os que, chocados por certos abusos, tudo englobam numa só condenação. Seja qual for a idéia que dos Espíritos se faça, a crença neles necessariamente se funda na existência de um princípio inteligente fora da matéria. Essa crença é incompatível com a negação absoluta deste princípio. Tomamos, conseqüentemente, por ponto de partida, a existência, a sobrevivência e a individualidade da alma, existência, sobrevivência e individualidade que têm no Espiritualismo a sua demonstração teórica e dogmática e, no Espiritismo, a demonstração positiva. Abstraiamos, por um momento, das manifestações propriamente ditas e, raciocinando por indução, vejamos a que conseqüências chegaremos.

2. Desde que se admite a existência da alma e sua individualidade após a morte, forçoso é também se admita: 1º, que a sua natureza difere da do corpo, visto que, separada deste, deixa de ter as propriedades peculiares ao corpo; 2º, que goza da consciência de si mesma, pois que é passível de alegria, ou de sofrimento, sem o que seria um ser inerte, caso em que possuí-la de nada nos valeria. Admitido isso, tem-se que admitir que essa alma vai para alguma parte. Que vem a ser feito dela e para onde vai?

Segundo a crença vulgar, vai para o céu, ou para o inferno. Mas, onde ficam o céu e o inferno? Dizia-se outrora que o céu era em cima e o inferno embaixo. Porém, o que são o alto e o baixo no Universo, uma vez que se conhecem a esfericidade da Terra, o movimento dos astros, movimento que faz com que o que em dado instante está no alto esteja, doze horas depois, embaixo, e o infinito do espaço, através do qual o olhar penetra, indo a distâncias consideráveis? Verdade é que por lugares inferiores também se designam as profundezas da Terra. Mas, que vêm a ser essas profundezas, desde que a Geologia as esquadrinhou? Que ficaram sendo, igualmente, as esferas concêntricas chamadas céu de fogo, céu das estrelas, desde que se verificou que a Terra não é o centro dos mundos, que mesmo o nosso Sol não é único, que milhões de sóis brilham no Espaço, constituindo cada um o centro de um turbilhão planetário? A que ficou reduzida a importância da Terra, mergulhada nessa imensidade? Por que injustificável privilégio este quase imperceptível grão de areia, que não avulta pelo seu volume, nem pela sua posição, nem pelo papel que lhe cabe desempenhar, seria o único planeta povoado de seres racionais? A razão se recusa a admitir semelhante nulidade do infinito e tudo nos diz que os diferentes mundos são habitados. Ora, se são povoados, também fornecem seus contingentes para o mundo das almas. Porém, ainda uma vez, que terá sido feito dessas almas, depois que a Astronomia e a Geologia destruíram as moradas que se lhes destinavam e, sobretudo, depois que a teoria, tão racional, da pluralidade dos mundos, as multiplicou ao infinito? Não podendo a doutrina da localização das almas harmonizar-se com os dados da Ciência, outra doutrina mais lógica lhes assina por domínio, não um lugar determinado e circunscrito, mas o espaço universal: formam elas um mundo invisível, em o qual vivemos imersos, que nos cerca e acotovela incessantemente. Haverá nisso alguma impossibilidade, alguma coisa que repugne à razão? De modo nenhum; tudo, ao contrário, nos afirma que não pode ser de outra maneira.

Mas, então, que vem a ser das penas e recompensas futuras, desde que se lhes suprimam os lugares especiais onde se efetivem? Notai que a incredulidade, com relação a tais penas e recompensas,

provam geralmente de serem umas e outras apresentadas em condições inadmissíveis. Dizei, em vez disso, que as almas tiram de si mesmas a sua felicidade ou a sua desgraça; que a sorte lhes está subordinada ao estado moral; que a reunião das que se votam mútua simpatia e são boas representa para elas uma fonte de ventura; que, de acordo com o grau de purificação que tenham alcançado, penetram e entrevêm coisas que almas grosseiras não distinguem, e toda gente compreenderá sem dificuldade. Dizei mais que as almas não atingem o grau supremo, senão pelos esforços que façam por se melhorarem e depois de uma série de provas adequadas à sua purificação; que os anjos são almas que galgaram o último grau da escala, grau que todas podem atingir, tendo boa-vontade; que os anjos são os mensageiros de Deus, encarregados de velar pela execução de seus desígnios em todo o Universo, que se sentem ditosos com o desempenho dessas missões gloriosas, e lhes tereis dado à felicidade um fim mais útil e mais atraente, do que fazendo-a consistir numa contemplação perpétua, que não passaria de perpétua inutilidade. Dizei, finalmente, que os demônios são simplesmente as almas dos maus, ainda não purificadas, mas que podem, como as outras, ascender ao mais alto cume da perfeição e isto parecerá mais conforme à justiça e à bondade de Deus, do que a doutrina que os dá como criados para o mal e ao mal destinados eternamente. Ainda uma vez: aí tendes o que a mais severa razão, a mais rigorosa lógica, o bom-senso, em suma, podem admitir.

Ora, essas almas que povoam o Espaço são precisamente o a que se chama Espíritos. Assim, pois, os Espíritos não são senão as almas dos homens, despojadas do invólucro corpóreo. Mais hipotética lhes seria a existência, se fossem seres à parte. Se, porém, se admitir que há almas, necessário também será se admita que os Espíritos são simplesmente as almas e nada mais. Se se admite que as almas estão por toda parte, ter-se-á que admitir, do mesmo modo, que os Espíritos estão por toda parte. Possível, portanto, não fora negar a existência dos Espíritos, sem negar a das almas.

3. Isto não passa, é certo, de uma teoria mais racional do que a outra. Porém, já é muito que seja uma teoria que nem a razão, nem a ciência repelem. Acresce que, se os fatos a corroboram, tem ela por si a sanção do raciocínio e da experiência. Esses fatos se nos deparam no fenómeno das manifestações espíritas, que, assim, constituem a prova patente da existência e da sobrevivência da alma. Muitas pessoas há, entretanto, cuja crença não vai além desse ponto; que admitem a existência das almas e, conseqüentemente, a dos Espíritos, mas que negam a possibilidade de nos comunicarmos com eles, pela razão, dizem, de que seres imateriais não podem atuar sobre a matéria.

Esta dúvida assenta na ignorância da verdadeira natureza dos Espíritos, dos quais em geral fazem idéia muito falsa, supondo-os erradamente seres abstratos, vagos e indefinidos, o que não é real. Figuremos, primeiramente, o Espírito em união com o corpo. Ele é o ser principal, pois que é o ser que pensa e sobrevive. O corpo não passa de um acessório seu, de um invólucro, uma veste, que ele deixa, quando usada. Além desse invólucro material, tem o Espírito um segundo, semimaterial, que o liga ao primeiro. Por ocasião da morte, despoja-se deste, porém não do outro, a que damos o nome de perispírito.

Esse invólucro semimaterial, que tem a forma humana, constitui para o Espírito um corpo fluídico, vaporoso, mas que, pelo fato de nos ser invisível no seu estado normal, não deixa de ter algumas das propriedades da matéria. O Espírito não é, pois, um ponto, uma abstração; é um ser limitado e circunscrito, ao qual só falta ser visível e palpável, para se assemelhar aos seres humanos. Por que, então, não haveria de atuar sobre a matéria? Por ser fluídico o seu corpo? Mas, onde encontra o homem os seus mais possantes motores, senão entre os mais rarificados fluidos, mesmo entre os que se consideram imponderáveis, como, por exemplo, a eletricidade? Não é exato que a luz, imponderável, exerce ação química sobre a matéria ponderável? Não conhecemos a natureza íntima do perispírito. Suponhamo-lo, todavia, formado de matéria elétrica, ou de outra tão sutil quanto esta: por que, quando dirigido por uma vontade, não teria propriedade idêntica à daquela matéria?

4. A existência da alma e a de Deus, conseqüência uma da outra, constituindo a base de todo o edifício, antes de travarmos qualquer discussão espírita, importa indagarmos se o nosso interlocutor admite essa base. Se a estas questões: Credes em Deus? Credes que tendes uma alma? Credes na sobrevivência da alma após a morte? responder negativamente, ou, mesmo, se disser simplesmente: Não sei; desejara que assim fosse, mas não tenho a certeza disso, o que, quase sempre, equívale a uma negação polida, disfarçada sob uma forma menos categórica, para não chocar bruscamente o a que ele chama preconceitos respeitáveis, tão inútil seria ir além, como querer demonstrar as propriedades da luz a um cego que não admitisse a existência da luz. Porque, em suma, as manifestações espíritas não são mais do que efeitos das propriedades da alma. Com semelhante interlocutor, se se não quiser perder tempo, terse-á que seguir muito diversa ordem de idéias.

Admitida que seja a base, não como simples probabilidade, mas como coisa averiguada, incontestável, dela muito naturalmente decorrerá a existência dos Espíritos.

5. Resta agora a questão de saber se o Espírito pode comunicar-se com o homem, isto é, se pode com este trocar idéias. Por que não? Que é o homem, senão um Espírito aprisionado num corpo? Por que não há de o Espírito livre se comunicar com o Espírito cativo, como o homem livre com o encarcerado?

Desde que admitis a sobrevivência da alma, será racional que não admitais a sobrevivência dos afetos? Pois que as almas estão por toda parte, não será natural acreditarmos que a de um ente que nos amou durante a vida se acerque de nós, deseje comunicar-se conosco e se sirva para isso dos meios de que disponha? Enquanto vivo, não atuava ele sobre a matéria de seu corpo? Não era quem lhe dirigia os movimentos?

Por que razão, depois de morto, entrando em acordo com outro Espírito ligado a um corpo, estaria impedido de se utilizar deste corpo vivo, para exprimir o seu pensamento, do mesmo modo que um mudo pode servir-se de uma pessoa que fale, para se fazer compreendido?

6. Abstraiamos, por instante, dos fatos que, ao nosso ver, tornam incontestável a realidade dessa comunicação; admitamo-la apenas como hipótese. Pedimos aos incrédulos que nos provem, não por simples negativas, visto que suas opiniões pessoais não podem constituir lei, mas expendendo razões peremptórias, que tal coisa

não pode dar-se. Colocando-nos no terreno em que eles se colocam, uma vez que entendem de apreciar os fatos espíritas com o auxílio das leis da matéria, que tirem desse arsenal qualquer demonstração matemática, física, química, mecânica, fisiológica e provem por a mais b, partindo sempre do principio da existência e da sobrevivência da alma:

1º que o ser pensante, que existe em nós durante a vida, não mais pensa depois da morte;

2º que, se continua a pensar, está inibido de pensar naqueles a quem amou;

3º que, se pensa nestes, não cogita de se comunicar com eles;

4º que, podendo estar em toda parte, não pode estar ao nosso lado;

5º que, podendo estar ao nosso lado, não pode comunicar-se conosco;

6º que não pode, por meio do seu envoltório fluídico, atuar sobre a matéria inerte;

7º que, sendo-lhe possível atuar sobre a matéria inerte, não pode atuar sobre um ser animado;

8º que, tendo a possibilidade de atuar sobre um ser animado, não lhe pode dirigir a mão para fazê-lo escrever;

9º que, podendo fazê-lo escrever, não lhe pode responder às perguntas, nem lhe transmitir seus pensamentos.

Quando os adversários do Espiritismo nos provarem que isto é impossível, aduzindo razões tão patentes quais as com que Galileu demonstrou que o Sol não é que gira em torno da Terra, então poderemos considerar-lhes fundadas as dúvidas. Infelizmente, até hoje, toda a argumentação a que recorrem se resume nestas palavras: Não creio, logo isto é impossível. Dir-nos-ão, com certeza, que nos cabe a nós provar a realidade das manifestações. Ora, nós lhes damos, pelos fatos e pelo raciocínio, a prova de que elas são reais. Mas, se não admitem nem uma, nem outra coisa, se chegam mesmo a negar o que vêem, toca-lhes a eles provar que o nosso raciocínio é falso e que os fatos são impossíveis.

[2] Segue abaixo a transcrição, apesar de longa, de informações importantes do livro "Evolução em Dois Mundos", de autoria do Espírito André Luiz, várias vezes citado no nosso estudo:

6 - Evolução e sexo

Aparecimento do sexo

Dobadas longas faixas de tempo, em que bactérias e células são experimentadas em reprodução agâmica, eis que determinado grupo apresenta no imo da própria constituição qualidades magnéticas positivas e negativas que lhe são desfechadas pelos Orientadores Espirituais encarregados do progresso devido ao Planeta.

Pressente-se a evolução animal em vésperas de nascer...

Bactéria diferenciada

De todas as espécies de bactérias já formadas, uma se destaca nos imensos depósitos de água doce sobre o leito pétreo do algonquiano.

É diferenciada de quantas se estiram sobre a Crosta Terrestre.

Não tem a característica absolutamente amebóide.

Mostra configuração elipsoidal, como se fora microscópico bastonete ou girino, a que não falta leve radícula à feição de cauda.

É o leptótrix, que, em miríades de individualizações, permanece por milhares de séculos nas rochas antigas, nutrindo-se simplesmente de ferro.

Quando se desvencilha da minúscula carapaça ferrosa em que se esconde, é instintivamente obrigado a nadar, até que outra carapaça semelhante o envolva.

Os Instrutores Espirituais valem-se da medida para impulsioná-lo à transformação.

Perdendo os diminutos envoltórios metálicos e constrangidas a edificar abrigos idênticos que lhes atendam à necessidade de proteção, essas bactérias, que exprimem figura importante de junção no trabalho evolutivo da Natureza, são compelidas ao movimento, em que não apenas se atraem umas às outras, nos prelúdios iniciais da reprodução sexuada, mas em que conhecem, por acidente, a morte em massa, da qual ressurgem nos mesmos tratos de vida em que se encontram, sob a criteriosa atenção dos Condutores da Terra, para renascerem, após longo tempo de novas experimentações, na forma das algas verdes, inaugurando a comunhão sexual sobre o mundo.

As algas verdes

Os biólogos dos últimos tempos costumam perguntar sem resposta se as algas verdes, proprietárias de estrutura particular, descendem das primitivas cianofíceas, de tessitura mais simples, nas quais a ficocianina, associada à clorofila, é o pigmento azulado de sua composição fundamental. O hiato existente, de que dá conta Hugo De Vries, ao desenvolver o mutacionismo, foi preenchido pelas atividades dos Servidores da Organogênese Terrestre, que submeteram a família do leptótrix a profundas alterações nos campos do espírito, transmutando-lhe os indivíduos mais completos, que reapareceram metamorfoseados nas algas referidas, a invadirem luxuriantemente as águas, instalando novo ciclo de progresso e renovação...

Concentrações fluídico-magnéticas

Ao toque dos Operários Divinos, a matéria elementar fora no princípio transubstanciada em massa astronômica de elétrons e prótons, que teceram o largo berço da vida humana em plena Vida Cósmica. E ainda sob a inteligência deles, com a supervisão do Cristo de Deus, semelhantes recursos baseiam a formação dos átomos em elementos, combinam-se os elementos em conjuntos químicos, abrem os conjuntos químicos lugar aos colóides, mesclam-se os colóides em misturas substanciais, oferecendo ao princípio inteligente, oriundo da amplidão celeste, o ninho propício ao desenvolvimento.

Eras imensas transcorreram; e esse princípio inteligente, destinado a crescer para a glória da vida, em dois planos distintos de experiência, quando se mostra ativado em constituição mais complexa, recebe desses mesmos Arquitetos da Sabedoria Divina os dons da reprodução mais complexa nos cromossomos, ou concentrações fluídico-magnéticas especiais, a se retratarem, através do tempo, pela reflexão constante, no campo celular, concentrações essas que, por falta de terminologia adequada no dicionário humano, baratearemos, quanto possível, comparando-as aos moldes fabricados para o serviço de fundição na oficina tipográfica.

Os cromossomos, estruturados em grânulos infinitesimais de natureza fisiopsicossomática, partilham do corpo físico pelo núcleo da célula em que se mantêm e do corpo espiritual pelo citoplasma em que se implantam.

E como acontece aos moldes tipográficos, que são formados de linhas para que se lhes expresse o sentido, também eles são

constituídos pelos elementos chamados genes, o que lhes dá, tanto quanto ocorre ao alfabeto humano, a característica de imortalidade nas células que se renovam transmitindo às sucessoras as suas particulares disposições, nas mesmas circunstâncias em que, num texto tipográfico, as letras e os moldes podem viver, indefinidamente, no material destrutível e renovável, por intermédio do qual se conservam e se exprimem na memória das gerações.

Com o tempo, diferenciam-se os cromossomos nas províncias da evolução, segundo as espécies, como variam as criações do pensamento impresso, de acordo com os moldes tipográficos nas esferas da cultura.

Os elementos germinativos são minuciosamente analisados e testados nas plantas, até que sofram transformações essenciais na química das algas verdes, de cuja compleição caminham no rumo de mais amplos desdobramentos.

Filtros de transformismo

O princípio inteligente é experimentado de modos múltiplos no laboratório da Natureza, constituindo-se-lhe, pouco a pouco, a organização físico-espiritual e traçando-se-lhe entre a Terra e o Céu a destinação finalista.

Com o amparo dos Trabalhadores Divinos, fixa em si mesmo os selos vivos da reprodutividade, que se definem e aperfeiçoam no regaço dos milênios, deixando na retaguarda, como filtros de transformismo, não somente os reinos mineral e vegetal, institutos de recepção e expansão da onda criadora da vida, em seu fluxo incessante, como também certas classes de organismos outros que passariam a coexistir com os elementos em ascensão, qual acontece ainda hoje, quando observamos ao lado da inteligência humana, relativamente aprimorada, plantas e vermes que já existiam no pré-câmbrico inferior.

Os tecidos germinais sofrem, por milhares de anos, provas continuadas para que se lhes possa aferir o valor e se lhes apure o adestramento.

Formas monstruosas aparecem e desaparecem, desde os anelídeos aos animais de grande porte, por séculos e séculos, até que as espécies conseguissem acomodação nos próprios tipos.

Entre as que chegam à luz e as que se fundem nas sombras, traçam-se parentescos profundos.

Os cromossomos permanecem imorredouros, através dos centros genésicos de todos os seres, encarnados e desencarnados, plasmando alicerces preciosos aos estudos filogenéticos do futuro.

Descendência e seleção

É justo lembrar, no entanto, que os trabalhos gradativos da descendência e da seleção, que encontrariam em Lamarck e Darwin expositores dos mais valiosos, operavam-se em dois planos.

As crisálidas de consciência dos reinos inferiores, mergulhadas em campo vibratório diferente pelo fenômeno da morte, justapunham-se às células renascentes que continuavam a servi-las, colhendo elementos de transmutação para a volta à esfera física, pela reencarnação compulsória, sob a orientação das Inteligências Sublimes que nos sustentam a romagem, circunstância que nos compele a considerar que o transformismo das espécies, como também a constituição de espécies novas, em se ajustando a funções fisiológicas, expansão e herança, baseiam-se no mecanismo e na química do núcleo e do citoplasma, em que as energias fisiopsicossomáticas se reúnem.

Genealogia do Espírito

Os naturalistas situados no chão do mundo, desde os sacerdotes egípcios, que estudavam a origem da vida planetária em conchas fósseis, até os mais eminentes biólogos modernos, atreitos à unilateralidade de observação, compreensivelmente não conseguirão suprir as lacunas existentes no quadro da evolução, não obstante Cuvier, com a Anatomia Comparada, tenha traçado forma básica à sistemática da Paleontologia.

Em verdade, porém, para não cairmos nas recapitulações incessantes, em torno de apreciações e conclusões que a ciência do mundo tem repetido à saciedade, acrescentaremos simplesmente que as leis da reprodução animal, orientadas pelos Instrutores Divinos, desde o casulo ferruginoso do leptótrix, através da retração e expansão da energia nas ocorrências do nascimento e morte da forma, recapitulam ainda hoje, na organização de qualquer veículo humano, na fase embriogênica, a evolução filogenética de todo o reino animal, demonstrando que além da ciência que estuda a gênese das formas, há também uma genealogia do Espírito.

Com a Supervisão Celeste, o princípio inteligente gastou, desde os vírus e as bactérias das primeiras horas do protoplasma na Terra, mais ou menos quinze milhões de séculos, a fim de que pudesse, como ser pensante, embora em fase embrionária da razão, lançar as suas primeiras emissões de pensamento contínuo para os Espaços Cósmicos.

7 - Evolução e hereditariedade

Princípio inteligente e hereditariedade

Reportando-nos à lei da hereditariedade, é imperioso, de certo modo, recordar a Geometria para simplificar-lhe os conceitos.

Considerando a Geometria por ciência que estuda as propriedades do espaço limitado, vamos encontrar a hereditariedade como lei que define a vida, circunscrita à forma em que se externa.

Só a inteligência consegue traçar linhas inteligentes.

Em razão disso e atendendo-se aos objetivos finalistas do Universo, não será possível esquecer o Plano Divino, quando se trate de qualquer imersão mais profunda na Genética, ainda mesmo que isso repugne aos cultores da ciência materialista.

Como se estruturaram os cromatídeos nos cromossomos é problema que, de todo, por enquanto, nos escapa ao sentido, mas sabemos que os Arquitetos Espirituais, entrosados à Supervisão Celeste, gastaram longos séculos preparando as células que serviriam de base ao reino vegetal, combinando nucleoproteínas a glúcides e a outros elementos primordiais, a fim de que se estabelecesse um nível seguro de forças constantes, entre a bagagem do núcleo e do citoplasma.

Com semelhante realização, o princípio inteligente começa a desenvolver-se do ponto de vista fisiopsicossomático.

Não apenas a forma física do futuro promete então revelar-se, mas também a forma espiritual.

Fatores da hereditariedade

Na intimidade dos corpúsculos simples que evoluíram para a feição de máquinas microscópicas, formadas de protoplasma e paraplasma, fixam-se, vagorosamente, sob influência magnética, os fragmentos de cromatina, organizando-se os cromossomos em que seriam condensadas as fórmulas vitais da reprodução.

Processos múltiplos de divisão passam a ser experimentados.

A divisão direta ou amitose é largamente usada para, em seguida, surgir a mitose ou divisão indireta, em que as alterações naturais da mônada celeste se refletem no núcleo, prenunciando sempre maiores transformações.

Lentamente, os cromossomos adquirem a sua apresentação peculiar, em forma de ponto-alça-bastonete-bengala, e a evolução que lhes diz respeito na cariocinese, desde a prófase à telófase, merece a melhor atenção dos Construtores Divinos, que através do centro celular mantêm a junção das forças físicas e espirituais, ponto esse em que se verifica o impulso mental, de natureza eletromagnética, pelo qual se opera o movimento dos cromossomos, na direção do equador para os pólos da célula, cunhando as leis da hereditariedade e da afinidade que se vão exercer, dispendo nos cromatídeos, em forma de granulações perfeitamente identificáveis entre o leptotênio e o paquitênio, os genes ou fatores da hereditariedade, que, no transcurso dos séculos, são fixados em número e valores diferentes para cada espécie.

Arquivo dos reflexos condicionados

Através dos estágios nascimento / experiência / morte / experiência / renascimento, nos planos físico e extrafísico, as crisálidas de consciência, dentro do princípio de repetição, respiram sob o sol como seres autótrofos no reino vegetal, onde as células, nas espécies variadas em que se aglutinam, se reproduzem de modo absolutamente semelhante.

Nesse domínio, o princípio inteligente, servindo-se da herança e por intermédio das experiências infinitamente recapituladas, habilita-se à diferenciação nos flagelados, ascendendo progressivamente à diferenciação maior na escala animal, onde o corpo espiritual, à feição de protoforma humana, já oferece moldes mais complexos, diante das reações do sistema nervoso, eleito para sede dos instintos superiores, com a faculdade de arquivar reflexos condicionados.

Construção do destino

Sofrem as células transformações profundas, porque o elemento espiritual deve agora viver como ser alótrofo, somente conseguindo manter-se com o produto de matérias orgânicas já elaboradas.

Com a passagem do tempo e sob a inspiração dos Arquitetos Espirituais que lhe orientam a evolução da forma, avança na rota do progresso, plasmando implementos novos no veículo de expressão.

Entre a esfera terrena e a esfera espiritual, adquire os orgânicos particulares com que passa a atender variadas funções entre os protozoários, como sejam, os vacúolos pulsáteis para a sustentação do equilíbrio osmótico e os vacúolos digestivos para o equilíbrio da nutrição.

Nos metazoários, conquista um carro fisiológico, estruturado em aparelhos e sistemas constituídos de órgãos, que, a seu turno, são formados de tecidos, compostos por células em complicado regime de diferenciação e, passando por longas e porfiadas metamorfoses, atinge o reino hominal, em que os gametas se erigem, especializados e seguros, no aparelho de reprodução, com elementos e recursos característicos para o homem e para a mulher, no imo do centro genésico, entre os aparelhos de metabolismo e os sistemas de relação.

No ato da fecundação, reúnem-se os pronúcleos masculino e feminino, mesclando as unidades cromossômicas paternas e

maternas, a fim de que o organismo, obedecendo à repetição na lei da hereditariedade, se desenvolva, dentro dos caracteres genéticos de que descende; mas agora, no reino humano, o Espírito, entregue ao comando da própria vontade, determina com a simples presença ou influência, no campo materno, os mais complexos fenômenos endomitóticos no interior do ovo, edificando as bases de seu próprio destino, no estágio da existência cujo início o berço assinala.

Hereditariedade e afinidade

Nas épocas remotas, os Semeadores Divinos guiavam a elaboração das formas, traçando diretrizes ao mundo celular, em favor do princípio inteligente, então conduzido ante a sociedade espiritual como a criança irresponsável ante a sociedade humana; todavia, à medida que se lhe alteia o conhecimento, passa a responsabilizar-se por si mesmo, pavimentando o caminho que o investirá na posse da Herança Celestial no regaço da Consciência Cósmica.

Com alicerces na hereditariedade, toma a forma física e se desvencilha dela, para retomá-la em nova reencarnação capaz de elevar-lhe o nível cultural ou moral, quando não seja para refazer tarefas que deixou viciadas ou esquecidas na retaguarda.

Contudo, ligado inevitavelmente aos princípios de seqüência, é compelido a renascer na Terra, ou a viver além da morte, com raras exceções, entre os seus próprios semelhantes, porquanto hereditariedade e afinidade no plano físico e no plano extrafísico, respectivamente, são leis inelutáveis, sob as quais a alma se diferencia para a Esfera Superior, por sua própria escolha, aprendendo com larga soma de esforço a reger-se pelo bem invariável, que, em lhe assegurando equilíbrio, também lhe confere poder sobre os fatores circunstanciais do próprio ambiente, a fim de criar valores mais nobres para os seus impulsos de perfeição.

Geometria transcendente Chegada a essa eminência, a criatura submete-se à lei da hereditariedade, com o direito de alterar-lhe as disposições fundamentais até ponto não distante do limite justo, segundo o merecimento de que disponha. Para ajudar aos semelhantes na escalada a mais amplas aquisições na senda evolutiva, recolhe, assim, concurso precioso dos Organizadores do Progresso, na mitose do ovo que lhe facultará novo corpo no mundo, de vez que toda permuta de cromossomos, no vaso uterino, está invariavelmente presidida por agentes magnéticos ordinários ou extraordinários, conforme o tipo da existência que se faz ou refaz, com as chaves da hereditariedade atendendo aos seus fins.

Eis por que, interpretando os cromossomos à guisa de caracteres em que a mente inscreve, nos corpúsculos celulares que a servem, as disposições e os significados dos seus próprios destinos, caracteres que são constituídos pelos genes, como as linhas são formadas de pontos, genes aos quais se mesclam os elementos chamados bióforos, e tomando os bióforos, nesses pontos, como sendo os grânulos de tinta que os cobrem, será lícito comparar os princípios germinativos, nos domínios inferiores, aos traços da Geometria elementar, que apenas cogita de linhas e figuras simples da evolução, para encontrar, nesses mesmos princípios, nos domínios superiores da alma, a Geometria transcendente, aplicada aos cálculos diferenciais e integrais das questões de causa e efeito.

Hereditariedade e conduta

Portanto, como é fácil de sentir e apreender, o corpo herda naturalmente do corpo, segundo as disposições da mente que se ajusta a outras mentes, nos circuitos da afinidade, cabendo, pois,

ao homem responsável reconhecer que a hereditariedade relativa mas compulsória lhe talhará o corpo físico de que necessita em determinada encarnação, não lhe sendo possível alterar o plano de serviço que mereceu ou de que foi incumbido, segundo as suas aquisições e necessidades, mas pode, pela própria conduta feliz ou infeliz, acentuar ou esbater a coloração dos programas que lhe indicam a rota, através dos bióforos ou unidades de força psicossomática que atuam no citoplasma, projetando sobre as células e, conseqüentemente, sobre o corpo os estados da mente, que estará enobrecendo ou agravando a própria situação, de acordo com a sua escolha do bem ou do mal.

8 - Evolução e metabolismo

Suprimentos da vida

Observamos a chegada dos princípios inteligentes no mundo e a sua respectiva expansão, assim como um exército que, para atender às próprias necessidades, organiza, de início, a precisa cobertura de suprimentos. Primeiro, as bactérias lavrando o solo para que as plantas proliferassem, criando atmosfera adequada ao reino animal. Depois das plantas, aparecem os animais, gerando recursos orgânicos para que o instinto pudesse expandir-se no rumo da inteligência. E, em seguida ao animal, surge o homem, plasmando os valores definitivos da inteligência, para que a Humanidade se concretize a caminho da angelitude.

Fases progressivas do metabolismo

Em todos os reinos da Natureza, o elemento espiritual aprende a nutrir-se e preservar-se.

Por milhares de séculos, repete as operações da fotossíntese ou assimilação clorofiliana no império verde, pela qual consome energia luminosa e elabora matérias orgânicas, despreendendo o oxigênio indispensável à constituição do ar atmosférico, e recapitula as operações da quimiossíntese, em formas autótrofas, como sejam certas classes de bactérias, que se utilizam de energia química para viver, através da oxidação de compostos minerais.

Gradativamente, no domínio vegetal, assimila os mecanismos mais íntimos da respiração, absorvendo o oxigênio e eliminando o gás carbônico pelos estômatos e pneumatódios, cutícula e lenticelas, de modo a conduzir o oxigênio sobre as matérias orgânicas para a formação dos produtos de desassimilação e projeção de energia.

E, lentamente, em meio desprovido de matérias orgânicas, qual acontece com as nitrobactérias, as sulfobactérias, as ferrobactérias, etc., aprende também a oxidar respectivamente o amoníaco ou os nitritos, o ácido sulfídrico, o óxido ferroso.

Em semelhantes atividades, infinitamente repetidas, habilitasse ao ingresso no reino animal, onde, em estágios evolutivos mais nobres, se matriculará na técnica da elaboração automática dos catalisadores químicos, com a faculdade de transubstanciar matérias orgânicas complexas em recursos assimiláveis.

Milênios transcorrem para que então consiga adestrar-se nas diástases diversas, como sejam as proteases e as zímases, entre os fermentos hidrolisantes e decomponentes.

A crisálida de consciência inicia-se, dessa forma, na fabricação de prótidos, glúcides, lípidos e outros meios de nutrição, aprendendo igualmente a emitir hormônios de crescimento e vitaminas diversas no ciclo das plantas.

Não apenas tecidos e órgãos do corpo físico se esboçam nas formas rudimentares da Natureza, mas também os centros vitais do corpo espiritual, que, obedecendo aos impulsos da mente, se organizam

em moldes seguros, com a capacidade de assimilar as partículas multifárias da vitalidade cósmica, oriundas das fontes vivas de força que alimentam o Universo.

Excitações químicas

Governando as células físicas, os agentes de natureza espiritual se evidenciam em todos os processos de nutrição, motivando as chamadas excitações químicas, também classificáveis por quimiotactismo eletromagnético.

O princípio inteligente, tocado por múltiplos estímulos, sob o império de atrações e repulsões, haure elementos quimiotáticos eletromagnéticos no laboratório das forças universais, através da respiração, para conservar-se e defender-se, preservando os valores de reprodução e sustentação.

É assim que as células masculinas dos fetos são atraídas pelo ácido málico, enquanto as bactérias se movimentam obedecendo também a estímulos de ordem química.

Os óvulos de certos peixes e quinodermos, entre estes o ouriço-do-mar, sem a presença da fêmea que os deita têm o poder de atrair os espermatozoides separados da mesma espécie, demonstrando que arrojam de si mesmos substância específica na perpetuação que lhes é própria.

Entre os animais, as células da reprodução segregam substâncias particulares com que se procuram mutuamente, evoluindo o veículo psicossomático para mais altos níveis de consciência sobre as mais amplas formas de quimiotropismo constante, em bases de excitações exógenas e endógenas.

Administração do metabolismo

Laborando pacientemente nos séculos e alcançando a civilização elementar do paleolítico, a mente humana controla então, quase que plenamente, o corpo que se exprime, formado sob a tutela e o auxílio incessante dos Construtores Espirituais, passando a administrar as ocorrências do metabolismo, em sua organização e adaptação, através da coordenação de seus próprios impulsos sobre os elementos albuminóides do citoplasma, em que as forças físicas e espirituais se jungem no campo da experiência terrestre.

Os sistemas enzimáticos revelam-se definidos e as glândulas de secreção interna fabricam variados produtos, refletindo o trabalho dos centros vitais da alma.

Hormônios e para-hormônios, fermentos e co-fermentos, vitaminas e outros controladores químicos, tanto quanto preciosas reservas nutritivas equacionam os problemas orgânicos, harmonizando-se em produção e níveis precisos, na quota de determinados percentuais, conforme as ordens instintivas da mente.

Todos os serviços da província biológica, inclusive as emoções mais íntimas, são sustentados por semelhantes recursos, constantemente lançados pelo próprio Espírito no cosmo de energia dinâmica em que se manifesta.

Experiências valiosas, efetuadas com pleno êxito, comprovaram que a própria miosina ou sistema albuminóide da contração muscular detém consigo as qualidades de um fermento, a adenosinatrifosfatase, responsável pela catálise da reação química fundamental que exonera a energia indispensável ao refazimento das partículas miosínicas dos tecidos musculares.

Acumulações de energia espiritual Por intermédio dos mitocôndrios, que podem ser considerados acumulações de energia espiritual, em forma de grânulos, assegurando a atividade celular, a mente transmite ao carro físico a que se ajusta, durante a

encarnação, todos os seus estados felizes ou infelizes, equilibrando ou conturbando o ciclo de causa e efeito das forças por ela própria libertadas nos processos endotérmicos, mantenedores da biossíntese.

Nessa base, dispomos largamente dos anticorpos e dos múltiplos agentes imunológicos cunhados pela governança do Espírito, em favor da preservação do corpo, de acordo com as multimilenárias experiências adquiridas por ele mesmo, na lenta e laboriosa viagem a que foi constrangido nas faixas inferiores da Natureza.

Da mesma sorte, possuímos, funcionando automaticamente, a secretina, a tiroxina, a adrenalina, a luteína, a insulina, a foliculina, os hormônios gonadotrópicos e unidades outras, entre as secreções internas, à guisa de aceleradores e excitantes, moderadores e reatores, transformadores e calmantes das atividades químicas nos vários departamentos de trabalho em que se subdivide o Estado Fisiológico.

Impulsos determinantes da mente

Sobre os mesmos alicerces referidos, surpreendemos, ainda, as enzimas numerosas, como a pepsina, isolada por Northrop, e a catalase definida por von Euler, tanto quanto outras muitas, que a ciência terrestre, gradualmente, saberá descobrir, estudar, fixar e manobrar, com vistas à manutenção e defesa da saúde física e da integridade mental do homem, no quadro de merecimentos da Humanidade, de vez que todos os estados especiais do mundo orgânico, inclusive o da renovação permanente das células, a prostração do sono, a paixão artística, o êxtase religioso e os transe mediúnicos são acalentados nos circuitos celulares por fermentações sutis, aí nascidas através de impulsos determinantes da mente, por ela convertidos, nos órgãos, em substâncias magnetoelétricoquímicas, arremessadas de um tecido a outro, guardando a faculdade de interferir bruscamente nas propriedades moleculares ou de catalisar as reações desse ou daquele tipo, destinadas a garantir a ordem e a segurança da vida, na urdidura das ações biológicas.

Em identidade de circunstâncias nos traumas cerebrais da cólera e do colapso nervoso, da epilepsia e da esquizofrenia, como em tantas outras condições anômalas da personalidade, vamos encontrar essas mesmas fermentações no campo das células, mas em caráter de energias degeneradas, que correspondem às turvações mentais que as provocam.

Metabolismo do corpo e da alma

O metabolismo subordina-se, desse modo, à direção espiritual, tanto mais intensa e exatamente, quanto maior a quota de responsabilidade do ser pelo conhecimento e discernimento de que disponha, e, em plena floração da inteligência, podemos identificá-lo não apenas no embate das forças orgânicas, mas também no domínio da alma, porquanto raciocínio organizado é pensamento dinâmico e, com o pensamento consciente e vivo, o homem arroja de si mesmo forças criadoras e renovadoras, forjando, desse modo, na matéria, no espaço e no tempo, os meandros de seu próprio destino.

9 - Evolução e cérebro

Formação do mundo cerebral

No regaço do tempo, os Arquitetos Divinos auxiliam a consciência fragmentária na construção do cérebro, o maravilhoso ninho da mente, necessitada de mais ampla exteriorização.

A massa de células nervosas que precede a formação do mundo cerebral, nos invertebrados, dá lugar à invaginação do ectoderma nos vertebrados, constituindo-se, lentamente, a vesícula anterior ou prosencéfalo, a vesícula média ou mesencéfalo e a vesícula posterior ou rombencéfalo.

Nos peixes, os hemisférios cerebrais mostram-se ainda muito reduzidos, nos anfíbios denotam desenvolvimento encorajador e nos répteis avançam em progresso mais vasto, configurando já, com alguma perfeição, o aqueduto de Sylvius, aprimorando-se, com mais segurança, em semelhante fase, na forma espiritual, o centro coronário do psicossoma futuro, a refletir-se na glândula pineal, já razoavelmente plasmada em alguns lacertídeos, qual o rincocéfalo da Nova Zelândia, em que a epífise embrionária se prolonga até à região parietal, aí assumindo a feição de um olho com implementos característicos.

Zoólogos respeitáveis consideram o mencionado aparelho como sendo um globo ocular abandonado pela Natureza; contudo, é aí que a epífise começa a consolidar-se, por fulcro energético de sensações sutis para a tradução e seleção dos estados mentais diversos, nos mecanismos da reflexão e do pensamento, da meditação e do discernimento, prenunciando as operações da mediunidade, consciente ou inconsciente, pelas quais Espíritos encarnados e desencarnados se consorciam, uns com os outros, na mesma faixa de vibrações, para as grandes criações da Ciência e da Religião, da Cultura e da Arte, na jornada ascensional para Deus, quando não seja nas associações psíquicas de espécie inferior ou de natureza vulgar, em que as almas prisioneiras da provação ou da sombra se retratam reciprocamente.

Girencefalia e lissencefalia

Prossegue o crescimento dos hemisférios cerebrais nas aves, com significativas porções cerebelares, para encontrarmos, nos mamíferos, o encéfalo com apreciáveis dotações, apresentando circunvoluções nos girencéfalos e aumento expressivo na área do córtex.

Quanto mais se verticaliza a escalada, mais se reduz a percentagem volumétrica do cerebelo, enquanto que os hemisférios cerebrais se dilatam; contudo, é preciso destacar que esse fenômeno de progressão, fundamentalmente, não se relaciona com a inteligência e nem esta é, a rigor, proporcional ao número de circunvoluções cerebrais, tanto que mamíferos, quais o coelho, o canguru, o ornitorrinco e até mesmo certos primatas, possuem cérebro lissencéfalo ou sem circunvoluções.

A girencefalia e a lissencefalia obedecem a tipificações traçadas pelos Orientadores Maiores, no extenso domínio dos vertebrados, preparando o cérebro humano com a estratificação de lentas e múltiplas experiências sobre a vasta classe dos seres vivos.

A maneira de crianças tenras, internadas em jardim-deinfância para aprendizados rudimentares, animais nobres desencarnados, a se destacarem dos núcleos de evolução fisiopsíquica em que se agrupam por simbiose, acolhem a intervenção de instrutores celestes, em regiões especiais, exercitando os centros nervosos.

Fator de fixação

Os neurônios nascem e se renovam, milhões de vezes, no plano físico e no plano extrafísico, na estruturação de cérebros experimentais, com mais vivos e mais amplos ingredientes do corpo espiritual, quando em função nos tecidos físicos, até que se ergam em unidades morfológicas definitivas do sistema nervoso.

Demonstrando formação especialíssima, porquanto reproduz mais profundamente a tessitura das células psicossomáticas, o neurônio é toda uma usina microscópica, constituído-se de um corpo celular com prolongamentos, apresentando o núcleo escassa cromatina e um nucléolo.

Acha-se o núcleo cercado de protoplasma em que há mitocôndrios neurofibrilas, aparelho de Golgi, melanina abundante e um pigmento ocre, estreitamente relacionado com o corpo espiritual, de função muito importante na vida do pensamento, aumentando consideravelmente na madureza e na velhice das criaturas, além de uma substância, invisível na célula em atividade, a espalhar-se no citoplasma e nos dendritos facilmente reconhecível por intermédio de corantes básicos, quando a célula se encontra devidamente fixada; essa substância – a expressar-se nos chamados corpúsculos de Nissi, que podem sofrer a Cromatólise – representa alimento psíquico, haurindo pelo corpo espiritual no laboratório da vida cósmica, através da respiração, durante o repouso físico para a restauração das células fatigadas e insubstituíveis.

O pigmento ocre que a ciência humana observa, sem maiores definições, é conhecido no Mundo Espiritual como fator de fixação, como que a encerrar a mente em si mesma, quando esta se distancia do movimento renovador em que a vida se exprime e avança, adensando-se ou rarefazendo-se ele, nos círculos humanos, conforme a atitude mental do Espírito na quota de tempo em que se lhe perdue a existência carnal.

Reflexos-tipos

Estabelecidos os centros nervosos, em que se entrosam as forças fisiopsicossomáticas, os reflexos-tipos são organizados no reino animal, fixando-se o reflexo de flexão, que consta da flexão de um membro atacado na superfície por estímulos de variadas origens, o reflexo fásico que interessa a defesa própria na remoção de estímulos perniciosos o reflexo miotático a evidenciar-se na contração de um músculo quando responde à extensão de suas fibras, os reflexos posturais diversos e os múltiplos reflexos segmentares e intersegmentares, com os arcos que lhes são característicos, tanto na parte aferente como na eferente, preparando-se o veículo fisiopsicossomático do porvir em suas reações nervosas fundamentais.

Através deles, o encéfalo, conservando consigo o centro coronário e o centro cerebral, registra excitações inúmeras, para que as faculdades de percepção e seleção, atenção e escolha se consolidem.

Formação dos sentidos

No corpo dos animais superiores, obra-prima de supervisão e construção dos Arquitetos do Espírito, no transcurso dos séculos, a consciência fragmentária acrisola, então, os sentidos.

Findo longo período de trabalho, afirma-se o tato, por sentido cutâneo essencial, a espraiar-se por toda a pele. Esta se converte em superfície receptora, com variadas terminações nervosas que se salientam por extrema complexidade, desde as arborizações simples até os corpúsculos especializados que se localizam dentro da derme, utilizando células especiais, em comunicação incessante com o cérebro, para que as sensações táteis constantes possam defender os patrimônios da vida.

Adestrada a atenção, o animal na esfera física e na esfera extrafísica elabora, por atividades reflexas, várias substâncias que

lhe excitam os centros receptivos, definindo os chamados sentidos químicos, a culminarem no olfato e no gosto.

No epitélio olfatório, as células basais, as de sustentação e as olfativas, sobre as glândulas de Bowman, que se encarregam de fornecer o muco necessário à discriminação dos elementos odoríferos, operam a seleção das propriedades aromáticas das substâncias, e, no dorso da língua, na epiglote, na face posterior da faringe como no véu do paladar, os corpúsculos gustativos, guardando as células epiteliais de sustentação e as células gustativas, associados às pequenas glândulas salivares, fazem o registro das substâncias destinadas à nutrição.

Visão e audição

O sentido da vista, admiravelmente fixado, passa a permitir a constituição das imagens dos objetos na retina, segundo um sistema dióptrico particular, aperfeiçoando-se as células receptoras da luz, cujo impulso nervoso alcança as vias ópticas, transportando as imagens captadas até à profundez do cérebro, onde a mente incorpora as interpretações que lhe são próprias e analisa-as, plasmando observações para o arquivo da memória e da experiência.

E a audição, alicerçando-se em órgão complexo, consolida-se no ouvido interno (protegido pelo ouvido externo e pelo ouvido médio), em que o tubo coclear, a dividir-se em três compartimentos, vai encontrar as células evoluídas dos órgãos de Corti e as fibras nervosas do acústico encarregadas de transmitir as vibrações sonoras que atingem o ouvido médio, em estímulos nervosos, a saírem através do nervo auditivo na direção da mente, que realiza a seleção dos valores atinentes às sensações de tom, intensidade e timbre, estabelecendo, em seu próprio favor, vasta rede de reflexos condicionados com expressão decisiva em seu desenvolvimento.

Sob a orientação das Inteligências Sublimes, cada sentido se instala em organização especial, formada de vários aparelhos e implementos. Também o cérebro integral se organiza em lobos diversos, com vasta margem de recursos para o futuro, quando a alma então nascente, em atividade instintiva na construção de seu próprio veículo, se erigirá em consciência desperta com capacidade de utilizar as vantagens potenciais que a Divina Sabedoria lhe oferta.

Microcosmo prodigioso

Com o tempo, a Direção Espiritual da Vida consegue, enfim, organizar, com mais eficiência, o sistema nervoso autônomo, regulando e coordenando as funções das vísceras.

Estruturam-se desse modo, primorosamente, a inervação visceral aferente e eferente e os centros coordenadores, os sistemas simpático e parassimpático e as fibras pré e pós-ganglionares de Langley, com os neurônios a edificarem vias eletromagnéticas de comunicação entre o governo espiritual e as províncias orgânicas.

Em todos os ângulos do cérebro, esse microcosmo prodigioso, células especiais permanecem sob o controle do Espírito, assimilando-lhe os desejos e executando-lhe as ordens no automatismo que a evolução lhe confere.

Desde o grupo tectobulbar das fibras pré-ganglionares, saindo com os pares cranianos, tecidas com neurônios no mesencéfalo, protuberância e bulbo e incluindo os núcleos supra-ópticos, paraventriculares e a parede anterior do infundíbulo, até o grupo sacro, com neurônios localizados na medula sacra, nervos especiais

funcionam como estações emissoras e receptoras, manipulando a energia mental, projetada ou recolhida pela mente, em ação constante, nos domínios da sensação e da idéia, em conexões e trajetos que a ciência do homem mal começa a perceber, atuando nos demais centros do corpo espiritual e nas zonas fisiológicas que os configuram no veículo somático, através de circuitos reflexos.

No diencéfalo, campo essencialmente sensitivo e vegetativo, parte das mais primitivas do sistema nervoso central, o centro coronário, por fulcro luminoso, entrosa-se com o centro cerebral, a exprimir-se no córtex e em todos os mecanismos do mundo cerebral, e, dessa junção de forças, o Espírito encontra no cérebro o gabinete de comando das energias que o servem, como aparelho de expressão dos seus sentimentos e pensamentos, com os quais, no regime de responsabilidade e de auto-escolha, plasmará, no espaço e no tempo, o seu próprio caminho de ascensão para Deus.

10 - Palavra e responsabilidade

Linguagem animal

Aperfeiçoando as engrenagens do cérebro, o princípio inteligente sentiu a necessidade de comunicação com os semelhantes e, para isso, a linguagem surgiu entre os animais, sob o patrocínio dos Gênios Veneráveis que nos presidem a existência.

De início, o fonema e a mímica foram os processos indispensáveis ao intercâmbio de impressões ou para o serviço de defesa, como, por exemplo, o silvo de vários répteis, o coaxar dos batráquios, as manifestações sonoras das aves e o mimetismo de alguns insetos e vertebrados, a se modificarem subitamente de cor, preservando-se contra o perigo.

Contudo, à medida que se lhe acentuava a evolução, a consciência fragmentária investia-se na posse de mais amplos recursos.

O lobo grita pelos companheiros na sombra noturna, o gato encolerizado mostra fúria característica, miando raivosamente, o cavalo relincha de maneira particular, expressando alegria ou contrariedade, a galinha emite interjeições adequadas para anunciar a postura, acomodar a prole, alimentar os pintinhos ou rogar socorro quando assustada, e o cão é quase humano, em seus gestos de contentamento e em seus ganidos de dor.

Intervenções espirituais

É assim que, atingindo os alicerces da Humanidade, o corpo espiritual do homem infraprimitivo demora-se longo tempo em regiões espaciais próprias, sob a assistência dos Instrutores do Espírito, recebendo intervenções sutis nos petrechos da fonação para que a palavra articulada pudesse assinalar novo ciclo de progresso.

O laringe, situado acima da traquéia e adiante da faringe, consubstanciado num esqueleto cartilaginoso, urdido em fibras e ligamentos, com uma seleta de pequenos músculos, sofre, nas mãos sábias dos Condutores Espirituais, à maneira de um órgão precioso entre os dedos de cirurgiões exímios no serviço de plástica, delicadas operações no curso dos séculos, para que os músculos mencionados se façam simétricos e para que se vinculem, tão destros quanto possível, à produção fisiológica da voz.

Em sua contextura interna aglutina-se uma mucosa ciliada que se destina ao trabalho de lançamento do som e que verte pelos estreitamentos, transformando-se em pavimentosa-estratificada na borda livre das cordas vocais verdadeiras.

Fora da ação das cordas vocais, o laringe revela no pescoço movimentos de ascensão e descensão, elevando-se na expiração e

na deglutição e baixando na inspiração, na sucção e no bocejar, salientando-se no corpo qual perfeito instrumento de efeitos musicais.

Mecanismo da palavra

Com o extremo carinho de vagarosa confecção, os Técnicos da Espiritualidade Superior compõem a cartilagem situada em plano inferior, a cricóide, que representa um anel modificado da traquéia, sustentando uma placa na parte posterior, sobre a qual, no bordo superior e de ambos os lados da linha média, se apoiam as duas aritenóides, que se permitem, assim, a junção ou o afastamento entre si. Cada uma possui na base uma apófise: a interna, vocal, em que está inserida a parte posterior da corda vocal verdadeira do mesmo lado, e a outra, que é externa, muscular.

Com a mesma habilidade, os Técnicos tecem a cartilagem localizada na região anterior ou cartilagem tireóide, a destacar-se sob a pele no chamado Pomo-de-Adão, em suas lâminas verticais que se conjugam na linha mediana, traçando um ângulo diedro que se volta para a retaguarda e onde se fixam as cordas vocais verdadeiras, cartilagem essa que, por baixo, se une com o anel da cricóide e, por cima, com o osso hióide, através de membranas e ligamentos, o qual fornece apoio para a implantação do laringe.

Acima das cordas vocais verdadeiras, surgem as cordas vocais falsas a limitarem com a parede os ventrículos laterais de Morgagni.

Todos os músculos que garantem o movimento das cordas são pares, exceto o ari-aritenóideo, assegurando as funções da glote vocal e formando, com avançado primor de previsão e eficiência, a abóbada de precioso condicionamento, onde a pressão do ar pode fazer-se com segurança para separar as cordas vocais em serviço.

Linguagem convencional

Aprende então o homem, com o amparo dos Sábios Tutores que o inspiram, a constituição mecânica das palavras, provindo da mente a força com que aciona os implementos da voz, gerando vibrações nos músculos torácicos, incluindo os pulmões e a traquéia como num fole, e fazendo ressoar o som no laringe e na boca, que exprimem também cavidades supraglóticas, para a criação, enfim, da linguagem convencional, com que reforça a linguagem mímica e primitiva, por ele adquirida na longa viagem através do reino animal.

A esse modo natural de exprimir-se por gestos e atitudes silenciosos, em que derrama as suas forças acumuladas de afetividade e satisfação, desagrado ou rancor, em descargas fluídicoeletromagnéticas de natureza construtiva ou destrutiva, superpõe a criatura humana os valores do verbo articulado, com que acrisola as manifestações mais íntimas, habilitando-se a recolher, por intermédio de sinalética especial na escala dos sons, a experiência dos irmãos que caminham na vanguarda e aprendendo a educar-se para merecer esse tipo de assistência que lhe outorgará o estado de alegria maior, ante as perspectivas da cultura com que a vida lhe responde às indagações.

Pensamento contínuo

Com o exercício incessante e fácil da palavra, a energia mental do homem primitivo encontra insopitável desenvolvimento, por adquirir gradativamente a mobilidade e a elasticidade imprescindíveis à expansão do pensamento que, então paulatinamente, se dilata, estabelecendo no mundo tribal todo um

oceano de energia sutil, em que as consciências encarnadas e desencarnadas se refletem, sem dificuldade, umas às outras.

Valendo-se dessa instituição de permuta constante, as Inteligências Divinas dosam os recursos da influência e da sugestão e convidam o Espírito terrestre ao justo despertamento na responsabilidade com que lhe cabe conduzir a própria jornada...

Pela compreensão progressiva entre as criaturas, por intermédio da palavra que assegura o pronto intercâmbio, fundamenta-se no cérebro o pensamento contínuo e, por semelhante maravilha da alma, as idéias-relâmpagos ou as idéias-fragmentos da crisálida de consciência, no reino animal, se transformam em conceitos e inquirições, traduzindo desejos e idéias de alentada substância íntima.

Começando a fixar o pensamento em si mesmo, fatigando-se para concatená-lo e exprimi-lo, confiou-se o homem a novo tipo de repouso – a meditação compulsória, ante os problemas da própria vida –, passando a exteriorizar, inconscientemente, as próprias idéias e, com isso, a desprender-se do carro denso de carne, desligando as células de seu corpo espiritual das células físicas, durante o sono comum, para receber, em atitude passiva ou de curta movimentação, junto do próprio corpo adormecido, a visita dos Benfeitores Espirituais que o instruem sobre as questões morais.

O continuísmo da idéia consciente acende a luz da memória sobre o pedestal do automatismo.

Luta evolutiva

Entre a alma que pergunta, a existência que se expande, a ansiedade que se agrava e o Espírito que responde ao Espírito, no campo da intuição pura, esboça-se imensa luta.

O homem que lascava a pedra e que se escondia na furna, escravizando os elementos com a violência da fera e matando indiscriminadamente para viver, instado pelos Instrutores Amigos que lhe amparam a senda, passou a indagar sobre a causa das coisas...

Constrangido a aceitar os princípios de renovação e progresso, refugia-se no amor-egoísmo, na intimidade da prole, que lhe entretém o campo íntimo, ajudando-o a pensar.

Observa-se tocado por estranha metamorfose.

Vê, instintivamente, que não mais se poderia guiar pela excitabilidade dos seus tecidos orgânicos ou pelos apetites furiosos herdados dos animais...

Desligado lentamente dos laços mais fortes que o prendiam às Inteligências Divinas, a lhe tutelarem o desenvolvimento, para que se lhe afirmem as diretrizes próprias, sente-se sozinho, esmagado pela grandeza do Universo.

A idéia moral da vida começa a ocupar-lhe o crânio.

O Sol propicia-lhe a concepção de um Criador, oculto no seio invisível da Natureza, e a noite povoa-lhe a alma de Visões nebulosas e pesadelos imaginários, dando-lhe a idéia do combate incessante em que a treva e a luz se digladiam.

Abraça os filhinhos com enternecimento feroz, buscando a solidariedade possível dos semelhantes na selva que o desafia.

Mentaliza a constituição da família e padece na defesa do lar.

Os porquês a lhe nascerem fragmentários, no íntimo, insuflam-lhe aflição e temor.

Percebe que não mais pode obedecer cegamente aos impulsos da Natureza, ao modo dos animais que lhe comungam a paisagem,

mas sim que lhe cabe agora o dever de superar-lhes os mecanismos, como quem vê no mundo em que vive a própria moradia, cuja ordem lhe requisita apoio e cooperação.

Nascimento da responsabilidade

A idéia de Deus iniciando a religião, a indagação prenunciando a Filosofia, a experimentação anunciando a Ciência, o instinto de solidariedade prefigurando o amor puro, e a sede de conforto e beleza inspirando o nascimento das indústrias e das artes, eram pensamentos nebulosos torturando-lhe a cabeça e inflamando-lhe o sentimento.

Nesse concerto de forças, a morte passou a impor-lhe angustiosas perquirições e, enterrando os seus entes amados em sepulcros de pedra, o homem rude, a iniciar-se na evolução de natureza moral, perdido na desértica vastidão do paleolítico, aprendeu a chorar, amando e perguntando para ajustar-se às Leis Divinas a se lhe esculpirem na face imortal e invisível da própria consciência.

Foi, então, que, em se reconhecendo ínfimo e frágil diante da vida, compreendeu que, perante Deus, seu Criador e seu Pai, estava entregue a si mesmo.

O Princípio da responsabilidade havia nascido.

11 - Existência da alma

Evolução morfológica e moral A evolução morfológica prosseguiu, emparelhando-se com a evolução moral.

O crânio avançou, com vagar, no rumo de aprimoramento maior, os braços refinavam-se, as mãos adquiriam excelência tátil não sonhada e os sentidos, todos eles, progrediam em acrisolamento e percepção.

Todavia, com o advento da responsabilidade que o separara da orientação direta dos Benfeitores da Vida Maior, entregou-se o homem a múltiplos tentames de progresso no campo do espírito.

No regime interior de livre indagação, conferia asas audaciosas ao pensamento e, com isso, mais se lhe acentuava o poder de imaginar, facilitando-se-lhe a mentalização e o desprendimento do corpo espiritual, cujas células em conexão com as células do corpo físico se automatizavam assim, na emancipação parcial, através do sono, para acesso da alma a ensinamentos de estrutura superior.

Guarda a criatura humana, então, consigo, na tessitura dos próprios órgãos, a herança dos milhões de estágios diferentes, os reinos inferiores, e, no fundo, sente-se inclinada a viver no plano dos outros mamíferos que lhe respiram a vizinhança, com o instinto absoluto dominando sem restrições; no entanto, com a evolução irreversível, o amor agigantou-se-lhe no ser, sugerindo-lhe novas disposições à própria existência.

Noção do direito

Em razão do apego aos rebentos da própria carne, institui a propriedade da faixa de solo em que se lhe encrava a moradia e, atendendo a essa mesma raiz de afetividade, traça a si próprio determinadas regras de conduta, para que não imponha aos semelhantes ofensas e prejuízos que não deseja receber.

Acontece, assim, o inesperado.

O homem selvático que não pretende abandonar os apetites e prazeres da experiência animal, fabrica para si mesmo os freios que lhe controlarão a liberdade, a fim de que se lhe enobreça o caráter iniciante.

Estabelecendo a posse tirânica em tudo o que julga seu, desiste de aproveitar o que pertence ao vizinho, sob pena de expor-se a penalidades cruéis.

Nasce, desse modo, para ele a noção do direito sobre o alicerce das obrigações respeitadas.

Consciência desperta

É assim que ele transformado interpreta, sob novo prisma, a importância de sua presença na Terra.

Não mais lhe seduzem a despreocupação e o nomadismo, assim como para o homem adulto é já passado o ciclo da infância.

Sabe agora que o berço carnal se reveste de significação mais profunda.

Compreende, a pouco e pouco, que a vida lhe registra as contas pessoais, porquanto aprende que pode negar o braço ao companheiro necessitado de apoio, sabendo, porém, que o companheiro poderá recusar-lhe o seu, no momento em que o desequilíbrio lhe bata à porta.

Reconhece que dispõe de liberdade para matar o desafeto, mas não ignora que o desafeto, a seu turno, pode igualmente exterminar-lhe o corpo ou amargar-lhe o caminho.

Percebe que os seus gestos e atitudes, para com os outros, criam nos outros atitudes e gestos semelhantes para com ele.

Com esse novo cabedal de observação, revela-se-lhe a vida mental mais surpreendente e mais rica e, por essa mais intensa vida íntima, retrata com relativa segurança as idéias dos Espíritos Abnegados que lhe custodiam a rota.

Desde então, não guarda a existência circunscrita à romagem berço-túmulo, por alongá-la, do ponto de vista de causa e efeito, para além do sepulcro em que se lhe guarda o invólucro anulado ou imprestável.

Incorporando a responsabilidade, a consciência vibra desperta e, pela consciência desperta, os princípios de ação e reação funcionam, exatos, dentro do próprio ser, assegurando-se a liberdade de escolha e impondo-lhe, mecanicamente os resultados respectivos, tanto na esfera física quanto no Mundo Espiritual.

A larva e a criança

Nesse sentido, importa lembrar aqui, com as diferenças justas, o símile que a vida assinala entre as alterações da existência para a alma humana e para os insetos de metamorfose integral.

A larva que se afasta do ovo ingressa em novo período de desenvolvimento, que pode perdurar por muito tempo, como ocorre entre os efemerídeos, mostrando, no começo, a membrana do corpo ainda amolecida e conservando no tubo digestivo os remanescentes de gema da fase embrionária, para iniciar, depois da excreção, os processos de alimentação e digestão.

A criança recém-nata retira-se do útero e entra em nova fase de evolução, que se firma através de alguns anos. A princípio, tenra e frágil, retém na própria organização os recursos sanguíneos que lhes foram doados, por manutenção endosmótica, no organismo materno, para, somente depois, eliminar, quanto lhe seja possível, esses mesmos recursos, gerando os que lhe são próprios.

Avançando na execução dos programas traçados para a sua existência, a larva cresce e recorre a matérias nutritivas que lhe garantam o aumento do corpo e, conforme a espécie, promove por si mesma a mudança de pele, indispensável ao condicionamento de seu próprio volume.

Satisfazendo os imperativos da própria vida, a criança se desenvolve, tomando o alimento preciso à expansão de sua máquina orgânica, passando a realizar por si, isto é, ao comando da mente, a renovação celular dos tecidos e órgãos que lhe constituem

o campo somático, de maneira a que se lhe ajuste a forma física aos moldes do corpo espiritual.

Metamorfose do inseto

A larva dos insetos de transformação completa experimenta vários períodos de renovação para atingir a condição de adulto, embora permaneça com o mesmo aspecto, porquanto apenas depois da derradeira mudança de pele é que se torna pupa.

Em semelhante estágio, acusa progressiva diminuição de atividade, até que não mais suporte a alimentação.

Esvaziam-se-lhe os intestinos e paralisam-se-lhe os movimentos.

A larva protege-se, então, no solo ou na planta, preparando a própria liberação.

Permanece, assim, imóvel, e não se alimenta do ponto de vista fisiológico, encrisalidando-se, segundo a espécie, em fios de seda por ela própria constituídos com a secreção das glândulas salivares, agregados a pequeninos tratos de terra ou a tecidos vegetais, formando, desse modo, o casulo em que repousa, durante certo tempo, fixado em alguns dias e até meses.

Na posição de pupa, ao impacto das vibrações de sua própria organização psicossomática, sofre essencial modificação em seu organismo, modificação que, no fundo, equivale a verdadeiro aniquilamento ou histólise, ao mesmo tempo que elabora órgãos novos pelo fenômeno da histogênese, valendo-se dos tecidos que perduraram.

A histólise, que se efetua por ação dos fermentos, verifica-se notadamente nos músculos, no aparelho digestivo e nos tubos de Malpighi, com reduzida atuação no sistema nervoso e circulatório.

Pela histogênese, os remanescentes dos músculos estriados desfazem-se das características que lhes são próprias, perdendo, gradativamente, a sua estriação, até que se convertam, qual se obedecessem a processo involutivo, em células embrionárias fusiformes, com um núcleo exclusivo, ou mioblastos, que se dividem por segmentação, plasmando novos elementos estriados para a configuração dos órgãos típicos.

Somente então, quando as ocorrências da metamorfose se realizam,

é que o inseto, integralmente renovado, abandona o casulo, revelando-se por falena leve e ágil, com o sistema bucal transformado, como acontece na borboleta de tipo sugador, na qual as maxilas se alongam, convertendo-se numa trompa, enquanto que o lábio superior e as mandíbulas se atrofiam.

Entretanto, embora magnificientemente modificada, a borboleta alada e multicolor é o mesmo indivíduo, somando em si as experiências dos três aspectos fundamentais de sua existência de larva-ninfa-inseto adulto.

"Histogênese espiritual"

Assim também, a criatura humana, depois do período infantil, atravessa expressivas etapas de renovação interior, até alcançar a madureza corpórea, não obstante apresenta-se com a mesma forma exterior, porquanto somente após o esgotamento da força vital no curso da vida, através da senectude ou da caquexia por intervenção da enfermidade, é que se habilita à transformação mais profunda.

Nesse período característico da caducidade celular ou da moléstia irreversível, demonstra gradativa diminuição de atividade, não mais tolerando a alimentação.

Pouco a pouco, declinam as suas atividades fisiológicas e a inércia substitui-lhe os movimentos.

Protege-se, desde então, no repouso horizontal em decúbito, quase sempre no leito, preparando o trabalho liberatório.

Chega, assim, o momento em que se imobiliza na cadaverização, mumificando-se à feição da crisálida, mas envolvendo-se no imo do ser com os fios dos próprios pensamentos, conservando-se nesse casulo de forças mentais, tecido com as suas próprias idéias reflexas dominantes ou secreções de sua própria mente, durante um período que pode variar entre minutos, horas, dias, meses ou decênios.

No ciclo de cadaverização da forma somática, sob o governo dinâmico de seu corpo espiritual, padece extremas alterações que, na essência, correspondem à histólise das células físicas, ao mesmo tempo que elabora órgãos novos pelo fenômeno que podemos nomear, por falta de termo equivalente, como sendo histogênese espiritual, aproveitando os elementos vivos, desagregados do tecido citoplasmático, e que se mantinham até então, ligados à colméia fisiológica entregue ao desequilíbrio ou à decomposição.

A histólise ou processo destrutivo na desencarnação resulta da ação dos catalisadores químicos e de outros recursos do mundo orgânico que, alentados em níveis de degenerescência, operam a mortificação dos tecidos e, do ponto de vista do corpo espiritual, afetam principalmente a morfologia dos músculos e os aparelhos da nutrição, com escassa influência sobre os sistemas nervoso e circulatório.

Pela histogênese espiritual, os tecidos citoplasmáticos se desvencilham em definitivo de alguns dos característicos que lhes são próprios, voltando temporariamente, qual se atendessem a processo involutivo, à condição de células embrionárias multiformes que se dividem, através da cariocinese, plasmando, em novas condições, a forma do corpo espiritual, segundo o tipo imposto pela mente.

Desencarnação do Espírito

Apenas aí, quando os acontecimentos da morte se realizam, é que a criatura humana desencarnada, plenamente renovada em si mesma, abandona o veículo carnal a que se jungia; contudo, muitas vezes intimamente aprisionada ao casulo dos seus pensamentos dominantes, quando não trabalhou para renovar-se, nos recessos do espírito, passa a revelar-se em novo peso específico, segundo a densidade da vida mental em que se gradua, dispondo de novos elementos com que atender à própria alimentação, equivalentes às trompas fluídico-magnéticas de sucção, embora sem perder de modo algum o aparelho bucal que nos é característico, salientando-se, aliás, que semelhantes trompas ou antenas de matéria sutil estão patentes nas criaturas encarnadas, a se lhes expressarem na aura comum, como radículas alongadas de essência dinâmica, exteriorizando-lhes as radiações específicas, trompas ou antenas essas pelas quais assimilamos ou repelimos as emanações das coisas e dos seres que nos cercam, tanto quanto as irradiações de nós mesmos, uns para com os outros.

Continuação da existência

Metamorfoseada, pois, não obstante o fenômeno da desencarnação, a personalidade humana continua, além-túmulo, o estágio educativo que iniciou no berço, sem perder a própria identidade, somando consigo as experiências da vida carnal, da desencarnação

e da metamorfose no plano extrafísico.

Perceberemos, desse modo, que a existência da criatura, na reencarnação, substancializa-se não apenas na Terra, onde atende à plantação dos sentimentos, palavras, atitudes e ações com que se caracteriza, mas também no Mundo Espiritual, onde incorpora a si mesma a colheita da sementeira praticada no campo físico, pelo desdobramento do aprendizado com que entesoura as experiências necessárias à sublime ascensão a que se destina.

12 - Alma e desencarnação

Metamorfose e desencarnação

Graduando os acontecimentos da desencarnação, é importante recorrer ainda ao mundo dos insetos para lembrar que, se existem aqueles de metamorfose total, existem os de metamorfose incompleta, os hemimetábolos, cuja larva sai do ovo e se converte imediatamente num indivíduo, sem passar pela fase pupal, à feição dos malófagos, desprovidos de asas, embora possuam aparelho bucal triturador.

Apresentando características singulares, no capítulo da transfiguração, em todas as ordens nas quais se subdividem, os insetos, de algum modo, exprimem, no desenvolvimento da metamorfose que lhes marca a existência, a escala de fenômenos que vige para a desencarnação dos seres de natureza superior.

Em relação ao homem, os mamíferos que se ligam a nós outros por extremos laços de parentesco, em se desencarnando, agregam-se aos ninhos em que se lhes desenvolvem os companheiros e, qual ocorre entre os animais inferiores, nas múltiplas faixas evolutivas em que se escalonam, não possuem pensamento contínuo para a obtenção de meios destinados à manutenção de nova forma.

Encontram-se, desse modo, aquém da histogênese espiritual, inabilitados a mais amplo equilíbrio que lhes asseguraria ascensão a novo plano de consciência.

Em razão disso, efetuada a histólise dos tecidos celulares, nos sucessos recônditos da morte física, dilata-se-lhes o período de vida latente, na esfera espiritual, onde, com exceção de raras espécies, se demoram por tempo curto, incapazes de manobrar os órgãos do aparelho psicossomático que lhes é característico, por ausência de substância mental consciente.

Quando não se fazem aproveitados na Espiritualidade, em serviço ao qual se filiam durante certa quota de tempo, caem, quase sempre de imediato à morte do corpo carnal, em pesada letargia, semelhante à hibernação, acabando automaticamente atraídos para o campo genésico das famílias a que se ajustam, retomando o organismo com que se confiarão a nova etapa de experiência, com os ascendentes do automatismo e do instinto que já se lhes fixaram no ser, e sofrendo, naturalmente, o preço hipotecável aos valores decisivos da evolução.

Além da histogênese

Através desse movimento incessante da palingenesia universal o princípio inteligente incorpora a experiência que lhe é necessária, estagiando no plano físico e no plano extrafísico, recolhendo, como é justo, a orientação e o influxo das Inteligências Superiores em sua marcha laboriosa para mais elevadas aquisições.

Pouco acima dessas mesmas bases, vamos encontrar o homem infraprimitivo, na misticidade da forma em que se esconde, surpreendido no fenômeno da morte, ante a glória da vida, como criança tenra e deslumbrada à frente de paisagem maravilhosa, cuja grandeza, nem de leve, pode ainda compreender.

O pensamento constante ofereceu-lhe a precisa estabilidade para a metamorfose completa.

Pela persistência e consistência das idéias, adquiriu o poder de integrar-se mentalmente, para além da histogênese, em seu corpo espiritual, arrebatando-o, com a alavanca da própria vontade que a indagação e o trabalho enriqueceram, para novo estado individual.

Acariciada pelo bafejo edificante dos Condutores Divinos que lhe acalentam a marcha, a criatura humana dorme o sono da morte, mumificando-se na cadaverização, como acontece à pupa.

E segregando substâncias mentais, à base de impulsos renovadores, tanto quanto certas crisálidas que segregam um líquido especial que lhes facilita a saída do próprio casulo, a alma que desencarna, findo o processo histolítico das células que lhe construía o carro biológico, e fortificado o campo mental em que se lhe enovelaram os novos anseios e as novas disposições, logra desvencilhar-se, mecanicamente, dos órgãos físicos, agora imprestáveis, realizando, por avançado automatismo, o trabalho histogenético pelo qual desliga as células sutis do seu veículo espiritual dos remanescentes celulares do veículo físico arrojado à queda irreversível, agindo agora com a eficiência e a segurança que as longas e reiteradas recapitulações lhe conferiram.

O selvagem desencarnado

Entretanto, o homem selvagem, que se reconhece dominador na hierarquia animal, cruel habitante da floresta, que apura a inteligência, através da força e da astúcia, na escravização dos seres inferiores que se lhe avizinham da caverna, desperta, fora do corpo denso, qual menino aterrado, que, em se sentindo incapaz da separação para arrostar o desconhecido, permanece, tímido, ao pé dos seus, em cuja companhia passa a viver, noutras condições vibratórias, em processos multifários de simbiose, ansioso por retomar a vida física que lhe surge à imaginação como sendo a única abordável à própria mente.

Não dispõe, nessa fase, de suprimento espiritual que o ajude a pensar em termos diferentes da vida tribal em que se apóia.

O espetáculo da vastidão cósmica perturba-lhe o olhar e a visita de seres extraterrestres, mesmo benevolentes e sábios, infunde-lhe pavor, crendo-se à frente de deuses bons ou maus, cuja natureza ele próprio se incumbe de fantasiar, na exigüidade das próprias concepções.

Acuado na choça, onde a morte lhe furtou o veículo físico, respira a atmosfera morna em que se acasalam os seus herdeiros do sangue, para somente ausentar-se do reduto doméstico quando a família se afasta, instada por duras necessidades de subsistência e de asilo.

E o homem primitivo que desencarnou, suspirando pelo devotamento dos pais e, notadamente, pelo carinho do colo materno, expulso do vaso fisiológico, não tem outro pensamento senão voltar – voltar ao convívio revitalizante daqueles que lhe usam a linguagem e lhe comungam os interesses.

[3] Em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Reencarna%C3%A7%C3%A3o> encontram-se as referências abaixo sobre reencarnação, sob a ótica de quem registrou esses apontamentos, que não coincidem integralmente com a Doutrina Espírita. Todavia, aqui são transcritos por apresentarem diversas informações importantes:

A reencarnação é um dos pontos fundamentais do Espiritismo, codificado por Allan Kardec, do Hinduísmo, do Jainismo, da Teosofia, do Rosacruzianismo e da filosofia platônica. Existem

vertentes místicas do Cristianismo como, por exemplo, o Cristianismo esotérico, que também admite a reencarnação.

Há referências recentes a conceitos que poderiam lembrar a reencarnação na maior parte das religiões, incluindo religiões do Egito Antigo, religiões indígenas, entre outras. A crença na reencarnação também é parte da cultura popular ocidental, e sua representação é frequente em filmes de Hollywood. É comum no Ocidente a ideia de que o Budismo também pregue a reencarnação, supostamente porque o Budismo tenha se originado como uma religião independente do Hinduísmo. No entanto essa noção tem sido contestada por fontes budistas; para mais detalhes veja renascimento.

A crença na reencarnação tem suas origens nos primórdios da humanidade, nas culturas primitivas. De acordo com alguns estudiosos, a ideia se desenvolveu de duas crenças comuns que afirmam que:

- **Os seres humanos têm alma, que pode ser separada de seu corpo, temporariamente no sono, e permanentemente na morte;**
- **As almas podem ser transferidas de um organismo para outro.**

Segundo Diodoro Sículo, Pitágoras se lembrava de ter sido Euforbo, filho de Panto, que foi morto por Menelau na Guerra de Troia.

Entre as tentativas de dar uma base "científica" a essa crença, destaca-se o trabalho do Dr. Ian Stevenson, da Universidade de Virgínia, Estados Unidos, que recolheu dados sobre mais de 2.000 casos em todo o mundo que evidenciariam a reencarnação. No Sri Lanka (país onde a crença é muito popular), os resultados foram bem expressivos.

Segundo os dados levantados pelo Dr. Stevenson, os relatos de vidas passadas surgem geralmente aos dois anos de idade, desaparecendo com o desenvolvimento do cérebro. Uma constante aparece na proximidade familiar, embora haja casos sem nenhum relacionamento étnico ou cultural. Mortes na infância, de forma violenta, aparentam ser mais relatadas. A repressão para proteger a criança ou a ignorância do assunto faz com que sinais que indiquem um caso suspeito normalmente sejam esquecidos ou escondidos.

Influências comportamentais como fragmentos de algum idioma, fobias, depressões, talentos precoces (como em crianças prodígio), etc, podem surgir, porém a associação peremptória desses fenômenos com encarnações passadas continua a carecer de fundamentação científica consistente.

Dentre os trabalhos desenvolvidos por Dr. Stevenson sobre a reencarnação, destaca-se a obra "Vinte casos sugestivos de reencarnação".

A transmigração das almas ou metempsicose é uma teoria diferente da reencarnação, seguida por alguns adeptos de ensinamentos místicos orientais, que propõe que o homem pode reencarnar de modo não-progressivo em animais, plantas ou minerais. Esta teoria não é aceita pelos adeptos do Espiritismo, que

a consideram incompatível com o conceito de evolução por vidas sucessivas.

Diversos estudiosos espíritas e espiritualistas defendem que, durante os seis primeiros séculos de nossa era, a reencarnação era um conceito admitido por muitos cristãos. De acordo com eles, numerosos Padres da Igreja ensinaram essa doutrina e apenas após o Segundo Concílio de Constantinopla, em 553 d.C., é que a reencarnação foi proscrita na prática da igreja, apesar de tal decisão não ter constado dos anais do Concílio. Afirmam ainda que Orígenes (185-253 d.C.), que influenciou bastante a teologia cristã, defendeu a ideia da reencarnação,^[21] além dos escritos de Gregório de Nisa (um Bispo da igreja Cristã no século IV) entre outros. Entretanto, tais afirmativas carecem de fundamentação histórico-documental. Por isso, os teólogos cristãos não só se opõem à teoria da reencarnação, como, também, à ideia de que ela era admitida pelos cristãos primitivos. Argumentam que não há referências na Bíblia, nem citações de outros Padres da Igreja, e que as próprias afirmações de Orígenes e de Gregório de Nisa aduzidas pelos estudiosos espíritas e de outras crenças espiritualistas, não são por aqueles citadas senão para as refutarem. Por outro lado, com base na análise da atas conciliares do Concílio de Constantinopla, constatam que os que ali se reuniram sequer citaram a doutrina da reencarnação - fosse para a afirmar ou para a rejeitar. Contra a reencarnação ainda cita-se Hebreus 9:27, o episódio dos dois ladrões na cruz, em Lucas 23:39-44, a parábola do rico e Lázaro, em Lucas 16:19-31 e Jó 10:21.

Passagens do Novo Testamento, como Mateus 11:12-15, 16:13-17 e 17:10-13, Marcos 6:14-15 e 18:10-12, Lucas 9:7-9, João 3:1-12 são citados por espiritualistas como evidência de que Jesus teria explicitamente anunciado a reencarnação.

Tanto a Igreja Católica como os Protestantes em geral denunciam a crença na reencarnação como herética. O Cristianismo Esotérico, por outro lado, admite e endossa abertamente a reencarnação - que é, inclusive, um dos pilares de sua doutrina. As teses reencarnacionistas, portanto, independentemente de serem corretas ou não, não encontram apoio na tradição judaico-cristã, cuja ortodoxia as considera, na verdade, importações de outras tradições, tal como o Hinduísmo e o Budismo.

Existem provas históricas de que a doutrina da reencarnação contava com adeptos no antigo judaísmo, embora somente após escrita do Talmud - não há referências a ela neste livro, tampouco se conhecem alusões em escrituras prévias. A ideia da reencarnação, chamada gilgul, tornou-se comum na crença popular, como pode ser constatado na literatura ídiche entre os judeus Ashkenazi. Entre poucos cabalistas, prosperou a crença de que algumas almas humanas poderiam reencarnar em corpos não-humanos. Essas ideias foram encontradas em diversas obras cabalísticas do século XIII, assim como entre muitos escritos místicos do século XVI. A coleção de histórias de Martin Buber sobre a vida de Baal Shem Tov inclui várias que se referem a pessoas reencarnando em sucessivas vidas.

A crença na sobrevivência da consciência após a morte é comum e tem-se mantido por toda a história da humanidade. Quase todas as

civilizações na história tem tido um sistema de crença relativo à vida após a morte. Cientificamente, entretanto, inexistiu qualquer motivo para sustentar ou rejeitar a hipótese.

As investigações científicas sobre assuntos relacionados ao pós-morte remontam particularmente ao século XIX, e, embora continuem a ser motivo de intenso debate entre leigos, não mais despertam interesse sério na comunidade acadêmica.

A objeção mais óbvia à reencarnação é que não há nenhum processo físico conhecido pelo qual uma personalidade pudesse sobreviver à morte e se deslocar para outro corpo. Mesmo adeptos da hipótese como Stevenson reconhecem esta limitação e atribuem a possível existência de tais fenômenos a propriedades naturais ainda desconhecidas da ciência.

Outra objeção é que a maior parte das pessoas não relembram vidas prévias. Além disso, estatisticamente, cerca de um oitavo das pessoas que "lembram" de vidas prévias se lembrariam de ter sido camponeses chineses; mas, entre os que se "lembram", a maioria lembra de situações sociais menos triviais e mais interessantes.

Alguns céticos explicam que as supostas evidências de reencarnação resultam de pensamento seletivo e falsas memórias comumente baseadas nos sistemas de crença e medos infantis dos que as relatam.

Acrescenta-se, por último, que a reencarnação é, no fundo, objeto de crença dos fiéis de determinados segmentos religiosos, da mesma forma que o é a ressurreição em outros segmentos religiosos. A ciência, como se sabe, não se presta a provar ou não a reencarnação ou a ressurreição. Isto porque, entre outros argumentos, a ciência se faz sobre um determinado recorte da realidade que pode ser provado, demonstrado, testado, etc. O aspecto subjetivo que sustenta as ideias da ressurreição e da reencarnação dificulta eventuais demonstrações, fazendo tais ideias aportarem então no âmbito da fé e da crença, o que não significa necessariamente qualquer falta de mérito de qualquer uma delas, senão que se limitam ao campo da fé e da experiência individual. Por mais evidentes que possam parecer alguns relatos, cientificamente, sob os atuais domínios do conhecimento científico, não podem ser provados.

Estudos realizados em hospitais entre sobreviventes a paradas cardíacas aonde se observou o fenômeno conhecido como "experiência de quase-morte", incluindo os do cardiologista holandês Pim Van Lommel, demonstram achados que são compatíveis com fenômenos neurológicos causados pela hipóxia (falta de oxigênio no cérebro) em pacientes nos quais a morte encefálica não foi comprovada, por medicações como a quetamina ou pela indução de hipóxia cerebral por alta gravidade, incluindo visão em túnel, comunhão com entidades espirituais e saída do corpo. Cientistas e médicos relatam inúmeras experiências de quase-morte que sucederam em situações operatórias onde os pacientes estiveram em período de "inconsciência" (estado alterado de consciência, induzido por anestésicos que incluem a ketamina) ou reanimados após parada cardíaca, onde há redução da atividade cerebral, mas sem demonstração de ausência da mesma (mesmo a ausência de atividade eletroencefalográfica, ou

eletroatividade, não é considerada fidedigna de ausência de atividade cerebral). Mesmo assim, esses relatos anedóticos são frequentemente utilizados como justificativa de que não seria possível que a experiência de quase morte fosse, portanto, originada em quaisquer funções biológicas ou químico-elétricas e de que a consciência sobreviveria à morte do corpo físico.

Por outro lado, há pesquisa efetuada mundialmente pelo professor de psiquiatria norte-americano da Universidade de Virgínia Ian Stevenson, desde os anos 1960, com mais de 2.500 relatos que sustentariam a reencarnação.

Note-se que a crença de que o corpo físico de alguém apresentaria marcas "explicáveis" por acontecimentos ocorridos em vidas passadas não se coaduna bem com a ideia costumeira, implícita na crença - não estudada - na reencarnação, de que corpo e alma são independentes. No entanto, ao explicarmos os narrativas levando-se em conta o Perispírito, veremos que os casos relatados representam fielmente a Doutrina espírita sistematizada cientificamente por Allan Kardec.

Céticos criticam tais estudos de casos, por melhor descritos que sejam, por serem evidências anedóticas coletadas retrospectivamente, além de não eliminarem a possibilidade de fraude. De fato, normalmente não há controle contra a fraude, porém os reencarnacionistas apontam que existem características típicas de tais casos que seriam difíceis de serem fraudadas, tais como os defeitos e as marcas de nascimento, e as fobias demonstradas pelas crianças. No entanto, tais casos são descritos retrospectivamente - uma fobia específica, determinada marca de nascença ou preferências pessoais, são explicadas encontrando-se relatos de pessoas que morreram de determinada forma, tiveram algum tipo de lesão ou tinham determinadas preferências. Como qualquer fobia pode ser relacionada a alguma pessoa que já apresentou morte pelo objeto da mesma, não há nenhum local do corpo onde se possa ter uma marca de nascença que alguém não tenha se ferido e preferências pessoais não são exclusivas, para eles, tais relatos não teriam grande valor científico.

Tais céticos são contestados pelos estudiosos da reencarnação sob o argumento de que Relato de Casos Anedóticos não é a mesma coisa que Estudo de Casos. E simples Estudo de Casos não é a mesma coisa que Estudo de Casos com Tentativa de Controle de Variáveis Envolvidas e Tentativa de Avaliação Quantitativa. Os estudos CORT (Cases of Reincarnation Type - Casos do Tipo Reencarnação) não estariam incluídos na primeira categoria (que é a mais fraca), nem na segunda (de força mediana). Eles fariam parte do terceiro grupo, que possui força bem superior: Estudo de Casos com Tentativa de Controle de Variáveis Envolvidas e Tentativa de Avaliação Quantitativa.

Recentemente, o cético Richard Wiseman tentou reproduzir as demais características dos CORTs por meios normais, sem sucesso. Nas palavras do pesquisador Jim Tucker, o estudo de Wiseman "demonstra que coincidência fracassa em explicar partes importantes dos casos, embora sua intenção tenha sido mostrar o oposto". Tucker considera também que tal estudo demonstra que a

*fraude não pode ser aplicada aos casos resolvidos com registros escritos antes das verificações. Além disso, já foi possível fazer testes controlados numa minoria desses casos. Tucker cita dois desses casos no seu livro *Life Before Life* (2005): o de Gnanatilleka Baddewithana e o de Ma Choe Hnin Htet, e argumenta que tais casos enterrariam de vez as críticas dos céticos de que a fraude ou a coincidência seriam explicações razoáveis para os CORTs.*

Alguns críticos também argumentaram que casos de reencarnação não são particularmente interessantes por causa da possibilidade que eles podem ter sido embelezados quando a família da criança entra em contato com a família da personalidade prévia antes da documentação das memórias de renascimento da criança ter sido feita, aumentando a possibilidade que o câmbio de informação entre as duas famílias possa ser o responsável para as memórias detalhadas da criança, e não reencarnação (por fraude e/ou falsas memórias). Esta hipótese, embora plausível em alguns casos, foi rejeitada pelo outro avanço principal na pesquisa de reencarnação, o de localizar casos em que documentação é feita antes de tentar achar a família da personalidade prévia, o que não impede necessariamente fraudes ou simples coincidências. Embora seu número seja pequeno (apenas 33 dos 2.500 na coleção da Universidade de Virginia), tais casos parecem fornecer um argumento mais forte a favor da reencarnação. O Dr. Stevenson (1974) foi um dos primeiros a localizar casos como estes, e outros independentemente foram encontrados por Mills, Haraldsson, e Keil (1994), e mais recentemente por Keil e Tucker (2005).

[4] O Espírito Emmanuel, que foi um dos Orientadores da Codificação, ditou uma mensagem sobre o egoísmo, inserida no Capítulo XI do livro “O Evangelho Segundo o Espiritismo”:

O egoísmo, chaga da Humanidade, tem que desaparecer da Terra, a cujo progresso moral obsta. Ao Espiritismo está reservada a tarefa de fazê-la ascender na hierarquia dos mundos. O egoísmo é, pois, o alvo para o qual todos os verdadeiros crentes devem apontar suas armas, dirigir suas forças, sua coragem. Digo: coragem, porque dela muito mais necessita cada um para vencer-se a si mesmo, do que para vencer os outros. Que cada um, portanto, empregue todos os esforços a combatê-lo em si, certo de que esse monstro devorador de todas as inteligências, esse filho do orgulho é o causador de todas as misérias do mundo terreno. É a negação da caridade e, por conseguinte, o maior obstáculo à felicidade dos homens.

Jesus vos deu o exemplo da caridade e Pôncio Pilatos o do egoísmo, pois, quando o primeiro, o Justo, vai percorrer as santas estações do seu martírio, o outro lava as mãos, dizendo: Que me importa! Animou-se a dizer aos judeus: Este homem é justo, por que o quereis crucificar? E, entretanto, deixa que o conduzam ao suplício.

É a esse antagonismo entre a caridade e o egoísmo, à invasão do coração humano por essa lepra que se deve atribuir o fato de não haver ainda o Cristianismo desempenhado por completo a sua missão. Cabem-vos a vós, novos apóstolos da fé, que os Espíritos superiores esclarecem, o encargo e o dever de extirpar esse mal, a fim de dar ao Cristianismo toda a sua força e desobstruir o caminho dos pedrouços que lhe embaraçam a marcha. Expulsai da Terra

o egoísmo para que ela possa subir na escala dos mundos, porquanto já é tempo de a Humanidade envergar sua veste viril, para o que cumpre que primeiramente o expilais dos vossos corações. – Emmanuel. (Paris, 1861.)

[5] No Capítulo VII do livro “O Evangelho Segundo o Espiritismo” encontra-se uma mensagem do Espírito Lacordaire, que foi um dos Orientadores de Allan Kardec na Codificação):

Que a paz do Senhor seja convosco, meus queridos amigos! Aqui venho para encorajar-vos a seguir o bom caminho.

Aos pobres Espíritos que habitaram outrora a Terra, conferiu Deus a missão de vos esclarecer. Bendito seja Ele, pela graça que nos concede: a de podermos auxiliar o vosso aperfeiçoamento. Que o Espírito Santo me ilumine e ajude a tornar compreensível a minha palavra, outorgando-me o favor de pô-la ao alcance de todos! Oh! vós, encarnados, que vos achais em prova e buscais a luz, que a vontade de Deus venha em meu auxílio para fazê-la brilhar aos vossos olhos!

A humildade é virtude muito esquecida entre vós. Bem pouco seguidos são os exemplos que dela se vos têm dado.

Entretanto, sem humildade, podeis ser caridosos com o vosso próximo? Oh! não, pois que este sentimento nivela os homens, dizendo-lhes que todos são irmãos, que se devem auxiliar mutuamente, e os induz ao bem. Sem a humildade, apenas vos adornais de virtudes que não possuíis, como se trouxésseis um vestuário para ocultar as deformidades do vosso corpo. Lembrai-vos dAquele que nos salvou; lembrai-vos da sua humildade, que tão grande o fez, colocando-o acima de todos os profetas.

O orgulho é o terrível adversário da humildade. Se o Cristo prometia o reino dos céus aos mais pobres, é porque os grandes da Terra imaginam que os títulos e as riquezas são recompensas deferidas aos seus méritos e se consideram de essência mais pura do que a do pobre. Julgam que os títulos e as riquezas lhes são devidos, pelo que, quando Deus lhes retira, o acusam de injustiça. Oh! irrisão e cegueira!

Pois, então, Deus vos distingue pelos corpos? O envoltório do pobre não é o mesmo que o do rico? Terá o Criador feito duas espécies de homens? Tudo o que Deus faz é grande e sábio; não lhe atribuais nunca as idéias que os vossos cérebros orgulhosos engendram.

Ó rico! Enquanto dormes sob dourados tetos, ao abrigo do frio, ignoras que jazem sobre a palha milhares de irmãos teus, que valem tanto quanto tu? Não é teu igual o infeliz que passa fome? Ao ouvires isso, bem o sei, revolta-se o teu orgulho. Concordarás em dar-lhe uma esmola, mas em lhe apertar fraternalmente a mão, nunca. “Pois quê! dirás, eu, de sangue nobre, grande da Terra, igual a este miserável coberto de andrajos! Vã utopia de pseudofilósofos! Se fôssemos iguais, por que o teria Deus colocado tão baixo e a mim tão alto?” É exato que as vossas vestes não se assemelham; mas, despi-vos ambos: que diferença haverá entre vós? A nobreza do sangue, dirás; a química, porém, ainda nenhuma diferença descobriu entre o sangue de um grão-senhor e o de um plebeu; entre o do senhor e o do escravo. Quem te garante que também tu já não tenhas sido miserável e desgraçado como ele? Que também não hajas pedido esmola? Que não a pedirás um dia a esse mesmo a quem hoje desprezas? São eternas as riquezas?

Não desaparecem quando se extingue o corpo, envoltório perecível do teu Espírito? Ah! lança sobre ti um pouco de humildade! Põe os olhos, afinal, na realidade das coisas deste mundo, sobre o que dá lugar ao engrandecimento e ao rebaixamento no outro; lembra-te de que a morte não te poupará, como a nenhum homem; que os teus títulos não te preservarão do seu golpe; que ela te poderá ferir amanhã, hoje, a qualquer hora. Se te enterras no teu orgulho, oh! quanto então te lamento, pois bem digno de compaixão serás.

Orgulhosos! Que éreis antes de serdes nobres e poderosos?

Talvez estivésseis abaixo do último dos vossos criados.

Curvai, portanto, as vossas frentes altaneiras, que Deus pode fazer se abaixem, justo no momento em que mais as elevardes. Na balança divina, são iguais todos os homens; só as virtudes os distinguem aos olhos de Deus. São da mesma essência todos os Espíritos e formados de igual massa todos os corpos. Em nada os modificam os vossos títulos e os vossos nomes. Eles permanecerão no túmulo e de modo nenhum contribuirão para que gozeis da ventura dos eleitos. Estes, na caridade e na humildade é que têm seus títulos de nobreza.

Pobre criatura! és mãe, teus filhos sofrem; sentem frio; têm fome, e tu vais, curvada ao peso da tua cruz, humilhar-te, para lhes conseguires um pedaço de pão! Oh! inclino-me diante de ti. Quão nobremente santa és e quão grande aos meus olhos! Espera e ora; a felicidade ainda não é deste mundo. Aos pobres oprimidos que nele confiam, concede Deus o reino dos céus.

E tu, donzela, pobre criança lançada ao trabalho, às privações, por que esses tristes pensamentos? Por que choras?

Dirige a Deus, piedoso e sereno, o teu olhar: ele dá alimento aos passarinhos; tem-lhe confiança: ele não te abandonará. O ruído das festas, dos prazeres do mundo, faz bater-te o coração; também desejaras adornar de flores os teus cabelos e misturar-te com os venturosos da Terra.

Dizes de ti para contigo que, como essas mulheres que vês passar, despreocupadas e risonhas, também poderias ser rica. Oh! cala-te, criança! Se soubesses quantas lágrimas e dores inomináveis se ocultam sob esses vestidos recamados, quantos soluços são abafados pelos sons dessa orquestra rumorosa, preferirias o teu humilde retiro e a tua pobreza. Conserva-te pura aos olhos de Deus, se não queres que o teu anjo guardião para o seu seio volte, cobrindo o semblante com as suas brancas asas e deixando-te com os teus remorsos, sem guia, sem amparo, neste mundo, onde ficarias perdida, a aguardar a punição no outro.

Todos vós que dos homens sofreis injustiças, sede indulgentes para as faltas dos vossos irmãos, ponderando que também vós não vos achais isentos de culpas; é isso caridade, mas é igualmente humildade. Se sofreis pelas calúnias, abaixai a cabeça sob essa prova. Que vos importam as calúnias do mundo? Se é puro o vosso proceder, não pode Deus vo-las compensar? Suportar com coragem as humilhações dos homens é ser humilde e reconhecer que somente Deus é grande e poderoso.

Oh! meu Deus, será preciso que o Cristo volte segunda vez à Terra para ensinar aos homens as tuas leis, que eles olvidam? Terá que de novo expulsar do templo os vendedores que conspurcam a tua casa, casa que é unicamente de oração? E, quem sabe? ó homens! se o não renegaríeis como outrora, caso Deus vos concedesse essa graça!

Chamar-lhe-íeis blasfemador, porque abateria o orgulho dos modernos fariseus. É bem possível que o fizésseis perلustrar novamente o caminho do Gólgota.

Quando Moisés subiu ao monte Sinai para receber os mandamentos de Deus, o povo de Israel, entregue a si mesmo, abandonou o Deus verdadeiro. Homens e mulheres deram o ouro e as jóias que possuíam, para que se construísse um ídolo que entraram a adorar. Vós outros, homens civilizados, os imitais. O Cristo vos legou a sua doutrina; deu-vos o exemplo de todas as virtudes e tudo abandonastes, exemplos e preceitos. Concorrendo para isso com as vossas paixões, fizestes um Deus a vosso jeito: segundo uns, terrível e sangüinário; segundo outros, alheado dos interesses do mundo. O Deus que fabricastes é ainda o bezerro de ouro que cada um adapta aos seus gostos e às suas idéias.

Despertai, meus irmãos, meus amigos. Que a voz dos Espíritos ecoe nos vossos corações. Sede generosos e caridosos, sem ostentação, isto é, fazei o bem com humildade.

Que cada um proceda pouco a pouco à demolição dos altares que todos ergueram ao orgulho. Numa palavra: sede verdadeiros cristãos e tereis o reino da verdade. Não continueis a duvidar da bondade de Deus, quando dela vos dá ele tantas provas. Vimos preparar os caminhos para que as profecias se cumpram. Quando o Senhor vos der uma manifestação mais retumbante da sua clemência, que o enviado celeste já vos encontre formando uma grande família; que os vossos corações, mansos e humildes, sejam dignos de ouvir a palavra divina que ele vos vem trazer; que ao eleito somente se deparem em seu caminho as palmas que aí tendes deposto, volvendo ao bem, à caridade, à fraternidade.

Então, o vosso mundo se tornará o paraíso terrestre.

Mas, se permanecerdes insensíveis à voz dos Espíritos enviados para depurar e renovar a vossa sociedade civilizada, rica de ciências, mas, no entanto, tão pobre de bons sentimentos, ah! então não nos restará senão chorar e gemer pela vossa sorte. Mas, não, assim não será. Voltaí para Deus, vosso pai, e todos nós que houvermos contribuído para o cumprimento da sua vontade entoaremos o cântico de ação de graças, agradecendo-lhe a inesgotável bondade e glorificando-o por todos os séculos dos séculos. Assim seja.

Lacordaire. (Constantina, 1863.)

[6] Em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Vaidade> há uma breve, e superficial, referência à vaidade:

A vaidade (chamada também de orgulho ou soberba) é o desejo de atrair a admiração das outras pessoas. Uma pessoa vaidosa cria uma imagem pessoal para transmitir aos outros, com o objetivo de ser admirada.

A vaidade é mais utilizada também hoje para estética, visual e aparência da própria pessoa. A imagem de uma pessoa vaidosa estará geralmente em frente a um espelho, a exemplo de Narciso.

Uma pessoa vaidosa pode ser gananciosa, por querer obter algo valioso, mas é só para causar inveja aos outros. Um ser humano invejoso, por sua vez, identifica com bastante facilidade um ser humano vaidoso, pois os dois vícios se complementam, e um é objeto do outro.

O que pelas lentes de alguns é asseio, glamour, fantasia, amor ao belo ou elevação da auto-estima, pelas lentes de outros pode ser (ou parecer) vaidade.

Nos Ensaios de Montaigne há um capítulo sobre vaidade. Um escritor brasileiro, Flávio Gikovate, tem se dedicado a analisar a influência da vaidade na vida das pessoas e seus impactos na sociedade.

Uma das abordagens da vaidade na literatura é feita por Oscar Wilde no livro O Retrato de Dorian Gray, onde o principal tema é a vaidade do personagem Dorian, onde o jovem e` ao mesmo tempo velho, e o velho e` ao mesmo tempo jovem.

[7] Em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Virtude> há um breve referência sobre a virtude, de sob a ótica do Catolicismo:

Virtude (latim: virtus; em grego: ἀρετή) é uma qualidade moral particular. Virtude é uma disposição estável em ordem a praticar o bem; revela mais do que uma simples característica ou uma aptidão para uma determinada ação boa: trata-se de uma verdadeira inclinação.

Virtudes são todos os hábitos constantes que levam o homem para o bem, quer como indivíduo, quer como espécie, quer pessoalmente, quer coletivamente.

A virtude, no mais alto grau, é o conjunto de todas as qualidades essenciais que constituem o homem de bem. Segundo Aristóteles, é uma disposição adquirida de fazer o bem, e elas se aperfeiçoam com o hábito.

Segundo a doutrina da Igreja Católica, e especialmente S. Gregório de Nissa, a virtude é "uma disposição habitual e firme para fazer o bem", sendo o fim de uma vida virtuosa tornar-se semelhante a Deus. Existem numerosas virtudes que se relacionam entre si tornando virtuosa a própria vida. No Catolicismo, existem 2 categorias de virtudes:

- *as virtudes teológicas, cuja origem, motivo e objeto imediato são o próprio Deus. Os cristãos acreditam que elas são infundidas no homem com a graça santificante, e que elas tornam os homens capazes de viver em relação com a Santíssima Trindade. Elas fundamentam e animam o agir moral do cristão, vivificando as virtudes humanas. Para os cristãos, elas são o penhor da presença e da ação do Espírito Santo nas faculdades do ser humano. As virtudes teológicas são três:*
 - *Fé: através dela, os cristãos crêem em Deus, nas suas verdades reveladas e nos ensinamentos da Igreja, visto que Deus é a própria Verdade. Pela fé, "o homem entrega-se a Deus livremente. Por isso, o crente procura conhecer e fazer a vontade de Deus, porque «a fé opera pela caridade» (Gal 5,6)".*
 - *Esperança: por meio dela, os crentes, por ajuda da graça do Espírito Santo, esperam a vida eterna e o Reino de Deus, colocando a sua confiança perseverante nas promessas de Cristo.*

- **Caridade (ou Amor): através dela, "como amamos a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos por amor de Deus. Jesus faz dela o mandamento novo, a plenitude da lei". Para os crentes, a caridade é «o vínculo da perfeição» (Col 3,14), logo a mais importante e o fundamento das virtudes. São Paulo disse que, de todas as virtudes, "o maior destas é o amor" (ou caridade). O Amor é também visto como uma "dádiva de si mesmo" e "o oposto de usar".**
- **as virtudes humanas que são perfeições habituais e estáveis da inteligência e da vontade humanas. Elas regulam os atos humanos, ordenam as paixões humanas e guiam a conduta humana segundo a razão e a fé. Adquiridas e reforçadas por atos moralmente bons e repetidos, os cristãos acreditam que estas virtudes são purificadas e elevadas pela graça divina. Entre as virtudes humanas são constantemente destacadas as virtudes cardeais, que são consideradas as principais por serem os apoios à volta dos quais giram as demais virtudes humanas:**
 - **a prudência, que "dispõe a razão para discernir em todas as circunstâncias o verdadeiro bem e a escolher os justos meios para o atingir. Ela conduz a outras virtudes, indicando-lhes a regra e a medida", sendo por isso considerada a virtude-mãe humana.**
 - **a justiça, que é uma constante e firme vontade de dar aos outros o que lhes é devido;**
 - **a fortaleza que assegura a firmeza nas dificuldades e a constância na procura do bem;**
 - **e a temperança que "modera a atracção dos prazeres, assegura o domínio da vontade sobre os instintos e proporciona o equilíbrio no uso dos bens criados", sendo por isso descrita como sendo a prudência aplicada aos prazeres.**

Para contrariar e opôr-se aos Sete pecados capitais, existe também um outro tipo de organização das virtudes, que é baseada nas chamadas Sete Virtudes: Castidade, Generosidade, Temperança, Diligência, Paciência, Caridade e Humildade.

[8] <http://pt.wikipedia.org/wiki/Humildade> registra sobre humildade:

Humildade vem do Latim humus que significa "filhos da terra". Refere-se à qualidade daqueles que não tentam se projetar sobre as outras pessoas, nem mostrar ser superior a elas. A Humildade é a virtude que dá o sentimento exato da nossa modéstia, cordialidade, respeito, simplicidade, honestidade e passividade. A humildade dos que vivem na pobreza, pode ser vista, pelos ricos, como uma fraqueza ou maneira de promover reverência e submissão das classes populares.

Diz-se que a humildade é uma virtude de quem é humilde; quem se vangloria mostra simplesmente que humildade lhe falta. É nessa posição que talvez se situe a humilde confissão de Albert Einstein quando reconhece que "por detrás da matéria há algo de inexplicável".

Por humilde também se pode entender a personalidade que assume seus deveres, obrigações, erros e culpas sem resistência. Assim, se pode dizer que a pessoa ou indivíduo "assume humildemente".

[9] Em <http://www.valoresreais.com/2010/07/23/a-arte-do-desapego/> se anotou sobre desapego, valendo a pena sua leitura:

Uma das coisas mais difíceis para o ser humano é se desapegar das coisas que comprou, principalmente se elas tiverem algum significado emocional. Esse problema é intensificado na nossa sociedade atual, que valoriza de modo exacerbado o consumo e o uso do crédito (leia-se "dívida"), uma vez que muito do que compramos reflete mais desejos psicológicos temporários do que reais necessidades duradouras. Em outras palavras, somos induzidos, pelos mais variados motivos, a comprar e a consumir bens materiais, especialmente supérfluos que, uma vez instalados em nossas casas, são difíceis de serem retirados.

*Essa abordagem consumista da vida provoca um círculo vicioso muito bem descrito no livro *Simplicidade Voluntária* [...]*

"Quando o objetivo fundamental de uma pessoa é maximizar os prazeres materiais, minimizando o desconforto, a vida se transforma num processo constante de 'se afastar' (tentando-se afastar o desconforto) e de 'apegar-se' (tentando-se adquirir ou se manter preso àquilo que dá prazer). Com a perda do equilíbrio interno que acompanha uma abordagem de vida baseada num 'se afastar' e 'apegar-se' habituais, manifesta-se uma dor mais profunda – a dor provocada pela consciência da natureza insatisfatória básica do processo de busca do prazer/fuga ao sofrimento".

Qual é a solução?

A solução para quebrar, literalmente quebrar, esse círculo vicioso passa necessariamente pela prática da arte do desapego. Arte, segundo a Wikipédia, é

"Entendida como a atividade humana ligada a manifestações de ordem estética, feita por artistas a partir de percepção, emoções e ideias, com o objetivo de estimular essas instâncias de consciência em um ou mais espectadores, dando um significado único e diferente para cada obra de arte."

De forma análoga, podemos compreender a arte, no contexto em que estamos nos referindo, ao processo de estimular a consciência individual e subjetiva da pessoa, de fazer aquilo que lhe proporciona emoções positivas, por meio do esvaziamento da sensação de dependência da posse de objetos materiais.

De fato, quando você arruma seu guarda-roupas, eliminando peças de vestuário já antigas, desgastadas pelo uso, e direcionando-as para doações, você está praticando, ainda que de modo inconsciente, a arte do desapego. Ao fazê-lo, você está se libertando de coisas que já não teriam mais utilidade alguma, esvaziando o guarda-roupa, mas preenchendo sua paz de espírito. Coincidentemente, você estará também dando um senso estético ao móvel, deixando-o mais organizado, limpo e funcional.

Da mesma forma, é de suma importância você se desvencilhar de coisas que já não fazem mais sentido ficarem ocupando espaço em seu escritório ou em seu quarto. São livros antigos, já desatualizados, sem serventia alguma. Ou então notas fiscais de supermercado, que ficam entulhando suas gavetas. Ou ainda caixas e manuais de aparelhos eletrônicos que você já

nem utiliza mais. Será que suas gavetas e seus armários não estão sendo ocupados demais por coisas que você não utiliza? Para quê continuar com eles? Esvazie seus móveis!

Praticar a arte do desapego produz consequências benéficas a quem a pratica, na medida em que promove a eliminação de distrações desnecessárias. Objetos sem uso e sem valor, que servem apenas como itens de coleções que você já não aprecia mais, gastam espaço em sua casa, e geram um gasto de tempo em sua manutenção.

Imagine que você irá fazer uma mudança de cidade, ou uma mudança de domicílio dentro da cidade, transferindo sua moradia de um local para outro. Será que vale a pena transportar todos os objetos que estão em sua atual casa? Quais valem a pena conservar e manter, e quais merecerão um destino diferente, como instituições de assistência social, bibliotecas ou mesmo... o lixo?

Quando você pratica a arte do desapego, não é só a sua casa que fica mais leve. É a sua mente que fica mais leve também, uma vez que você não precisa se preocupar em saber se todas aquelas tralhas estão guardadas nos locais corretos. Afinal, você já se livrou dessas tralhas. Você pode, enfim, direcionar a sua energia psíquica para atividades muito mais relevantes, que promovam seu crescimento pessoal, fortaleçam seus objetivos e façam você caminhar em direção ao seu alvo.

Praticar a arte do desapego lhe dá liberdade. Desapegar-se de bens materiais – principalmente os supérfluos – significa reconhecer que tudo o que se faz nessa vida é temporário, e nada do que se possui aqui poderá ser levado quando você se for. Para quê prender sua atenção em coisas, se o que mais importa nessa vida são pessoas? Será que sua vida não está muito cheia de coisas, mas um pouco vazia de relacionamentos? Será que isso não é uma consequência do apego que você tem a certos objetos?

Evite o desequilíbrio gerado por essa sociedade que só pensa em consumir e comercializar tudo o que aparece pela frente. Evite realizar ações que não passam de meras reproduções automáticas do que se passa na TV e na mídia em geral. Tenha o controle daquilo que você compra, e não se deixe possuir por aquilo que você possui. Agindo dessa forma, você não só se desapegará de suas posses materiais, como também ganhará liberdade para fazer aquilo que você mais gosta, aproveitando os valores reais que devem nortear sua vida.

[10] Em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Simplicidade> se lê:

Simplicidade ou frugalidade é a ausência de artifícios, extravagâncias e excessos de ordem material, social ou psicológica. Simplicidade é o caminho para se chegar a humildade, e com isso ser uma pessoa mais servil, menos arrogante e prepotente, combatendo e se livrando da inveja, orgulho e ciúmes.

[11] Veja-se em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Interdisciplinaridade> sobre interdisciplinaridade:

Trata-se de um movimento, um conceito e uma prática que está em processo de construção e desenvolvimento dentro das ciências e do ensino das ciências, sendo estes, dois campos distintos nos quais a interdisciplinariedade se faz presente.

Definir um objeto que está em construção, co-existindo com aquele que o estuda é uma tarefa difícil e até certo ponto parcial, uma vez que este objeto está se transformando e se alterando, assim, toda discussão sobre interdisciplinaridade é passível de análise comparativa com o material contemporâneo sobre o tema até que este esteja melhor desenvolvido e articulado, muito mais pela prática do que pela teoria, uma vez que a interdisciplinaridade está acontecendo, e a partir disso, uma teoria tem sido desenvolvida.

Um estudo epistemológico é proveitoso para a delimitação do tema: Existem quatro palavras que são particularmente relacionadas entre si e todas delimitam uma abordagem científica e educacional:

Pluridisciplinaridade; Multidisciplinaridade; Interdisciplinaridade e Transdisciplinaridade.

O que há em comum nestas palavras é a palavra disciplinaridade/disciplina, que deve ser entendida como aquelas "fatias" dos estudos científicos e das disciplinas escolares, tais como matemática, biologia, ciências naturais, história, etc. e de um esforço em superar tudo o que está relacionado ao conceito de disciplina. Assim, interdisciplinaridade é parte de um movimento que busca a superação da disciplinaridade.

A interdisciplinaridade tem suas raízes na história da ciência moderna, sobretudo aquela produzida a partir do século XX, por isso para compreender este movimento, é necessário apresentar algumas considerações sobre esta temática.

Desde o século XV a ciência passou por uma grande mudança em toda a sua estrutura, o que resultou numa explosão de novos conhecimentos, novas práticas e técnicas de pesquisa, isso tem início com o renascimento e com a perda, por parte da igreja, do poder que exercia sobre o homem e a sociedade. Pesquisas até então condenadas e censuradas começavam a ser feitas, por exemplo pesquisa da anatomia humana através da dissecação de cadáveres. Galileu, Da Vinci, Copérnico, entre outros, surgem com grandes inovações e ideias que alterariam o pensamento humano. Com tudo isso surge definitivamente a ciência e a pesquisa científica, tomando lugar entre a teologia e a filosofia, com a missão de apresentar a razão em oposição a fé e a pesquisa em oposição ao discurso e a retórica.

Num período muito curto, a ciência tem seus fundamentos desenvolvidos e sua principal função torna-se a de compreender as coisas partindo do macro, do todo, até chegar no micro, na menor partícula, na menor parte, a fim de ter uma visão mais profunda do todo. Então o movimento que a ciência passa a realizar é partir da compreensão já existente das coisas, por exemplo, das ideias postas do que é o homem, seu corpo, seus membros, seus sistemas, o funcionamento do corpo, etc. em direção a menor partícula que possa ajudar a definir e compreender esse mesmo homem, assim iniciam-se as pesquisas em anatomia humana, pesquisas em microbiologia humana, até, bem recentemente, chegar-se a um grande contingente de informações e conhecimentos do que é o homem, tendo chegado até o DNA. Importante observar que, segundo o exemplo dos estudos do

homem, com o tempo o volume de estudos e de informações levantadas foi ficando grande ao ponto de ser necessária a criação de novas subcategorias que dessem conta de continuar as pesquisas e dominar os conhecimentos adquiridos, em outras palavras, a disciplina de ciências passa a ter uma nova disciplina específica que responderia então por um conhecimento específico da ciência absoluta. Esse processo se repete exatamente como se dá a divisão celular, quando uma disciplina está desenvolvida o suficiente, ela se divide e dá origem a outra disciplina, distinta da primeira em seu objeto de estudo e exigente quando ao pesquisador que deve dominá-la, que é o especialista. Através deste movimento, partindo do século XV, em que existia somente a disciplina de ciência, que era dominada por todos os estudiosos envolvidos, chega-se ao século XXI com uma infinidade de disciplinas especializadas nas mais diversas frações da ciência, tais como ciências sociais, sociologia, antropologia, psicologia, anatomia geral, anatomia específica ou neurologia, cardiologia, fisiologia, etc. ciências da natureza, biologia, microbiologia, ciências exatas, química, física, e muitas outras, cada uma sendo responsável por uma pequena fração, ou especialidade da ciência, e cada uma com um especialista diferente, que domina somente a sua especialidade, aquela fração do conhecimento.

Embora o termo disciplina seja empregado para mencionar tanto as frações do conhecimento científico, como frações dos estudos escolares, e em muitos casos tenham os mesmos nomes, tais como história, matemática, química, física, etc. As ligações entre umas e outras estão somente nisso. Não há relação direta entre uma disciplina científica e uma disciplina escolar com mesmo nome, o que se dá é que remotamente o objeto de estudo de uma e outra disciplina é o mesmo, porém a disciplina escolar não apresenta todos os conhecimentos da disciplina científica, por vezes até foge um pouco desses conhecimentos, como no caso da disciplina escolar de Geografia, que não contempla a cartografia, a geologia, dentre outras. Isso se dá porque as funções de uma e outra disciplina são diferentes. É importante observar que as disciplinas escolares tomam muito daquilo que é produzido pelas disciplinas científicas e reveste esses conhecimentos de funções didáticas que têm a função de levar os alunos a conhecerem, mesmo que minimamente, o que é produzido pelo homem em termos de conhecimento e estudos.

Como indicado anteriormente, a interdisciplinaridade surge no século XX como um esforço de superar o movimento de especialização da ciência e superar a fragmentação do conhecimento em diversas áreas de estudo e pesquisa.

A ciência, no século XX, tornou-se especializada ao ponto de não ser mais possível realizar o movimento pretendido quando do início da especialização, que era chegar ao micro para conseguir ver o todo de forma plena e completa, e também, chegou-se ao ponto em que em algumas áreas não era mais possível continuar aprofundando no conhecimento, tendo chegado ao limite do que era possível a determinadas especialidades pesquisar. Então a interdisciplinaridade surge como proposta para a realização do movimento inverso, partir do micro e retornar ao todo. Com isso, com a aplicação da interdisciplinaridade na ciência, surgem novas disciplinas agregadoras, que unem áreas específicas do

conhecimento a fim de compreender fenômenos que seriam incompreensíveis com os conhecimentos de apenas uma área, como é o caso da bioengenharia, que une as áreas da biologia e engenharia a fim de dar conta de estudos que uma ou outra disciplina sozinha não daria conta.

Com a ampliação da aplicação da interdisciplinaridade na ciência, tem se desenvolvido novas práticas de pesquisa, muitas disciplinas que até então eram consideradas incomunicáveis, considerada a distância entre seus objetos de estudo, estão sendo reunidas para dar respostas a novos problemas de pesquisa e a questões que uma única disciplina não é capaz de responder.

[12] Em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Homeopatia> se lê sobre Homeopatia:

Homeopático (do grego ὅμοιος + πάθος transliterado hómoios - + páthos = "semelhante" + "doença") é um termo criado por Christian Friedrich Samuel Hahnemann (1755-1843) para designar uma terapia alternativa que se baseia no princípio similia similibus curantur ("os semelhantes curam-se pelos semelhantes"). Confunde-se com a fitoterapia, por conta dos produtos usados em suas formulações, embora ambas tenham corpo ideológico e metodologia essencialmente distintos. Não se confunde com isopatia.

De fato, o tratamento homeopático consiste em fornecer a um paciente sintomático doses extremamente diluídas de compostos que são tidos como causas em pessoas saudáveis dos sintomas que pretendem contrariar. Desse modo, o sistema de cura natural da pessoa seria estimulado a estabelecer uma reação de restauração da saúde por suas próprias forças, de dentro para fora. O medicamento homeopático é preparado em um processo que consiste em diluição sucessiva da substância, sucussão e "dinamização" (ou "potencialização"), em uma série de passos.

Homeopatia não se acha pacificamente inserida como especialidade médica em todos os países. O balanço coletivo de evidência científica mostra que homeopatia não é mais efetiva que um placebo. Mesmo aqueles que lhe conferem alguma aceitação oferecem-lhe certas restrições, ou de natureza institucional (as comunidades científico-médicas, os conselhos ou as ordens médicas etc.) ou de cunho legal (as disposições normativas pertinentes na ordem jurídico-política de cada país). Consideram-se questionáveis, sob a óptica da metodologia científica vigente, tanto o princípio como as técnicas, que deveriam ser provados e aprovados segundo os cânones do método científico moderno. Em particular, citam-se:

- 1. Os altos níveis de diluição (variando de acordo com o medicamento), que conduziram eventualmente à ineficácia por efetiva inexistência de princípio ativo (os homeopáticos são tão diluídos que, em doses comuns, chega a ser impossível haver uma única molécula do princípio ativo em toda a solução);*
- 2. A inexistência de estudos acadêmico-científicos específicos que comprovem a eficácia de tal método (sobretudo estudos de duplo-cego);*

3. Todos os estudos científicos produzidos até agora concluem pela ineficácia da homeopatia (eficiência idêntica a um placebo).

A homeopatia é uma das práticas alternativas recomendadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e, no Brasil, é considerada como especialidade médica desde 1980, tendo sido incluída no Sistema Único de Saúde (SUS) desde 2006.

Homeopatia é considerada uma filosofia (lato sensu) holística, vitalística, pelo fato de interpretar doenças e enfermidades como causadas pelo desequilíbrio ou distúrbio de uma hipotética energia espiritual ou força vital no organismo de quem as apresenta. Desse modo, ela vê tais distúrbios como manifestações em sintomas únicos e bem definidos. Sustenta que a força vital tem o poder de se adaptar a causas internas ou externas. É a "lei da suscetibilidade" homeopática, sob a qual um estado mental negativo pode atrair entidades hipotéticas chamadas "miasmas", as quais invadem o organismo e produzem os sintomas das doenças.^[8] Hahnemann, contudo, rejeitou a ideia de ser a doença "algo separado, uma entidade invasora" e insistiu em que ela é parte de um "todo vital".

Os defensores da homeopatia destacam o fato de que alguns princípios gerais da homeopatia já teriam sido enunciados por Hipócrates há cerca de 2500 anos:

- **Observar.** Para Hipócrates, grande parte da arte médica consiste na capacidade de observação do médico. A observação deve ser feita sem nenhum tipo de preconceito ou julgamento, estando o prático aberto aos relatos explícitos e implícitos do paciente.
- **Estudar o doente, não a doença.** Este princípio, proposto no Ocidente pela primeira vez no tempo de Hipócrates, assentou as bases da holística, estabelecendo que na compreensão do processo saúde/enfermidade não se divide a pessoa em sistemas ou órgãos, devendo-se avaliar a totalidade sintética do indivíduo. Este ponto é essencial no entendimento das históricas divergências entre as escolas de Cós (cujo expoente principal é o próprio Hipócrates) e de Cnido. Esta última pregava a especialização, a impessoalidade, o organicismo e a classificação das doenças.
- **Avaliar honestamente.** Dá-se importância à leitura prognóstica dos problemas da pessoa.
- **Ajudar a natureza.** A função precípua do médico é auxiliar as forças naturais do corpo para conseguir a harmonia, isto é, a saúde.

Esses princípios guardam semelhança com as conclusões de Samuel Hahnemann no século XVIII, como se expõe a seguir.

Hipócrates foi também o primeiro a descrever as duas maneiras principais de abordar a terapêutica:

- ***Similia similibus curantur:*** "Semelhantes são curados por semelhantes". Base terapêutica da homeopatia.
- ***Contraria contrariis curantur.*** "Contrários são curados por contrários". Princípio seguido por Galeno que estabeleceu também as bases da alopatia.

A visão integradora de Hipócrates permeia sua obra, cujos textos mais conhecidos são Aforismos e Juramento. A saúde, para ele, é resultado da harmonia entre os quatro humores que ele acreditava estarem presentes no corpo e da interação da pessoa com o meio. Higiene, dieta, exercícios físicos, clima e outras circunstâncias são levadas em consideração na avaliação da saúde. O adoecimento obedeceria, de acordo com o pensamento de Hipócrates, a três estágios facilmente reconhecíveis por um observador atento:

- (1º) degeneração (desequilíbrio) dos humores;
- (2º) cocção; e
- (3º) crise.

Não se dava importância à classificação das doenças, levando-se muito mais em conta a pessoa e seu contexto. Na terapêutica era parco o uso de medicamentos, interferindo-se somente nos momentos considerados necessários, quando a natureza o indicasse. Ficou muito conhecido no seu tempo por sua honestidade científica e na relação com os pacientes e seus familiares, insistindo na necessidade de se trabalhar com a verdade e de se fazer a leitura do prognóstico do estado de saúde. Estabeleceu as bases da ética nas relações entre médicos, entre médico e discípulos e entre médicos e pacientes.

Todavia, embora o pensamento de Hipócrates seja de enorme importância para a história da medicina e formação da ética médica, considera-se ter pouca importância epistemológica, a começar pelo fato de que três dos quatro humores por ele descritos e nos quais fundamentava o seu pensar sequer existem. Ele acreditava que a saúde era resultado do equilíbrio entre quatro supostos líquidos diferentes secretados pelo corpo: o sangue (único dos quatro que realmente existe), a fleuma, a bile amarela e a bile negra. Acreditava ainda que a proporção desses líquidos era capaz de definir as variações de caráter entre os humanos.

Os séculos seguintes apresentaram preponderância crescente das crenças de Cnido e das práticas de Galeno, chegando ao dogmatismo. O establishment da Antigüidade e, posteriormente, da Idade Média, não permitia qualquer tipo de oposição às ideias galênicas que reinaram quase absolutas por quinze séculos. Galeno ficou conhecido por seus preparados farmacêuticos que incluíam várias substâncias em cada um deles. Sua teriaga, uma de tantas misturas preparadas, chegou a ter mais de setenta ingredientes em sua composição até a época de sua morte. Na Idade Média o preparado já continha mais de cem substâncias, sendo usado como antídoto universal. Até o final do Século XIX a teriaga estava registrada nas farmacopéias oficiais de vários países europeus.

Um dos maiores críticos de Galeno, e, não casualmente, devoto de Hipócrates, foi Paracelso (1491 – 1541). Dotado de um espírito questionador, iconoclasta e revolucionário, esse médico e alquimista, nascido em Zurique, abalou as estruturas acadêmicas de sua época, questionando os clássicos e afirmando a necessidade de se realizarem experiências e observações próprias para o conhecimento da ciência. Com efeito, a medicina paracelsista é um retorno à filosofia da natureza, ao holismo. Ele vê a pessoa submetida às mesmas leis e princípios que governam o universo; em suas palavras: "Assim como é em cima, é em baixo". Para ele, a saúde é resultante da harmonia entre o homem (microcosmo) e o

Universo (macrocosmo). Paracelso aceita o princípio da cura pelo semelhante e prescreve: "Scorpio escorpionem curat".

No Século XVIII, Samuel Hahnemann (1755-1843) nasce na Alemanha e inicia sua prática médica em 1779. Naquela época, sangrias, eméticos e purgantes eram receitados sem nenhum resguardo. Os médicos julgavam-se autoridades máximas, acima da natureza, e não duvidavam de seus métodos mesmo diante de desastrosas evidências do dano que causavam. Hahnemann frustra-se profundamente com a prática médica e decide abandoná-la em 1789. Um de seus escritos reflete a angústia e o desânimo que pousaram sobre ele naquela época: "converter-me em assassino de meus irmãos era para mim um pensamento tão terrível que renunciei à prática para não me expor mais a continuar prejudicando". Essa postura mostra sintonia com a máxima hipocrática: "Primo nil nocere", ou seja, primeiramente não prejudicar.

Era um poliglota. Consta que conhecia grego, latim, hebraico, árabe, caldeu, alemão, inglês, francês, italiano, espanhol, entre outras línguas. O conhecimento desses idiomas é decisivo no futuro de Hahnemann, pois, havendo abandonado a prática médica, começa a sobreviver realizando trabalhos de tradução. Traduz, sobretudo, obras médicas e científicas, retomando estudos de antigos mestres como Hipócrates, Paracelso, Jan Baptista van Helmont, Thomas Sydenham, Boerhaave, Stahl e Albrecht von Haller.

A história registra sua personalidade prodigiosa, dotada de capacidade de observação e de senso crítico. Foi quando trabalhava na tradução da Materia Medica de Cullen, em 1790, que um fato descrito por aquele autor chamou sua atenção. A Cinchona officinalis (quinina ou simplesmente quina) era usada na Europa, proveniente do Peru, para o tratamento do paludismo. Segundo explicações do autor do livro, a Cinchona atuaria fortalecendo o estômago e produzindo uma substância contrária à febre. Movido por curiosidade e intuição científicas, Hahnemann decide provar, nele mesmo, o medicamento. Observou em si o aparecimento de sintomas semelhantes ao das crises febris da malária (esfriamento das extremidades, rubor facial, sonolência, prostração, pulsações na cabeça) ao ingerir a quina e seu desaparecimento ao cessar o uso. Repetiu várias vezes o experimento com a quinina e depois continuou fazendo provas com beladona, mercúrio, digital, ópio, arsênico e outros medicamentos. Inspirado pela obra de von Haller, que preconizava o estudo do medicamento na pessoa saudável, antes de ser ministrada ao doente, inclui seus parentes nas experiências, observa e anota pormenorizadamente os resultados.

Depois de seis anos de pesquisas intensas, Hahnemann publica o "Ensaio sobre um novo princípio para descobrir as virtudes curativas das substâncias medicamentosas, seguido de alguns comentários a respeito dos princípios aceitos na época atual". 1796 entra para a História da medicina como o ano de sistematização dos conhecimentos homeopáticos (para alguns o "nascimento da homeopatia"). Como visto acima, os princípios já haviam sido enunciados por outros médicos anteriormente, mas é Hahnemann quem dá um corpo único, coerente, sintético, com fundamentos nitidamente compreensíveis à homeopatia. É curioso mencionar

que foi ele quem cunhou os termos "homeopatia" (à qual também se referia como Arte de Curar) e "alopatia" (Prática abusiva, agressiva e pouco eficaz).

A partir de 1801 Hahnemann começa a usar "medicamentos dinamizados" (técnica própria da homeopatia que visa o desenvolvimento da força medicamentosa latente na substância e que consiste em submeter a droga a diluições e sucussões sucessivas) e observa que isso dá mais potência ao medicamento. Em 1810 publica sua obra fundamental, "Organon da Medicina Racional", mais tarde, "Organon da Arte de Curar". Em vida, chega a publicar cinco edições do Organon. A sexta e definitiva edição vai para o prelo post mortem, em 1921.

Além da visão holística impressa em toda a obra de Hahnemann, ou seja, a visão do todo sobre as partes, há quatro princípios que orientam a prática homeopática, quais sejam:

- **Lei dos Semelhantes:** Resultado de suas releituras dos Clássicos e, sobretudo, de suas próprias experiências, anuncia esta Lei universal da cura: *similia similibus curantur*. Exemplificando, um medicamento capaz de provocar, em uma pessoa sadia, angústia existencial que melhora após diarreia e febre, curaria uma pessoa cuja doença natural apresente essas características.
- **Experimentação na pessoa sadia:** A fim de conhecerem as potencialidades terapêuticas dos medicamentos, os homeopatas realizam provas, chamadas patogenesias; em geral são eles mesmos os experimentadores. Tipicamente não se fazem experiências com animais. Uma condição básica para a escolha dos provandos é que sejam saudáveis. Esses medicamentos são capazes de alterar o estado de saúde da pessoa saudável e justamente o que se busca são os efeitos puros dessas substâncias.
- **Doses infinitesimais:** A preparação homeopática dos medicamentos segue uma técnica própria que consiste em diluições infinitesimais seguidas de sucussões rítmicas, ou seja: mistura-se uma pequena quantidade de uma substância específica em muita água e/ou álcool e agita-se bastante. A tese é de que essa técnica "desperta" as propriedades latentes da substância. Isso é chamado de "dinamização" ou "potencialização" do medicamento.
- **Medicamento único:** Primeiro o homeopata avalia se a natureza individual está a "pedir" intervenção com medicamento, pois esse é um dos meios que o médico tem para auxiliar a pessoa, não o único. Sendo o caso, usa-se um medicamento por vez, levando-se em conta a totalidade sintomática do paciente. Só assim é possível ver seus efeitos, a resposta terapêutica e avaliar sua eficiência ou não. Após a primeira prescrição é que se pode fazer a leitura prognóstica, ver se é necessário repetir a dose, modificar o medicamento ou aguardar a evolução.

É surpreendente que Hahnemann tenha enunciado os princípios da homeopatia no final do século XVIII, somente como resultado da observação, pois só no século XX (principalmente na segunda metade) é que a expressão integral desse preceito começou a ser notada por contemporâneos, com destaques para as pesquisas de George Vithoulkas, Masaru Emoto, Jacques Benveniste, Fritjof

Capra, C.G.Jung, Lovelock, Lynn Margulis, Gregory Bateson, Humberto Maturana, Lorenz, Bohr dentre vários outros. É evidente que esta pequena lista mostra cientistas de ramos muito diferentes e que a relação de suas pesquisas com a homeopatia pode não ser direta. Mas todos têm algo muito forte em comum: a ruptura com a visão cartesiana-positivista de parte substancial da ciência ocidental.

Depois de Hahnemann, a homeopatia expandiu-se, tendo seu desenvolvimento e sua aceitação atingido diferentes níveis nas várias regiões do mundo. Por exemplo, na Índia e no Brasil a homeopatia faz parte das políticas oficiais de saúde. Já na Argentina está banida das políticas públicas, chegando a ser praticamente proibida em algumas províncias.

Ideologias da homeopatia

- **Unicismo:** Prescrição de um único composto homeopático, igualmente a Hahnemann.
- **Pluralismo:** É chamado também de alternismo, dois compostos homeopáticos administrados em horas distintas, um complementando o outro.
- **Complexismo:** São prescritos dois ou mais compostos homeopáticos que podem ser administrados simultaneamente. A indústria produz em larga escala compostos homeopáticos ditos complexos, que tem objetivos de tratar doenças particulares, não considerando a lei dos semelhantes.
- **Organicismo:** O composto homeopático é prescrito conforme o órgão doente. Esta prática aproxima-se muito da alopatia.

Paradigmas Conceituais

Todas as dúvidas só fazem sentido na medida em que muitos antigos defensores da homeopatia utilizavam-se de conceitos ultrapassados e errôneos, como a teoria dos humores, e interpretações alternativas de teorias de difícil compreensão, para justificar mecanismos de ação dos princípios ativos ultradiluídos. Entretanto, atualmente já existem vários instrumentos e inclusive patenteados no mundo inteiro, que comprovam o diagnóstico homeopático pela resposta energético-frequencial, também conhecido como biorressonância e a sua comprovada demonstração prática através do seu imediato efeito ao nível mental e que também não deixam quaisquer dúvidas quanto a eficácia de seu efeito biológico posterior, assim cada vez mais a ciência médica, com o apoio da física vem elucidando os mecanismos sutis envolvidos nos processos de adoecimento e manutenção da saúde, relacionados com a questão energética.

A questão da superdiluição

A maioria dos cientistas acredita que diluir substâncias tanto quanto é feito na Homeopatia diminuiria drasticamente o efeito que a substância em questão possui. Não existe experimento científico que corrobore a eficácia da homeopatia além do efeito placebo.

Exemplificações

Em dias quentes é tradicionalmente comum na Índia e na China tomarem chá quente. Paradoxalmente, e comprovado ao longo de milhares de anos e por milhões de pessoas, ao invés dos organismos sentirem aquecidos, passam a sentir mais frescos. Por que? Porque houve a resposta da energia vital, onde o fator calórico foi reconhecido e como resposta a esta informação, o organismo passou a se esfriar. Portanto, ao contrário da alopatia que trabalha somente com a lei dos opostos: antibióticos, anti-inflamatórios, antitérmicos e vários outros "anti", a homeopatia faz acordar a resposta energética correta, assim como um programa de computador passa a detectar a presença de um vírus, somente através de um dado programa, onde não se altera a estrutura de hardware. E mais: verifica-se que nossa energia vital tem forças naturais para debelar infecções, inflamações, ou mesmo estados de choque, a depender da energia vital, dando-lhe o correto estímulo, por entrar em ressonância com o órgão ou organismo e assim produzir a resposta de cura. Assim sendo, passamos a entender perfeitamente do porque que muitos experimentos homeopáticos passaram a ser classificados como charlatanices: simplesmente porque caíram na armadilha da padronização alopática de querer dar um só tipo de medicação para cada doença, ao invés de avaliar individualmente a resposta adequada para cada um com base na sua própria resposta energética.

Ainda assim, não podemos nos esquecer que no início do século passado, quando ainda não existiam antibióticos, a eficácia dos hospitais homeopáticos era bem superior aos alopáticos e sem produzir efeitos colaterais ou resistência bacteriana ou viral, tratando com sucesso inúmeros quadros epidêmicos.

O preparo dos compostos homeopáticos segue princípios e técnicas bem definidos e simples em si [a questão da validade não é aqui discutida]. De ordinário, há as seguintes etapas:

- 1. Extração dum princípio mineral ou vegetal da fonte;**
- 2. Pulverização (trituração e moagem) do insumo, quando necessário;**
- 3. Dissolução num veículo adequado, aquoso, hidroalcolico etc.;**
- 4. Diluição em sequência centesimal hahnemanniana;**
- 5. Dinamização, ou Potencialização ou ainda succussão.**

Quadro de diluições

As soluções homeopáticas — frequentemente ditas simplesmente diluições homeopáticas — preparam-se segundo uma sequência centesimal. Eis a regra para esse preparo:

"Toma-se uma parte da substância curativa pura e dilui-se-a em 99 partes de solução hidroalcolica a 70% (i.e., 70% de álcool etílico e 30% de água): esta é a primeira diluição ou primeira potência (CH1). Depois, da diluição resultante, toma-se 1(uma) parte e dilui-se-a novamente com 99 partes de solução alcoólica a 70%; esta é a segunda diluição ou segunda potência (CH2). E assim por diante".

A homeopatia considera que quanto maior a diluição seguida da sucussão, tanto maior será a potência do preparado.

É digno de nota que a diluição primordial é de "1 parte do soluto para 99 partes do solvente (no caso, a solução essencial hidroalcoólica citada)". Se se considera que a parte do soluto – usualmente ínfima em massa e em volume – ao ser adicionada ao solvente resulta uma solução que reúne o volumes do soluto (volume algo alterado por interações físico-químicas moleculares, v.g., solvatação etc.) e o volume do solvente, pode-se, sem erro significativo, dizer que o volume da solução é de 100 partes; logo a concentração do soluto (na solução, uma fração volumétrica) será de 1:100 ou 0,01 ou 10^{-2} . Representa-se-o, na homeopatia, por 1C, C1, 1CH ou CH1, que se lê "1ª concentração (diluição ou potência) centesimal hahnemanniana.

Já que as diluições sucessivas são, de ordinário, centesimais, a seguinte generalização representa matematicamente esse processo:

$CH_x = 10^{-2 \cdot x}$ (em base decimal), ou, equivalentemente, $CH_x = 100^{-x}$ (em base centesimal), que expressa diretamente a ideia de diluição centesimal.

Esta expressão relaciona as duas escalas: a escala Centesimal Hahnemanniana (C ou CH) e a escala Decimal Comum (D ou X) para representação das diluições, apresentadas no quadro a seguir.

Escala Centesimal Hahnemanniana (dita Escala CH)	Escala Decimal Comum (dita Escala D ou X)	Concentração química (diluição) do soluto [em partes por 10^x]	Nota
$\frac{1}{2}C, \frac{1}{2}CH, C\frac{1}{2}, CH\frac{1}{2}$	1D, D1, 1X, X1	1 para 10^1 ($\underline{C} = 10^{-1}$)	Considerada a menor diluição hahnemanniana, todavia a menor "potência", pelo método homeopático. Maior diluição que 1X, isto é, contém menor quantidade de <u>soluto</u> para mesma quantidade de <u>solvente</u> , porém considerada de maior "potência" pelo princípio das doses infinitesimais da Homeopatia.
1C, 1CH, C1, CH1	2D, D2, 2X, X2	1 para 10^2 ($\underline{C} = 10^{-2}$)	
2C, 2CH, C2, CH2	4D, D4, 4X, X4	1 para 10^4 ($\underline{C} = 10^{-4}$)	
3C, 3CH, C3, CH3	6D, D6, 6X, X6	1 para 10^6 ($\underline{C} = 10^{-6}$)	
4C, 4CH, C4, CH4	8D, D8, 8X, X8	1 para 10^8 ($\underline{C} = 10^{-8}$)	Máxima concentração permitida para o <u>elemento químico arsênio</u>

				em <u>água</u> <u>potável</u> , <u>segundo</u> a ciência contemporânea
6C, 6CH, C6, CH6	12D, D12, 12X, X12	1 para 10^{12} ($\underline{C} = 10^{-12}$)		
7C, 7CH, C7, CH7	14D, D14, 14X, X14	1 para 10^{14} ($\underline{C} = 10^{-14}$)		
12C, 12CH, C12, CH12	24D, D24, 24X, X24	1 para 10^{24} ($\underline{C} = 10^{-24}$)		Conforme a <u>Físico-química</u> moderna (limitação quantitativa imposta pela <u>Constante de</u> <u>Avogadro</u>), essa diluição tem cerca de 60% de <u>probabilidade</u> de conter pelo menos uma molécula do <u>soluto</u> original para cada <u>mol</u> deste utilizado no seu preparo. Diluição defendida por <u>Hahnemann</u> para a maioria dos casos: conforme a <u>Físico-química</u> moderna (limitação quantitativa imposta pela <u>Constante de</u> <u>Avogadro</u>), em média, isso significaria administrar dois <u>bilhões</u> de doses por <u>segundo</u> a seis <u>bilhões</u> de pacientes por quatro <u>bilhões</u> de <u>anos</u> para oferecer uma única molécula do <u>soluto</u> original para algum paciente. Diluição do popular composto homeopático <u>Oscillococcinum</u> , preparado homeopático reportado "anti- gripal completo, eficaz na prevenção e no tratamento de
30C, 30CH, C30, CH30	60D, D60, 60X, X60	1 para 10^{60} ($\underline{C} = 10^{-60}$)		
200C, 200CH, C200, CH200	400D, D400, 400X, X400	1 para 10^{400} ($\underline{C} = 10^{-400}$)		

*influenzas".
Comparado ao
número
estimado de
partículas do
Universo
observável e
inferível (cerca
de 10^{80}), o
número 10^{400}
vale $(10^{80})^5$, a
quinta potência
do número total
estimado de
partículas!*

Para uma lista de medicamentos homeopáticos, veja Lista de remédios homeopáticos.

A prática da homeopatia chegou ao Brasil em 1840, pelas mãos do médico francês Dr. Benoit Jules Mure (Bento Mure) que, na cidade do Rio de Janeiro, fundou a primeira escola para o seu ensino: o Instituto Homeopático Brasileiro. Os diversos insumos então utilizados vinham da Europa. Dr. Mure e seu amigo, Dr. João Vicente Martins, ministravam os cursos e o interesse dos farmacêuticos era crescente.

A cisão da homeopatia da prática médica deu-se por volta de 1851, por parte dessa instituição acadêmica. Com o Decreto nº 9554 de 1886, os farmacêuticos ganharam o poder de manipular medicamentos.

Com o passar dos anos surgiram leis específicas para a farmácia homeopática, e com muitos esforços da classe médica e farmacêutica, foi elaborado o Decreto nº 78841, aprovando a 1ª edição da Farmacopéia Homeopática Brasileira. Entretanto, apenas em 1980 é que o Conselho Federal de Medicina reconheceu a homeopatia como especialidade médica, apesar da profissão ainda poder ser exercida legalmente por outros profissionais da área de saúde, tais como: veterinários, odontólogos, psicólogos e enfermeiros.

Homeopatia na Saúde Pública

Na Inglaterra, o comitê da ciência e tecnologia da Casa dos Comuns declarou que as "políticas governamentais de homeopatia não eram baseadas em provas fiáveis", sugerindo que o serviço nacional de saúde deixe de apoiar tratamentos que não são cientificamente provados.

Estudos da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (PBH), no Brasil, mostram resultados muito positivos em favor da homeopatia, quando comparada à alopatia na Atenção Primária de Saúde. Menor índice de encaminhamentos e menor número de exames complementares estão a explicitar maior resolução dos problemas. Os custos do tratamento para o Sistema Único de Saúde são também sensivelmente menores. Assim, a PBH ampliou o acesso gratuito da população de Belo Horizonte aos serviços de homeopatia, criando o PROHAMA e inserindo médicos homeopatas nas Unidades de Saúde do Município.

Uma pesquisa para dissertação de mestrado da Universidade Federal de Minas Gerais apontou a percepção que tinham da homeopatia os usuários do Sistema Único de Saúde (SUS) quando comparada com a alopatia. Os resultados foram positivos para a homeopatia, o que explicaria a enorme demanda por homeopatas no SUS do Brasil e as longas filas de espera por uma consulta.

Outra pesquisa realizada em São Paulo, por Moreira Neto (2001) e publicada em revista aceita oficialmente pela CAPES, em Unidades Básicas de Saúde (UBS), confirmou os estudos da Prefeitura de Belo Horizonte. Ele encontrou que os homeopatas daquele município encaminhavam 1 de cada 41 pacientes atendidos, sendo que solicitavam 1 exame complementar em cada 31,3 consultas realizadas, a um custo médio de R\$ 0,50 por exame (valores da tabela do SUS de 1995).

Apreciações críticas

Contrárias à homeopatia

Escassez de indícios de eficácia

Alguns cientistas consideram a homeopatia como um resquício pseudocientífico dos tempos da alquimia. Os resultados iniciais atribuídos à homeopatia podem ser explicados como efeito placebo. Alega-se que os medicamentos homeopáticos foram cientificamente testados (no chamado estudo duplo-cego, para controlar os efeitos placebos) várias vezes e alguns desses testes produziram resultados positivos. A maioria dos cientistas atribui isso a flutuações aleatórias, uma vez que os resultados quase não são mensuráveis, não podem ser reproduzidos de modo confiável e há uma grande quantidade de testes em que a homeopatia falha. Além disso, o modo básico como os testes são realizados leva uma pequena fração dos testes a produzirem falsos resultados positivos. Normalmente isso é evitado por meios estatísticos, mas quando uma grande quantidade de testes são realizados, um ou dois produzirão resultado positivo por efeitos aleatórios.

Em agosto de 2005, a revista científica The Lancet publicou u'a metanálise de 110 experimentos homeopáticos placebo-controlados e 110 experimentos médicos convencionais, baseados no "Programa para Avaliação de Medicinas Alternativas" do Governo da Suíça. No artigo os pesquisadores apresentam sua conclusão de que afinal "os efeitos clínicos da homeopatia são nada mais que efeitos placebo".^[16]

O Parlamento da Grã-Bretanha também fez uma análise da eficácia de remédios homeopáticos. Os resultados apontam que as explicações científicas para a homeopatia não são convincentes. O governo britânico recomenda a interrupção imediata desse tipo de remédio no serviço público de saúde daquele país.^L

Na pesquisa de qualquer fármaco, um trabalho científico deve ter algumas características específicas para ter valor real. Deve, pois, ser:

- 1. Duplo-cego (ou seja, nem o terapeuta, nem o paciente sabem o que vai ser tomado, placebo ou fármaco);**

2. **randomizado** (pacientes com mesmo diagnóstico - ver abaixo - são sorteados aleatoriamente para uso de placebo ou fármaco em estudo);
3. **Prefencialmente multicêntrico** (com trabalhos feitos em institutos de saúde diferentes para ver se método é reprodutível);
4. **Feito por pesquisadores independentes e sem vínculos de interesse.**
5. **Samuel Hahnemann** (reputado recriador da Homeopatia, na transição dos séculos XVIII e XIX), sem qualquer base científica para a época, utilizou um processo de diluições seqüenciais para preparar seus medicamentos. Ele diluía extratos de certas ervas e minerais naturais, à razão de uma parte de medicamento para dez partes de água, o que resultava em concentração (ou diluição) de 1:10; agitava a solução e, então, diluía por outro fator de dez, resultando ao final em uma diluição de 1:100. Uma terceira repetição do processo produzia diluição de 1:1.000 e assim por diante. Cada diluição subsequente adicionaria outro zero à direita. Ele repetia o processo várias vezes. Diluições extremas são rapidamente obtidas por esse método. Por meio da **química analítica**, sabe-se que analiticamente o limite de diluição é alcançado quando sobra apenas uma molécula do medicamento no meio veículo. À luz dessa evidência, efetivamente além desse ponto, nada mais pode restar para se diluir.
6. **Em um sem número de medicamentos homeopáticos, por exemplo, a diluição de 30X é basicamente o padrão. A notação 30X significa que a substância foi diluída em uma parte em dez e agitada, e o processo, então, repetido sequencialmente trinta vezes. A diluição final é de uma parte de medicamento em 10^{30} (um **nonilhão**) partes de água. Isso está além do limite de diluição. Para ser exato, em uma diluição de 30X seria necessário beber 7.874 galões [30 m³ ou 30.000 litros] da solução para se esperar encontrar apenas uma única molécula de medicamento.**
7. **Comparado a muitas preparações homeopáticas, mesmo 30X é concentrado. Oscilloccinum, o remédio homeopático padrão para a gripe, é produzido a partir de fígado de pato, mas o seu uso generalizado na homeopatia cria pouco risco à população de patos: a diluição padrão é de 200C. C significa que o extrato é diluído em uma parte em cem e agitado, repetindo-se duas centenas de vezes. Isso resultaria em uma diluição de uma molécula de extrato para cada 10^{400} moléculas de água – isto é, 1 seguido de 400 zeros.**

[13] Em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ayurveda> se vê:

Ayurveda é o nome dado ao conhecimento médico desenvolvido na Índia há cerca de 7 mil anos, o que faz dela um dos mais antigos sistemas medicinais da humanidade. Ayurveda significa, em sânscrito, Ciência (veda) da vida (ayur). Continua a ser a medicina oficial na Índia e tem-se difundido por todo o mundo como uma técnica eficaz de medicina tradicional. No Brasil é praticada principalmente por psicólogos e fisioterapeutas.

A medicina ayurvédica é conhecida como a mãe da medicina, pois seus princípios e estudos foram a base para, posteriormente, o desenvolvimento da medicina tradicional chinesa, árabe, romana e grega. Houve um intercâmbio de informações com o Japão, que

tinha a mesma necessidade dos indianos: criar uma medicina barata para atender às suas populações muito pobres e gigantescas, por essa razão existe muito da medicina japonesa nos conceitos de ayurvédica. As duas desenvolveram técnicas muito eficientes e de baixo custo para o tratamento.

A doença, para a Ayurveda, é muito mais que a manifestação de sintomas desagradáveis ou perigosos à manutenção da vida. A Ayurveda, como ciência integral, considera que a doença inicia-se muito antes de chegar à fase em que ela finalmente pode ser percebida. Assim, pequenos desequilíbrios tendem a aumentar com o passar do tempo, se não forem corrigidos, originando a enfermidade muito antes de podermos percebê-la.

A Ayurveda baseia-se no sistema filosófico samkhya nos cinco elementos que formam toda a manifestação material do universo.

São eles éter, ar, fogo, água e terra. Toda a matéria que existe no universo provém destes 5 elementos, inclusive o corpo humano (que além da matéria, também é formado por buddhi - discernimento, ahamkara - ego e manas - mente). De acordo com o Ayurveda, quando algum dos 5 elementos está em desequilíbrio no corpo do indivíduo, inicia-se o processo da doença.

Os cinco elementos e os doshas

Segundo essa tradição, os seres humanos são influenciados pelos 5 elementos através do dosha. Os doshas são Vata, regido por ar e éter, Pitta, regido por fogo e água, e Kapha, regido por terra e água. Todas as pessoas possuem os três doshas, mas em diferentes proporções. No momento da nossa concepção a nossa constituição é definida, isto é, os doshas que estão presentes em maior quantidade no nosso organismo. Ao nascermos, tal proporção está em equilíbrio (prakrti), mas com o tempo e a vida desregrada surge o desequilíbrio em um ou mais desses doshas (vikrti), contribuindo para o surgimento e desenvolvimento de doenças.

Para o indivíduo ter o corpo saudável é necessário manter seus tecidos saudáveis e isso é possível por meio da alimentação, que deve ser feita de acordo com o estado atual do paciente, ou seja, de acordo com seu dosha predominante e com os desequilíbrios que ele possa apresentar. Os tecidos que formam o corpo humano são formados a partir dos 5 elementos, que consumimos em forma de alimento. Para o Ayurveda, a saúde de uma pessoa é medida pela força de seu agni (fogo digestivo). Um "bom agni" é capaz de extrair dos alimentos ingeridos os nutrientes necessários para formar tecidos fortes; por outro lado, quando o agni está diminuído ou é irregular (menor capacidade digestiva) a nutrição dos tecidos fica mais pobre, comprometendo a saúde e a integridade estrutural do organismo. Costuma-se ouvir muito que "você é o que você come", mas podemos concluir, com o exposto, que a medicina indiana vai além: "você é o que você consegue digerir".

A massagem ayurvédica

Além de se utilizar de alimentação adequada, fitoterapia, yoga e outras técnicas, a massagem é uma das principais técnicas utilizada pelos médicos e terapeutas ayurvédicos, por ser de baixo custo e fácil aplicação. Surgida na cultura dos Vedas (antiga etnia

indiana), não é apenas uma das mais antigas e sim uma das mais completas técnicas naturais para restabelecer o equilíbrio físico e psíquico. Trata-se de uma massagem profundamente relaxante, atuando no campo físico e energético, tendo a função de purificação e manutenção da saúde corporal. Tem como objetivo restaurar o bem-estar físico, mental, energético e emocional.

A massagem ayurvédica age nos sistemas: linfático (desintoxicando o organismo), circulatório (aumentando a produção de glóbulos brancos e a nutrição e oxigenação celular) e energético (reequilibrando o chakra e atuando nos sete corpos - desfazendo bloqueios emocionais). Dessa forma contribuindo na cura das principais doenças.

É importante ressaltar que, para uma massagem ser ayurvédica, deve levar em consideração os doshas do paciente, seus desequilíbrios e suas características. É uma prática individualizada, específica para cada tipo de pessoa. Não existe apenas uma técnica de massagem na Ayurveda, mas sim diversas delas, que são feitas com óleos medicados, de acordo com o dosha do indivíduo.

Alegadamente fortalece o sistema imunológico aumentando a quantidade de glóbulos brancos e desintoxica o organismo, mas não existem evidências.

É indicada como um dos tratamentos para quase todas as doenças, principalmente: dependência química, alergias, estresse, estafa, fadiga, depressão, fibromialgia, bloqueios emocionais, problemas musculares e de coluna, lembrando que na Ayurveda não se trata a enfermidade, mas sim o indivíduo. Deve ser ministrada com cuidado em gestantes.

Reconhecida pela OMS (Organização Mundial da Saúde) a massagem ayurvédica é utilizada por quase toda população da Índia e está sendo amplamente divulgada no mundo.

Benefícios proporcionados pelo tratamento com a massagem ayurvédica: Rejuvenescimento (melhora na pele), realinhamento das estruturas óssea e muscular, aumento da auto-consciência, fortalecimento do sistema imunológico, aceleração da circulação linfática e conseqüente desintoxicação do organismo; eliminação de bloqueios, prevenção de doenças, aumento de flexibilidade, reequilíbrio dos chakras, atuação nos sete corpos sutis, maior mobilidade das articulações e possibilita uma vida mais harmoniosa e feliz.

[14] Em http://pt.wikipedia.org/wiki/Medicina_tradicional_chinesa consta:

A medicina tradicional chinesa (MTC), também conhecida como medicina chinesa (em chinês 中醫, zhōngyī xué, ou 中藥學, zhōngyào xué), é a denominação usualmente dada ao conjunto de práticas de medicina tradicional em uso na China, desenvolvidas ao longo dos milhares de anos de sua história.

É considerada uma das mais antigas formas de medicina oriental, termo que engloba também as outras medicinas da Ásia, como os sistemas médicos tradicionais do Japão, da Coreia, do Tibete e da Mongólia.

A MTC se fundamenta numa estrutura teórica sistemática e abrangente, de natureza filosófica. Ela inclui entre seus princípios o estudo da relação de yin/yang, da teoria dos cinco elementos e do sistema de circulação da energia pelos meridianos do corpo humano.

Tendo como base o reconhecimento das leis fundamentais que governam o funcionamento do organismo humano e sua interação com o ambiente segundo os ciclos da natureza, procura aplicar esta compreensão tanto ao tratamento das doenças quanto à manutenção da saúde através de diversos métodos.

São sete os principais métodos de tratamento da medicina tradicional chinesa:

Aplicação de Moxa

1. Tui Na ou Tuiná (推拿)

2. Acupuntura (針灸)

3. Moxabustão (艾炙)

4. Ventosaterapia (拔罐)

5. Fitoterapia chinesa (中药)

6. Terapia alimentar chinesa (食療) ou dietoterapia chinesa

7. Práticas físicas: exercícios integrados a prática de meditação relacionadas à respiração e à circulação da energia, como o qi gong (氣功), o Tai ji quan (太極拳) e outras artes marciais chinesas internas que podem contribuir para o reequilíbrio do organismo. Estas práticas são consideradas simultaneamente métodos profiláticos para a manutenção da saúde e formas de intervenção para recuperá-la. Práticas como o Zhan Zhuang (站樁), o Baduanjin (八段錦) e o Lian gong (練功) são realizadas atualmente fora do contexto das artes marciais.

A medicina tradicional chinesa utiliza a fitoterapia e outros medicamentos como seu último recurso para combater os problemas de saúde.

Segundo sua crença básica, o corpo humano dispõe de um sistema sofisticado para localizar as doenças e direcionar energia e recursos para curar os problemas por si mesmo.

O objetivo dos esforços externos deveria se focar em cuidadosamente auxiliar as funções de auto cura do corpo humano, sem interferir. Refletindo esta mesma ideia, um ditado chinês diz que "qualquer remédio tem 30% de ingredientes venenosos".

Atualmente, a medicina tradicional chinesa está progressivamente incorporando técnicas e teorias da medicina ocidental em sua práxis, em especial os tipos de exames sem características invasivas.

Outras técnicas associadas a estes métodos

- **Gua Sha ou "esfregar moedas" (刮痧), técnica associada ao Tui Na.**

- **Auriculopuntura (耳燭療法), especialidade da acupuntura.**

O diagnóstico na MTC

Os aspectos básicos a considerar em um diagnóstico pela MTC são:

- **observar (望 wàng),**
- **ouvir e cheirar (聞 wén),**
- **perguntar sobre o histórico do paciente (問 wèn),**
- **palpar o pulso, tórax e abdome, várias partes do corpo, os canais e os pontos (切 qiè).**

A partir das informações reunidas desta forma pelo terapeuta, é elaborado um diagnóstico usando como referência um sistema para classificar os sintomas apresentados.

Este sistema se fundamenta no conhecimento dos seguintes princípios teóricos:

- **A relação de Yin/Yang**
- **A Teoria dos Cinco Elementos**
- **Os oito princípios do Ba Gua**
- **A teoria dos órgãos Zang Fu**
- **Os Meridianos de energia**
- **Os Seis níveis**
- **Os Quatro estágios**
- **O Triplo aquecedor**

Técnicas de diagnóstico

- **Tomada do pulso da artéria radial do paciente em seis posições distintas para avaliar o fluxo de energia em cada meridiano.**
- **Observação da face do paciente.**
- **Observação da aparência dos olhos do paciente.**
- **Observação da aparência da língua do paciente.**
- **Observação superficial da orelha.**
- **Observação do som da voz do paciente.**
- **Palpação do corpo do paciente, especialmente do abdômen.**
- **Comparações da temperatura em diferentes partes do corpo do paciente.**
- **Observação da veia do dedo indicador em crianças pequenas.**

- **Tudo mais que possa ser observado sem instrumentos e sem ferir o paciente, como uma conversa levantando seu histórico de saúde e suas queixas atuais.**

Para trabalhar com os sistemas de diagnósticos da MTC é preciso desenvolver a habilidade de observar aparências sutis, observar o que está bem a nossa frente mas escapa da observação da maioria das pessoas.

Na China atual, cada vez mais o diagnóstico pela MTC interage com métodos de diagnóstico ocidentais, direcionando-se gradualmente para uma total integração entre os dois sistemas. Frequentemente os praticantes combinam os dois sistemas para avaliar o que acontece com seu paciente.

Patologias e síndromes

Patologia interna

Na medicina tradicional chinesa a patologia interna tem como causa desequilíbrios internos tais como:

- **Emoções (demasiado fortes/demasiado prolongadas)**
- **Má alimentação**
- **Cansaço excessivo**
- **Falta de repouso**

As principais perturbações energéticas:

- **Sintomas moderados / subtis**
- **Evolução gradual**

Coincide com o conceito ocidental de patologia crônica.

Patologia externa

Na visão da medicina tradicional chinesa a patologia externa tem como causa a penetração de factores externos (ou agentes perversos externos Xie Qi) no organismo:

- **Frio/Calor**
- **Vento/Umidade**
- **Secura/Canícula**

As principais perturbações energéticas:

- **Início rápido**
- **Sintomas intensos/agudos**
- **Evolução rápida**

Corresponde ao conceito ocidental de patologia aguda.

Sinais, sintomas e síndromes

- **Sinais:**
 - **Clínicos: Observados directamente na consulta (rosto, língua, pulso)**
 - **Funcionais: O paciente diz em consulta.**
- **Sintoma - É o sinal interpretado pelo que se torna sintoma.**
- **Síndrome - É o conjunto de sintomas. Estes são regulares e consistentes.**

Síndromes gerais

Conjunto de sintomas que dizem respeito à totalidade do organismo e a nenhum órgão em específico.

- **Vazio de Qi**
- **Vazio de Sangue**
- **Vazio de Yang**
- **Vazio de Yin**
- **Estase**
- **Humidade-Mucosidade**
- **Humidade-Mucosidade-Calor**
- **Plenitude-Calor**

Síndromes de órgão

Conjunto de sintomas que se referem à perturbação de um dos órgãos principais.

- **Baço-pâncreas**
- **Rim**
- **Fígado**
- **Coração**
- **Pulmão**

Datas históricas da Medicina Tradicional Chinesa

Além de datas específicas de conquistas da arte médica, a invenção da escrita e metalurgia modificaram os rumos e evolução dessa técnica no contexto da Medicina Tradicional Chinesa.

- **4115 - 4365 aC. - Yang Shao, parentesco matrilinear; Lung Shao, parentesco patrilinear (Eliade)- condição essencial para entender as regras avô-filho-neto no estudo dos 5 elementos.**
- **2000 aC - Fundição do Bronze / dinastia Chang (Blunden; Elvin,)**

- **1400 a.C. - Descoberta do álcool na dinastia Shang (1800 a.C. – 1100 a.C.) No norte da China (Blunden; Elvin)**
- **600 a.C. - Cunhagem de moedas de cobre (Zhou) (Blunden; Elvin)**
- **513 a.C.- Primeira referência a fundição do ferro (Gernet)**
- **501 a C. - Referência a 4 processos de diagnóstico médico: exame da tez; da língua; auscultação com técnicas da época; exame de pulso e história médica do paciente (Gernet)**
- **479 a C. - Data tradicional da morte de Confúcio (551 – 479) (Gernet; Eliade)**
- **436 a C. - Cálculo do ano solar 365 dias 3, 1/4 (Gernet)**
- **289 a C. - Morte de Mêncio, discípulo de Confúcio (Gernet)**
- **200 a.C. – 0 d.C. - Primeira dinastia Han, Consolidação da unificação da escrita (pincel sobre papel); paquímetro graduado em "cun"; rota da seda – contato com mundo árabe 51 aC.; contato com romanos; Doutrina dos 5 elementos e Yin Yang. (Blunden; Elvin; Gernet)**
- **200 a.C. - século II a.C.- Siderurgia do aço (Gernet)**
- **140 a.C. - Primeira obra de alquimia chinesa (Gernet)**
- **160 a.C. - Hospitais - controle do ensino médico na corte (Beau)**
- **28 a.C. - Início do registro sistemático das manchas solares (Gernet)**
- **0 – 200 d.C. - Segunda dinastia Han; Primeiros hospitais, que aumentam de número com desenvolvimento do Budismo (Blunden; Elvin; Ronan)**
- **50 - Chegada do Budismo (Blunden; Elvin)**
- **215-282 - O médico Zhenjiu Jiayijing de Anding – Gansu publica uma síntese e sistematização do nei jing definindo nomes para 348 pontos (Fu weikang)**
- **300 (século IV) - Publicação das coletâneas de Ge Gong refere-se a moxa com alho e sal para infecções com pus e diversas outras indicações em "Receitas para casos urgentes ao alcance da mão" (Fu weikang)**
- **600 - Publicação tipográfica (?) sobre acupuntura (Ronan)**
- **618-917 - Dinastia Tang cria o Instituto de Medicina Imperial (Tai Yi Shu) com departamentos separados de acupuntura, moxabustão e farmacologia (Fu weikang)**
- **624 - Início dos exames sistemáticos controlados pelo estado representado pelo Tai-yi-chou (grande serviço médico) cujo quadro efetivo era de 349 funcionários (Beau)**
- **900 - Impressão com blocos de madeira (Ronan; Blunden; Elvin)**
- **1000 - Impressão c/ tipos móveis (Blunden; Elvin)**

- **1200 - impressão de ilustrações; publicações de trabalhos de botânica (Ronan)**
- **1500 - Hospitais colônias de leprosos (Ronan)**
- **1518-1593 (século XVI) - O médico Li Shizhen publica *Compêndio de matéria médica (Ben Cao Gang Mu)* com recomendações da moxabustão para esquentar os canais e eliminar o frio e umidade. Inclui detalhada descrição da farmacopéia até então conhecida, reunindo 443 produtos derivados de animais; 1074 substâncias vegetais e 354 produtos minerais. (Fu weikang; Beau)**

SATCM

Administração Estatal de Medicina Tradicional Chinesa da República Popular da China (SATCM - State Administration of Traditional Chinese Medicine of the People's Republic of China) foi fundada em 1955. A função da organização é a de organizar a forma de treinar MTC profissionais médicos, fazer pesquisa acadêmica, explorar a tecnologia e proteger a propriedade intelectual.

Destaca-se entre suas proposições formais:

- 1. A formulação de estratégias, planos, políticas e normas relevantes para o desenvolvimento da medicina tradicional chinesa (MTC) inclusive como patrimônio imaterial.**
- 2. Supervisionar os cuidados de saúde, prevenção de doenças, preservação da saúde e reabilitação, bem como a prescrição clínica do TCM, orientar, planejar e coordenar a estrutura das instituições MTC médicas e de pesquisa**
- 3. Para a realização do censo sobre a "matéria medica chinesa", bem como promover a sua protecção, exploração e utilização racional, com a formulação do plano de desenvolvimento industrial e as políticas industriais de apoio ao MTC, e instituição da lista de medicamentos essenciais.**
- 4. Para conduzir desenvolvimento internacional e a propagação do MTC, inclusive com a colaboração e cooperação com Hong Kong, Macau e Taiwan.**
- 5. Para executar outras tarefas e ordens do Conselho de Estado e Ministério da Saúde.**

Medicina tradicional Chinesa em Portugal

Em Portugal a Medicina Tradicional Chinesa tem vindo a ganhar adeptos e têm vindo a ser mais recorrentes clínicas especializadas em técnicas de tratamento de Medicina Tradicional Chinesa. A tradição da China - Portuguesa, Macau é uma das fontes ainda não completamente exploradas e dimensionadas do "sincretismo" entre o pensamento tradicional chinês e a cultura ocidental. A tradução e adaptação de concepções do pensamento chinês na língua portuguesa datam pelo menos 400 anos, período em que essa Região Administrativa Especial da República Popular da China foi colonizada e administrada por Portugal. Observe-se porém que é recente o desenvolvimento de instituições públicas, como o Centro

de Saúde do Fai Chi Kei, que incluem uma clínica de medicina tradicional chinesa desde 1999.

[15] Lê-se em http://pt.wikipedia.org/wiki/Medicina_ortomolecular:

A Medicina ortomolecular (pronuncia-se ôrto) é um princípio das atividades da chamada Medicina Preventiva no qual se constitui que as doenças são resultado de desequilíbrios químicos. Assim, os tratamentos ortomoleculares buscam a restauração dos níveis de vitaminas e minerais considerados ideais no organismo.

Medicina Ortomolecular é o ramo da ciência cujo objetivo primordial é restabelecer o equilíbrio químico do organismo. Este acerto (orto=certo) das moléculas se dá através do uso de substâncias e elementos naturais, sejam vitaminas, minerais, e/ou aminoácidos. Estes elementos, além de proporcionarem um reequilíbrio bioquímico, combatem os radicais livres.

Mas por que o organismo se desequilibra?

Para entendermos como isto se dá, podemos partir de uma analogia. O organismo é uma máquina que está permanentemente se produzindo. Durante este processo de produção podem surgir falhas, seja na chegada de matéria-prima (vitaminas, minerais, etc.), seja na própria integração de todo e qualquer sistema que compõe a máquina. Estes sistemas devem trabalhar de forma harmoniosa, como uma engrenagem. Estas engrenagens são os sistemas : NEUROENDÓCRINO, PSÍQUICO E IMUNE. Qualquer falha em algum ponto ou mecanismo desta máquina (ser humano) compromete toda a produção (vida), surgindo os defeitos (doença).

Por exemplo: uma pessoa deprimida tem mais chances de apresentar infecções recorrentes, já que uma falha no sistema psíquico leva conseqüentemente a alterações no sistema imune. Outro fator importante na gênese de várias enfermidades, como artrite e câncer, é a formação de radicais livres. Podemos entendê-los da seguinte forma: o organismo utiliza cerca de 98 a 99% do oxigênio que consumimos para produzir energia. A pequena parcela que sobra (1 a 2%) não participa do processo, formando as espécies tóxicas reativas do oxigênio - os radicais livres. Estes correspondem a átomos ou grupos de átomos com um elétron não emparelhado em sua órbita mais externa, sendo, portanto, muito reativos pois para recuperar o equilíbrio precisam 'doar' o elétron desemparelhado. Desta forma, combinam avidamente com as várias estruturas celulares do corpo, o que resulta em destruição e, conseqüentemente, em enfermidades. Entre estas podem ser citadas o câncer, osteoartrite, lúpus, enfisema e doenças cardio vasculares.

O Homem está sendo permanentemente submetido a condições que levam ao excesso de radicais livres como, por exemplo, o estresse, o fumo, a poluição, exposições prolongadas ao sol, entre outras. A Medicina Ortomolecular, através do uso de vitaminas e minerais, objetiva, entre outros, neutralizar os efeitos tóxicos destas espécies reativas, proporcionando uma melhor qualidade de vida.

A Medicina Ortomolecular também trata das deficiências de uma série de nutrientes. Sabe-se, por exemplo, que um fumante gasta 25 mg de vitamina C a cada cigarro que consome. Caso esta pessoa

fume um maço por dia, estará perdendo 500 mg desta vitamina diariamente. E, hoje em dia, sabemos os inúmeros benefícios que esta vitamina proporciona, seja no combate a radicais livres, na síntese de hormônios, ou mesmo estimulando o sistema imunológico. Todavia, apesar da medicina ortomolecular ter um sentido curativo, ela também é eminentemente preventiva. Assim, p. ex., é possível tratar uma pessoa com estresse antes que ele evolua para uma hipertensão arterial. Da mesma forma, é possível tratar obesidade antes que ela ocasione diabetes. O mais importante é que com a Medicina Ortomolecular o paciente volta a ser encarado como um todo, um conjunto que deve funcionar em harmonia.

Com esta visão global, qualquer tratamento torna-se muito mais vantajoso, pois encontra a origem dos problemas, a verdadeira raiz a partir da qual todo o processo patológico se desenvolve. Ou, ainda, voltando à analogia, se encontrarmos o defeito exatamente onde ele origina-se na máquina, é muito mais fácil consertá-la antes que o problema atinja toda a produção, que nada mais é do que a própria vida.

É fundamental saber que a Medicina Ortomolecular através dos seus componentes pode ser adquirida em qualquer farmácia tradicional e sem prescrição médica, mas o ideal é que se consulte um médico para não causar hipervitaminose no organismo.

[16] http://pt.wikipedia.org/wiki/Medicina_antropos%C3%B3fica:

A medicina antroposófica é um dos desenvolvimentos das teorias de Rudolf Steiner, além da pedagogia Waldorf e a agricultura biodinâmica.

[17] http://pt.wikipedia.org/wiki/In%C3%A1cio_Ferreira_de_Oliveira:

Inácio Ferreira de Oliveira (Uberaba, 15 de abril de 1904 – idem, 27 de setembro de 1988) foi um médico psiquiatra espírita brasileiro.

Filho de Jacinto Ferreira de Oliveira e de Maria Lucas de Oliveira, foi casado com Aparecida Valicenti Ferreira e não teve filhos.

Dr. Inácio, grande amigo não só do médium Chico Xavier, senão também do dentista espírita dr. Odilon Fernandes e do padre Sebastião Bernardes Carmelita (este último de família espírita), formou-se pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, então Universidade do Brasil, clinicando na terra natal.

Observou, sem idéia preconcebida, os diferentes fatos neuropsíquicos relacionados com os enfermos internados no Sanatório Espírita de Uberaba, do qual seria diretor-clínico por mais de cinco décadas, tendo verificado a eficácia da terapia espírita para a cura de distúrbios mentais e / ou obsessivos.

Nesse trabalho, a notável médium d. Maria Modesto Cravo (mais conhecida como d. Modesta), o competente enfermeiro-chefe, sr. Manoel Roberto da Silva, além de outros cooperadores, lhe foram de inestimável valia.

Ainda encarnado, Inácio publicou dois livros de Psiquiatria à luz do Espiritismo:

- **Novos Rumos à Medicina (2 volumes);**
- **Psiquiatria em Face da Reencarnação.**

Ambos foram reeditados pela FEESP.

Foi, porém, após seu desencarne, que esse grande médico se revelou mais prolífico. Eis as obras que ditou ao médium psicógrafo Carlos Antônio Baccelli, de Uberaba:

- **Sob as Cinzas do Tempo (que possui uma edição em espanhol, Bajo las Cenizas del Tiempo), Editora Didier;**
- **Do Outro Lado do Espelho, idem;**
- **Por Amor ao Ideal, idem;**
- **A Escada de Jacó, Livraria Espírita Edições Pedro e Paulo (LEEPP);**
- **Na Próxima Dimensão, idem;**
- **Infinitas Moradas, idem;**
- **Fala, Dr. Inácio!, idem;**
- **Fundação "Emmanuel", idem;**
- **No Limiar do Abismo, idem;**
- **Obsessão e Cura, Editora Didier.**
- **Cartas do Dr. Inácio aos Espíritos, Livraria Espírita Edições Pedro e Paulo (LEEPP);**
- **Reencarnação no Mundo Espiritual, idem.**
- **Terra Prometida, Ed. Didier, 2009.**
- **Estudando Nosso Lar, Ed. LEEP, 2009.**

Já A Força da Mente (IDE Editora), psicografado por Heigorina Cunha, foi prefaciado por dr. Inácio e por outro abnegado Espírito que também foi médico na Terra, dr. Bezerra de Menezes.

Não foi, contudo, só no plano intelectual que esse grande médico se mostrou produtivo. Em 1 de maio de 1949, criou o Lar Espírita, instituição fraterna de amparo e educação para meninas desvalidas, com a participação da União da Mocidade Espírita de Uberaba. Inácio foi sempre uma pessoa polêmica, inclusive (ou talvez principalmente) entre os próprios espíritos, por jamais ter aberto mão de dizer o que pensava, doesse a quem doesse. Não era rude, tampouco hipócrita.

[18] http://pt.wikipedia.org/wiki/Terapia_ocupacional:

A Terapia Ocupacional, profissão da área de saúde, regulamentada em nível superior, trabalha com atividades humanas, planeja e organiza o cotidiano (dia-a-dia), possibilitando melhor qualidade

de vida. Seu interesse está relacionado ao desenvolvimento, educação, emoções, desejos, habilidades, organização de tempo, conhecimento do corpo em atividade, utilização de recursos tecnológicos e equipamentos urbanos, ambiência, facilitação e economia de energia nas atividades cotidianas e laborais (trabalho), objetivando o maior grau de autonomia e independência possível.

O terapeuta se ocupa da realização de atividades, desde as mais simples, como escovar os dentes ou levar alimentos à boca, às mais complexas, como dirigir um automóvel ou dirigir uma empresa, promovendo, prevenindo, desenvolvendo, tratando, recuperando pessoas ou grupos de pessoas que apresentam qualquer alteração na realização de atividades de autocuidado ou interação social, melhorando o desempenho funcional e reduzindo desvantagens.

Já desde a antiguidade oriental e antiguidade clássica se entendeu que 'ocupar' e 'divertir' o doente lhe dá bem-estar e facilita a sua integração social. Os egípcios entretinham os doentes mentais com tarefas simples, música, dança e passeios pelos jardins.

Na Grécia e em Roma existiam templos (dedicados a Esculápio) cujos sacerdotes se dedicavam à cura de doentes mentais mediante o entretenimento e a diversão. Galeno, médico grego, e Sêneca, filósofo e preceptor romano, aconselharam os poderes públicos para que mantivessem ocupados os doentes com agitação mental.

Na Idade Média uma doença era considerada uma provação ou um castigo de Deus, pelo que os doentes deviam aceitá-la como tal, com resignação, e as doenças mentais mais profundas eram tidas como estados de possessão demoníaca, sendo os doentes do foro mental mantidos presos em masmorras, acorrentados ou até queimados nas fogueiras.

Nos finais da Idade Média e século XVI e XVII, valeram-lhes as ordens religiosas e a piedade cristã. São destes tempos as acções de Frei Juan Gilaberto Jofré, que fundou em Valência, Espanha, por volta de 1409, o Hospital de los Santos Inocentes para doentes mentais e crianças abandonadas, mantendo os doentes ocupados nomeadamente com trabalhos agrícolas, e de São João de Deus que fundou em Granada, Espanha, a Ordem dos Irmãos do Hospital, que também assistia os doentes mentais usando idênticos métodos.

A Terapia Ocupacional como ciência interdisciplinar e método de tratamento sistematizado nasceu na 2ª metade do século XVIII. Philippe Pinel (1745-1826), médico psiquiatra francês, teve conhecimento das experiências asilares em Espanha levadas a efeito pelas ordens religiosas e ficou impressionado com os resultados obtidos com os doentes mentais. Dedicou-se ao estudo destas doenças e pacientes e à formulação de uma teoria e método de tratamento que são o fundamento da actual Terapia Ocupacional.

A Revolução Francesa proporcionou a Pinel a Direcção do Hospício psiquiátrico de Bicêtre, onde se deparou com a situação infra-humana dos doentes do foro mental rodeados de grades, presos em celas, acorrentados, com camisas-de-forças, sujados e rotos. Pinel levou a Revolução para o Hospício. Libertou os doentes e ocupou-os

com variadas tarefas dentro do Hospital, nomeadamente com trabalhos de jardinagem, de cozinha e na recuperação dos espaços.

Os estudos psiquiátricos e resultados no terreno obtidos por Philippe Pinel são reconhecidos fora de França. Na Inglaterra, em 1815, Samuel Tuke (1784 - 1857) propôs a introdução do trabalho com método terapêutico nos hospitais ingleses.

Amariah Brigham (1798 - 1849) e Eli Todd (1769 - 1833) entendiam que não era o trabalho, como factor produtivo, que devia estar em causa, mas sim a possibilidade de manter o doente longe de suas ideias doentias, chamar sua atenção para o mundo em redor, estimular os seus interesses, levá-lo a retomar métodos de pensar e de ocupar-se, naturais e sadios.

Jean-Étienne Esquirol (1772 - 1840), no livro "Des maladies mentales", escreveu: "O trabalho é um estimulante geral, com ele distraímos a atenção do doente da sua doença, fixamos a sua atenção em coisas razoáveis, tornamos a dar-lhe hábitos de ordem, estimulamos sua inteligência e, com isso, recuperamos muitos desses desafortunados."

No Séc. XX, na década de 1920, Hermann Simon (1867 - 1947) valorizou a utilização do trabalho no tratamento da doença, acabando com a ideia do doente mental improdutivo e, ao mesmo tempo, organizou o espaço asilar como local de valorização do trabalho. A praxiterapia trouxe novamente para a prática psiquiátrica a ideia de que o trabalho faz com que o paciente se torne um indivíduo responsável, activo e útil. No começo deste século, Hermann Simon procurava dar alguma forma de ocupação para cada paciente do hospital psiquiátrico que estivesse capacitado para tal. A teoria de Simon praticada apenas no campo dos trabalhos manuais não incluía distinção entre os vários tipos de doentes.

Foi Kurt Schneider (1887 - 1967) quem, em finais dos anos 1930, sistematizou os tipos de tratamentos adequados conforme os tipos de pacientes e graus da patologia, nomeadamente no campo da esquizofrenia.

A terapia ocupacional em Portugal era praticamente nula ou mesmo inexistente até finais do século XIX. Deve-se à Ordem de São João do Hospital (Instituto São João de Deus^[1]) a criação em Portugal da Casa de Saúde do Telhal^[2] e da Casa de Saúde da Idanha, respectivamente para homens e mulheres, nos finais do século XIX, que veio a adoptar como modelo de reabilitação, o modelo proposto por Pinel e Simom: visava-se a reabilitação e inserção social do doente através do trabalho (do trabalho produtivo propriamente dito, não de uma mera ocupação dos tempos livres), dotar o doente dos conhecimentos, técnicas e disciplina de uma profissão, tornar o doente útil a si mesmo e à sociedade, produtivo, auto-suficiente, aumentar-lhe a auto estima através do trabalho.

*Para este modelo muito contribuiu o trabalho e a dedicação do médico Luís Cebola, que foi Director Clínico da Casa de Saúde do Telhal de 1911 até 1948. Este clínico refere no seu livro *Psiquiatria Social*, publicado em 1931, que em Portugal, todos o sabem, porque todos podem constatar-lo, não há nada, absolutamente nada que*

possa classificar-se de realização séria, de prática proveitosa em benefício dos pobres doidos que por aí abundam (in Leucotomia pré-frontal).

O primeiro curso de Terapia Ocupacional em Portugal teve início em 1957, por iniciativa da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. Em 1966 foi criada oficialmente a Escola de Reabilitação do Alcoitão, pela portaria n.º 22034, de 4 de Junho, do Ministério da Saúde e Assistência Social. Esta escola encontrava-se na altura integrada no Centro de Medicina de Reabilitação do Alcoitão, passando então a formar terapeutas ocupacionais em Portugal.

Em 1982 a então Escola Técnica da Saúde do Porto, tutelada pelo Ministério da Saúde inicia a realização de cursos de Terapia Ocupacional. É nesta escola, então denominada Escola Superior de Tecnologia e Saúde do Porto (ESTSP), que em 1993, através do D.L. n.º 414/93, de 28 de Dezembro, o curso de Terapia Ocupacional é reconhecido como superior, conferindo aos profissionais aí formados o grau de Bacharelado.

Um ano mais tarde, em 1994, é feita a reconversão da Escola de Reabilitação do Alcoitão em estabelecimento de ensino superior particular, mudando o seu nome para Escola Superior de Saúde do Alcoitão (ESSA), passando também esta escola a formar terapeutas ocupacionais com o grau de bacharel.

A 27 de Outubro de 2000 na ESTSP o curso de Terapia Ocupacional passa a licenciatura bietápica, através do D.L. n.º 1044/2000. Na ESSA a licenciatura bietápica em Terapia Ocupacional teria início um pouco mais tarde, em Janeiro de 2001.

Em Setembro de 2009 abre pela primeira vez o curso de Licenciatura em Terapia Ocupacional na ESSLEI (Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Leiria). (Os interessados neste curso deverão consultar <http://www.terapia-ocupacional.forumeiros.net>)

Actualmente existem sete escolas em Portugal a ministrar o curso de Terapia Ocupacional com a duração de quatro anos.

Enquanto profissional da área de saúde, o terapeuta ocupacional em Portugal, encontra-se integrado na carreira de Técnico de Diagnóstico e Terapêutica, regulada pelo Dec.-Lei n.º 384-B/85, de 30 de Setembro, e cujo conteúdo funcional e competências Técnicas são definidos pela Portaria n.º 256-A/86, de 28 de Maio.

A 24 de Julho de 1993, através do Dec.-Lei n.º 261/93, são regulamentadas as actividades dos profissionais de saúde, designadas por actividades paramédicas, onde se inclui a Terapia Ocupacional.

As ideias sobre assistência psiquiátrica imperantes após a Revolução Francesa tiveram uma influência maior e mais imediata no Brasil do que em Portugal, tendo sido um dos factores determinantes para isso a vinda da família real portuguesa para o Brasil (ver Maria I de Portugal).

Já em 1854, no Hospício Pedro II havia oficinas de sapataria, alfaiataria, marcenaria, florista e fiação de estopa. Em 1903,

Juliano Moreira (1873 – 1932) foi nomeado director do Serviço de Assistência Psiquiátrica pelo estímulo do trabalho como meio de beneficiar os doentes. Em 1911, Juliano Moreira criou uma colônia para mulheres em Engenho de Dentro (Rio de Janeiro) onde a terapêutica pelo trabalho passou a ser executada com maior extensão. No entanto, foi com a criação da Colônia Juliano Moreira, em Jacarepaguá, que o tratamento pelo trabalho tomou grande impulso, principalmente os trabalhos do campo (plantio de frutas, cultivo de hortas, criação de gado etc.).

Em São Paulo, sob a designação de praxiterapia, foi o tratamento pelo trabalho introduzido por Francisco Franco da Rocha (1864 – 1933) e desenvolvido por Antônio Carlos Pacheco e Silva (1898 – 1988). A finalidade desse serviço era a de "beneficiar o doente com uma ocupação livremente escolhida, metodicamente dirigida e só eventualmente útil ao hospital".

"Em meados da década de 1940, quando Nise da Silveira iniciou seu trabalho no Centro Psiquiátrico Nacional - hoje Hospício Pedro II, do Rio de Janeiro -, a polarização que existia nas primeiras décadas do século, e que dividia a psiquiatria entre as práticas ergoterápicas e o desenvolvimento de bases científicas e orgânicas, se havia desfeito. A ergoterapia fora condenada ao limbo e as práticas correntes baseavam-se em eletrochoques, lobotomias e, posteriormente, em terapia química e medicamentosa. Nise opôs-se frontalmente a tais procedimentos, colocou-se desde o início num embate contra a psiquiatria de seu tempo. Para ela, a vida psíquica deveria ser pensada como processo constante de interacção com aquilo que cerca cada ser humano. A psicopatologia, numa dimensão fenomenológica, consistiria em planos de experiência, em modos de existência e de estar no mundo. Seu interesse era penetrar no mundo interno dos esquizofrênicos, aproximar-se deles, conhecer-lhes a dor e, ao mesmo tempo, melhorar suas condições de vida. Para isso, passou a gerenciar um setor sem recursos no Centro Psiquiátrico Nacional, o Setor de Terapêutica Ocupacional, considerado, na época, um método destinado a apenas 'distrair' ou contribuir com a economia hospitalar." (in artigo sobre 'Resistência, inovação e clínica no pensar e no agir de Nise da Silveira' de Eliane Dias de Castro e Elizabeth Maria Freire de Araújo Lima) (Ver)

No Brasil, a profissão foi regulamentada em 13 de Outubro de 1969 pelo decreto-lei n. 938, publicado no diário oficial n. 197, de 14 de outubro de 1969.

O cenário actual de actuação profissional começa a se modificar com a abertura de novas faculdades, maior número de trabalhos publicados por terapeutas ocupacionais, especializações específicas e participações em eventos científicos.

Cientistas e profissionais vêm sistematizando modelos de Terapia Ocupacional atendendo ao tipo de doente, grau da doença ou incapacidade, maior ou menor disfunção e integração social do doente no seu meio (familiar, laboral, de relações). Entre outros modelos, anotamos os seguintes:

- **Modelo de Desempenho Ocupacional:** - pretende habilitar o doente para o desempenho de tarefas de forma satisfatória, que sejam

apropriados ao estado de desenvolvimento, cultura e ambiente do indivíduo. Como tarefas consideram-se todas aquelas que o indivíduo leva a cabo na sua vida do dia-a-dia (ser estudante, ser pai, ser mãe, por ex.)

- **Modelo de Reabilitação:** - pretende reabilitar o doente de forma a permitir a sua independência nas actividades da vida diária, actividades produtivas e actividades de lazer.
- **Modelo Biomecânico:** - modelo que se baseia em actividades adaptadas às capacidades do doente, que podem ser utilizadas para tratar a diminuição da amplitude e dificuldades do movimento.
- **Modelo Comportamental:** - o modelo baseia-se nas teorias e trabalhos experimentais de Pavlov (1849 – 1936), de Edward Thorndike (1874–1949) e de B. F. Skinner(1904 – 1990). A ideia central das teorias comportamentais consiste na afirmação de que a aprendizagem é a base de todos os comportamentos, que influencia o indivíduo conduzindo-o para um comportamento adaptativo ou para um comportamento inadaptado. Quando a aprendizagem se aplica à Terapia Ocupacional, o utente é visto como tendo desenvolvido um repertório de comportamentos adaptativos e inadaptados, que determinam a sua habilidade para funcionar em actividades da vida diária, tais como trabalho, actividades recreativas e lazer.
- **Modelo de Incapacidade Cognitiva:** - modelo desenvolvido em Terapia Ocupacional por Claudia Kay Allen através de duas décadas de observação intensa e investigação empírica no campo da psiquiatria. Segundo Allen a incapacidade cognitiva representa uma restrição fisiológica ou biomecânica das capacidades de processamento de informação do cérebro, que produz limitações observáveis e mensuráveis no comportamento de rotina. Este modelo foi desenvolvido para conceptualizar estratégias de intervenção para pessoas que, como resultado de patologia cerebral, não são capazes de realizar as suas actividades diárias normais. O modelo deriva de pesquisa realizada nos campos das neurociências, processamento de informação, psicologia cognitiva e psiquiatria biológica.
- **Modelo de Neurodesenvolvimento:** - Berta e Karel Bobath criaram o modelo de Neurodesenvolvimento como parte do seu trabalho nos anos 1940-50, com pacientes com paralisia cerebral e acidente vascular cerebral. A base para a elaboração deste modelo provém da observação do desenvolvimento normal e dos conhecimentos já conseguidos em neurofisiologia. As posturas do corpo, o tónus muscular, os movimentos dos membros, etc., podem definir o tratamento adequado que permitirá a reabilitação do doente, que passará por uma recuperação do cérebro ou das zonas lesadas deste.
- **Modelo de Ocupação Humana ou 'modelo moral':** - este modelo baseia-se em teorias que tiveram o seu começo nas proposições filosóficas articuladas pelos fundadores da profissão no princípio do século XX. Toda a ocupação humana procede duma tendência espontânea, inata do sistema humano, a necessidade de explorar e dominar o ambiente. Este modelo considera o indivíduo como um sistema aberto que evolui e sofre diferentes formas de

crescimento, desenvolvimento e mudança através da interação progressiva com o ambiente externo.

- **Modelo de Integração Sensorial:** - baseando a sua estrutura teórica na neurobiologia, Anna Jean Ayres (1920 - 1989) utilizou dados de neurociência, neuropsicologia e neurofisiologia, e desenvolveu uma abordagem ao tratamento que teve um impacto muito grande na profissão do terapeuta ocupacional. As suas investigações iniciais com crianças com incapacidade para a aprendizagem originaram postulados acerca da função cerebral que permitiram a elaboração da sua teoria. Segundo este modelo, a aprendizagem baseia-se nas experiências sensório-motoras e depende da capacidade da criança em receber informações sensoriais provenientes da interação do corpo com o meio ambiente, processando e integrando essas informações no sistema nervoso central, para posteriormente poder utilizá-las de uma forma organizada e adaptada.

A Terapia Ocupacional, enquanto campo de conhecimento e intervenção, pode ser aplicada nas áreas:

- **1. Intervenção terapêutica ocupacional no ambiente hospitalar - Neo-natais, Unidades de Terapia Intensiva, Pré-consulta, Pacientes terminais, Alas específicas e outros;**
- **2. Intervenção ou extensão das medidas de reabilitação - Na comunidade, em ambulatórios especializados, na composição de equipes interdisciplinares, etc;**
- **3. Intervenção em saúde mental nos processos de reabilitação e inserção social de pacientes psiquiátricos;**
- **4. Actuação no contexto social para ampliação das redes sociais de suporte de grupos desfavorecidos economicamente;**
- **5. Extensão ou intervenção em processos de ressocialização para todas as pessoas com desvantagens sociais;**
- **6. Intervenção, extensão e análise em projetos na área de saúde do trabalhador (Ergonomia, Adaptações, Saúde mental).**

Utilizando-se de actividades diversas para restaurar a capacidade dos indivíduos para realizar também actividades, os terapeutas ocupacionais têm como principal recurso terapêutico a actividade (ou ocupação) humana. Os terapeutas ocupacionais, ou TOs como denominados por uns, vêem o homem como um ser ocupacional, um ator no mundo mudando-o e sendo mudado por ele, alguém que se realiza por aquilo que constrói.

No quotidiano do homem, são realizadas actividades a todo o tempo desde o momento em que se nasce até à morte, num ciclo denominado vida. Essas acções (denominadas actividades da vida diária) podem ser complexas, como construir um prédio, ou simples, como conseguir vestir as próprias roupas, preparar o café da manhã, tomar banho ou escovar os dentes. Mas todas estas acções possuem um ponto em comum que as tornam fundamentais, elas são significativas. Possuem traços individuais que são únicos a cada indivíduo. Assim, o terapeuta ocupacional reabilita através de actividades, as também actividades de trabalho, do lazer e do autocuidado.

O Terapeuta Ocupacional pode actuar através da prevenção, habilitação ou da reabilitação (saúde). Todas as pessoas que possuem uma disfunção ocupacional nas suas actividades da vida diária são elegíveis de obter ganhos através da terapia ocupacional. Sendo que a disfunção ocupacional ocorre quando não se consegue realizar de maneira satisfatória as actividades de trabalho, lazer e auto-cuidado. Desta forma, pessoas com disfunções neurológicas (Parkinson, Alzheimer, por ex.), com condições incapacitantes ou degenerativas (cancro, artrose, artrite reumatóide, fibromialgia, etc), com disfunções motoras (traumatismos do membro superior, coluna, etc.), com disfunções relacionadas com o trabalho (lesão por esforço repetitivo, stress, baixo rendimento, etc.), com condições pediátricas incapacitantes (hiperactividade, distúrbios do brincar, distúrbios de aprendizagem, síndromas diversas, distúrbios de coordenação, etc.), com transtornos mentais (psicose, depressão, transtornos obsessivos compulsivos, neuroses e outros transtornos mentais) são o público-alvo do terapeuta ocupacional.

Os terapeutas ocupacionais actuam numa variedade de lugares como clínicas e centros de reabilitação, hospitais gerais (em ambulatórios, enfermarias ou em unidades e centros de terapia intensiva), maternidades, creches, escolas especiais, escolas regulares, asilos, postos e centros de saúde, centros de saúde mental, organizações e projectos sociais oficiais ou não governamentais, empresas, instituições de ensino superior.

Especialidades reconhecidas pela Resolução Coffito (Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional) nº 366/2009 - Órgão Brasileiro

Especialidade em Saúde Funcional

Áreas de Atuação:

Desempenho Ocupacional Cognitivo

Desempenho Ocupacional Neuropsicomotor

Desempenho Ocupacional Musculoesquelético

Desempenho Ocupacional Tecnologia Assistiva

Especialidade: Saúde Mental

Áreas de Atuação:

Desempenho Ocupacional Arteterapeutico

Desempenho Ocupacional Psicossocial

Desempenho Ocupacional Percepto-Cognitivo

Desempenho Ocupacional Senso-Perceptivo

Desempenho Ocupacional Psicoafetivo

Desempenho Ocupacional Psicomotor

Especialidade: Saúde Coletiva

Áreas de Atuação:

Desempenho Ocupacional e Saúde do Escolar

Desempenho Ocupacional e Saúde do Idoso

Desempenho Ocupacional e Saúde da Mulher

Desempenho Ocupacional e Saúde do Trabalhador

Desempenho Ocupacional e Saúde do Indígena

Especialidade: Saúde da Família

Área de Atuação:

A ser criada (em regulamentação)

Especialidade: Contextos Sociais

Áreas de Atuação:

Desempenho Ocupacional e Contexto Asilar

Desempenho Ocupacional e Contexto Prisional

Desempenho Ocupacional e Geração de Renda

Desempenho Ocupacional e Justiça e Cidadania

Desempenho Ocupacional e Inclusão Laboral

Desempenho Ocupacional e Liberdade Assistida

Desempenho Ocupacional e Liberdade Condicional

Desempenho Ocupacional e Seguridade Social

RESOLUÇÃO COFFITO nº. 366, de 20 de maio de 2009

(DOU nº. 112, Seção 1, em 16 de junho de 2009, página 42)

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

Recomendam-se as obras de Allan Kardec, Léon Denis, Yvonne do Amaral Pereira e as psicografadas por Francisco Cândido Xavier, Divaldo Peireira Franco e José Raul Teixeira, além de outras encontráveis nas bibliotecas dos Centros Espíritas e nas livrarias espíritas

